



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO / AFYA
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES,
CULTURAS E ARTES
CURSO DE DOUTORADO EM HUMANIDADES,
CULTURAS E ARTES

**NARRATIVAS DE MULHERES: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS
VIVENCIADAS NO PROJETO ARTESANATO E CULINÁRIA (ARTCULI)
NA COMUNIDADE MARCÍLIO DIAS,
COMPLEXO DA MARÉ, RIO DE JANEIRO**

MARIA APARECIDA DOS SANTOS SIQUEIRA

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Anna Paula Soares Lemos

Duque de Caxias
2022

MARIA APARECIDA DOS SANTOS SIQUEIRA

**NARRATIVAS DE MULHERES: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS
VIVENCIADAS NO PROJETO ARTESANATO E CULINÁRIA (ARTCULI)
NA COMUNIDADE MARCÍLIO DIAS,
COMPLEXO DA MARÉ, RIO DE JANEIRO**

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio – Unigranrio – “Prof. José de Souza Herdy”, como parte integrante dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Doutor em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientador: Prof.(a) Dr.(a) Anna Paula Soares Lemos

Duque de Caxias
2022

(Folha destinada a ficha catalográfica)

MARIA APARECIDA DOS SANTOS SIQUEIRA

NARRATIVAS DE MULHERES: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS
VIVENCIADAS NO PROJETO ARTESANATO E CULINÁRIA (ARTCULI) –
COMUNIDADE MARCÍLIO DIAS, COMPLEXO DA MARÉ, RIO DE JANEIRO.

Exemplar apresentado para avaliação pela banca examinadora

Em, Duque de Caxias, ____ de _____ de 2022

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Anna Paula Soares Lemos
Rio - UNIGRANRIO Universidade do Grande Rio

Prof.(a) Dr.(a). Ana Maria Pires Novaes Examinador Externo
FAETEC

Prof.(a) Dr.(a). Maria Geralda de Miranda Examinador Externo
UNISUAM

Prof.(a) Dr.(a) Denise Franca Barros
Rio - UNIGRANRIO Universidade do Grande Rio

Prof.(a) Dr.(a) Rosane Cristina de Oliveira
Rio - UNIGRANRIO Universidade do Grande Rio

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, autor da vida. Aos meus pais, ao meu irmão José Pereira dos Santos (*in memoriam*), que muito me faz falta. Ao meu marido. Aos meus dois preciosos filhos. E aos meus netos que são presentes concedidos por Deus em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado determinação, persistência e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus amados pais, José dos Santos Normando e Josefa Pereira dos Santos, ao meu irmão José Pereira dos Santos (*in memoriam*).

Aos meus dois preciosos filhos: Raphaela e Gabriel. Aos meus netos: Heitor, José Vicente, Maria Rosa e Catarina. Ao meu genro Jefferson e a minha nora Rayssa, que são presentes concedidos por Deus em minha vida.

Ao meu primo João Lanzellotti Neto, meu amigo, parceiro de caminhada e de viagens inesquecíveis para apresentação de artigos acadêmicos.

À igreja Evangélica Batista em Marcílio Dias pelo olhar social sobre a comunidade.

Às minhas colaboradoras, Márcia Andreia da Silva de Almada, Maria das Graças Cavalcante, Renata Muniz da Silva Almeida, mulheres fortes, guerreiras e resilientes, às artesãs Doraci Gonçalves da Silva e Janet Magre da Silva, as quais contribuíram nos cursos de artesanato, e as colaboradoras envolvidas neste projeto ArtCuli.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio por todos os conhecimentos compartilhados, pela generosidade em nosso percurso acadêmico e por nos inspirarem à constante busca por formação.

À UNISUAM por ser uma inspiração na minha formação acadêmica até o doutorado.

Às minhas, mestres e orientadoras Prof.^a Dra. Ana Maria Pires Novaes e Prof.^a Dra. Maria Geralda de Miranda, por seu encorajamento na minha trajetória acadêmica.

Não poderia deixar de agradecer às minhas amigas do doutorado Caroline Delfino dos Santos, Gláucia Regina da Silva Santos, que partilharam comigo diversos momentos difíceis durante esses quatro anos.

Quero externar a minha gratidão ao meu Prof.^a Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira, uma pessoa maravilhosa, sempre solícito e paciente. À minha Prof.^a Dra. Jurema Rosa Lopes Soares por compartilhar conhecimentos tão importante e a Prof.^a Dra. Anna Paula Soares Lemos por estar comigo no momento da defesa.

Ao meu esposo Arilton Siqueira Junior deixo o meu agradecimento em especial. Foram muitos anos compartilhando a vida ao seu lado com pleno companheirismo. As noites em claro e as inúmeras as renúncias valeram a pena, pois grandes realizações iniciam com grandes aprendizados. Esta é mais uma conquista nossa!

Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se eu não tivesse a caridade, eu nada seria. [...], pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia.

(1 Coríntios 13, 2. 9.)

RESUMO

As narrativas de mulheres participantes do Projeto ArtCuli, desenvolvido no ano de 2013, na favela Marcílio Dias, localizada no Complexo de Favelas da Maré, Rio de Janeiro, constituem a principal referência desta tese, que tem por temática “Narrativas de mulheres/ História Oral”. O objetivo deste estudo é compreender como essas redes de participação em projetos educativos possibilitam destinos diferenciados daqueles submetidos às condições socioeconômicas adversas das colaboradoras e como são capazes de modelar colaborações ausentes no processo educativo formal. A partir dessa configuração, indica-se cada uma das participantes como possíveis inícios de pesquisa, ou, como pontos zero para as subsequentes formações de redes de outras colaboradoras. Assim, possibilitando novos contatos com as mulheres que participaram do projeto inicial ArtCuli em 2013, por meio de narrativas. Além disso, esse grupo inicial, também chamado de “ponto zero” possibilitou identificar se houve novas redes de mulheres multiplicadoras dessa experiência educacional, partindo da hipótese de que as experiências vivenciadas pelos sujeitos nos espaços de educação não formal, proporcionam a construção de uma maior consciência sobre seus direitos e deveres, com base em princípios de cidadania. Para tanto, foram analisadas entrevistas de cinco mulheres, integrantes do projeto ArtCuli, tendo como partida a colônia de destino, inseridas na comunidade de Marcílio Dias. As narrativas dessas cinco mulheres compõem o nosso quadro de interesse de estudo. Salientamos que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em 04 de setembro de 2019 e autorizada através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 20155619.7.0000.5283, número do parecer: 3.643.774, de 16 de outubro de 2019. Portanto, a pesquisa é considerada como qualitativo-interpretativo e orientada pelos procedimentos adotados no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), referendados por Meihy (2011). Dentre as suas recomendações, privilegia-se a análise de documentos concebidos pelas colaboradoras por meio de entrevistas gravadas e sua posterior transcrição, textualização e transcrição. As bases teóricas deste trabalho encontraram respaldo: nos estudos sobre História e História Oral: Fontes e memórias, memória e narrativa: Veyne (2008); Alberti (2013); Carvalho e Ribeiro (2013). Benjamin (1986); Pollak (1996); Halbwachs (2006); Josso (2007). Procedimentos em História Oral: Evangelista (2015); Portelli (2016). Empoderamento: Onu mulheres (2016); Educação Não Formal Gohn (2011). Territorialidade: Siqueira (2013). Sobre Espaço e Lugar: Tuan (2013). Sobre Identidade: Bauman (2001); Hall (2005). Deste modo, conclui-se que precisamos repensar sobre a importância de implantar projetos que proporcione uma continuidade mais efetiva, significativas, para o desenvolvimento cognitivo e socioeconômico, propiciando a inclusão social associada aos progressos intelectual e profissional das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres; Educação não formal; História Oral de Vidas, Complexo da Maré.

ABSTRACT

The narratives of women participating in the ArtCuli Project, developed in 2013, in the Marcílio Dias favela, located in the Favelas da Maré Complex, Rio de Janeiro, constitute the main reference of this thesis, whose theme is “Women’s Narratives/Oral History”. The objective of this study is to understand how these networks of participation in educational projects enable different destinations from those submitted to the adverse socioeconomic conditions of the collaborators and how they are able to model collaborations absent in the formal educational process. From this configuration, each of the participants is indicated as possible beginnings of research, or, as zero points for the subsequent formation of networks of other collaborators. Thus, enabling new contacts with the women who participated in the initial ArtCuli project in 2013, through narratives. In addition, this initial group, also called "point zero" made it possible to identify whether there were new networks of women who multiplied this educational experience, based on the hypothesis that the experiences lived by subjects in non-formal education spaces provide the construction of a greater awareness of their rights and duties, based on principles of citizenship. In order to do so, interviews with five women, members of the ArtCuli project, were analyzed, starting with the destination colony, inserted in the community of Marcílio Dias. The narratives of these five women make up our framework of study interest. We emphasize that the research project was submitted to the Research Ethics Committee (CEP) on September 04, 2019 and authorized through the Certificate of Presentation of Ethical Appreciation (CAAE) 20155619.7.0000.5283, opinion number: 3,643,774, of 16 October 2019. Therefore, the research is considered as qualitative-interpretative and guided by the procedures adopted at the Center for Studies in Oral History (NEHO-USP), endorsed by Meihy (2011). Among its recommendations, the analysis of documents conceived by the collaborators through recorded interviews and their subsequent transcription, textualization and transcreation is privileged. The theoretical bases of this work found support: in studies on History and Oral History: Sources and memories, memory and narrative: Veyne (2008); Alberti (2013); Carvalho and Ribeiro (2013). Benjamin (1986); Pollak (1996); Halbwachs (2006); Josso (2007). Procedures in Oral History: Evangelista (2015); Portelli (2016). Empowerment: Un women (2016); Non-Formal Education Gohn (2011). Territoriality: Siqueira (2013). On Space and Place: Tuan (2013). On Identity: Bauman (2001); Hall (2005). Thus, it is concluded that we need to rethink the importance of implementing projects that provide a more effective, meaningful continuity for cognitive and socioeconomic development, providing social inclusion associated with the intellectual and professional progress of women.

Keywords: Women; Non-formal education; Oral History of Lives, Complexo da Maré.

RESUMEN

Las narrativas de mujeres participantes del Proyecto ArtCuli, desarrollado en 2013, en la favela Marcílio Dias, ubicada en el Complejo Favelas da Maré, Rio de Janeiro, constituyen la principal referencia de esta tesis, cuyo tema es “Narrativas de Mujeres/Historia Oral”. El objetivo de este estudio es comprender cómo estas redes de participación en proyectos educativos posibilitan destinos diferentes a los sometidos a las adversas condiciones socioeconómicas de los colaboradores y cómo logran modelar colaboraciones ausentes en el proceso educativo formal. A partir de esta configuración, se señala a cada uno de los participantes como posibles inicios de investigación, o bien, como puntos cero para la posterior formación de redes de otros colaboradores. Permitiendo así nuevos contactos con las mujeres que participaron en el proyecto inicial de ArtCuli en 2013, a través de las narrativas. Además, este grupo inicial, también denominado “punto cero”, permitió identificar si existían nuevas redes de mujeres que multiplicaban esta experiencia educativa, a partir de la hipótesis de que las experiencias vividas por los sujetos en los espacios de educación no formal brindan la construcción de una mayor conciencia de sus derechos y deberes, basada en principios de ciudadanía. Para ello, se analizaron entrevistas con cinco mujeres integrantes del proyecto ArtCuli, a partir de la colonia de destino, inserta en la comunidad de Marcílio Dias. Las narrativas de estas cinco mujeres conforman nuestro marco de interés de estudio. Destacamos que el proyecto de investigación fue presentado al Comité de Ética en Investigación (CEP) el 04 de septiembre de 2019 y autorizado a través del Certificado de Presentación de Apreciación Ética (CAAE) 20155619.7.0000.5283, dictamen número: 3.643.774, de 16 de octubre de 2019. Por tanto, la investigación es considerada como cualitativa-interpretativa y guiada por los procedimientos adoptados en el Centro de Estudios en Historia Oral (NEHO-USP), avalados por Meihy (2011). Entre sus recomendaciones se privilegia el análisis de documentos concebidos por los colaboradores a través de entrevistas grabadas y su posterior transcripción, textualización y transcreación. Las bases teóricas de este trabajo encontraron sustento: en los estudios sobre Historia e Historia Oral: Fuentes y memorias, memoria y narrativa: Veyne (2008); Alberti (2013); Carvalho y Ribeiro (2013). Benjamín (1986); Pollak (1996); Halbwachs (2006); Josso (2007). Procedimientos en Historia Oral: Evangelista (2015); Portelli (2016). Empoderamiento: ONU mujeres (2016); Educación no formal Gohn (2011). Territorialidad: Siqueira (2013). Sobre el espacio y el lugar: Tuan (2013). Sobre la identidad: Bauman (2001); Sala (2005). Así, se concluye que es necesario repensar la importancia de implementar proyectos que den una continuidad más efectiva y significativa al desarrollo cognitivo y socioeconómico, propiciando la inclusión social asociada al progreso intelectual y profesional de las mujeres.

Palabras llave: Mujeres; Educación no formal; Historia Oral de Vidas, Complejo da Maré.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Maré uma Cidade dentro do Rio de Janeiro	51
Figura 2	Palafitas Museu da Maré	57
Figura 3	Vista parcial, imagem 1971	59
Figura 4	Palafitas-Vista do interior da favela	59
Figura 5	Mapa de Marcílio Dias	61
Figura 6	Card em homenagem ao Dia da mulher	77
Figura 7	Curso de pintura em tecido	81
Figura 8	Curso de pintura em tecido/ Crochê	82
Figura 9	Aula prática de Culinária	82
Figura 10	Aula prática de Culinária	83
Figura 11	Curso de chinelos decorados/ Chaveiros em pedrarias	83
Figura 12	Chinelos Confeccionados	84
Figura 13	Chaveiro em pedrarias	84
Figura 14	Colaboradora MA	89
Figura 15	Colaboradora MG	90
Figura 16	Colaboradora R.M	90
Figura 17	Colaboradora D.G	91
Figura 18	Colaboradora J.M	92

QUADROS

Quadro 1	Perfil das Colaboradoras	66
----------	--------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD - Educação a Distância

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

UNISUAM - Centro Universitário Augusto Motta

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

(CHP) - Centro de Habitação Provisório

CM - Complexo da Maré

COVID -19 - Corona Vírus Disease

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

FGV- Fundação Getúlio Vargas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC - Ministério da Educação e Cultura

OBEDUC - Observatório da Educação (INEP/CAPES)

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

OMS - Organização Mundial da Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	20
1. HISTÓRIA ORAL COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA.....	20
1.1 – HISTÓRIA E HISTÓRIA ORAL: FONTES E MEMÓRIAS	20
1.1.1 – HISTÓRIA ORAL DE VIDA	24
1.1.2 – A NARRATIVA COMO PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	25
1.2 – PROJETO COM HISTÓRIA ORAL	29
1.2.1 – ENTREVISTAS E COLABORADORES.....	30
1.2.2 – REDES E COLÔNIAS	33
1.2.3 – TRANSCRIÇÃO, TEXTUALIZAÇÃO E TRANSCRIÇÃO.....	34
CAPÍTULO 2	43
2. TRAMA CONCEITUAL DA PESQUISA	43
2.1 – PANORAMA DAS DESIGUALDADES SOCIOEDUCACIONAIS SOBRE AS MULHERES.....	43
2.2 – A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	45
2.3 – TERRITORIALIDADE: TOPOFOBIA E TOPOFILIA	50
2.3.1 – A COMUNIDADE DE MARCILIO DIAS	51
2.3.2 – ESPAÇO E LUGAR A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE TUAN	60
2.4 – IDENTIDADE.....	65
CAPÍTULO 3	72
3. ENTREVISTAS: ANÁLISES.....	72
3.1 – A PESQUISADORA.....	73
3.2 – PROJETO ARTICULI.....	78
3.3 – ENTREVISTAS E AS ENTREVISTADAS	85
3.3.1 – Entrevistada: Marcia Andreia da Silva de Almeida	86
3.3.2 – Entrevistada: Maria das Graças Alves Cavalcante	87
3.3.3 – Entrevistada: Renata Muniz da Silva Almeida.....	88
3.3.4 – Entrevistada/artesã: Doralice Gonçalves	91
3.3.5 – Entrevistada/artesã: Janet Magre	92
3.4. TRANSCRIÇÕES E ANÁLISES	93
3.4.1. TRANSCRIÇÕES	93
3.4.1.1 Transcrição da entrevista com M.A realizada em setembro de 2020	93

3.4.1.2. Transcrição da entrevista com M.G realizada em novembro de 2020.....	98
3.4.1.3 Transcrição da entrevista de R.M realizada em novembro de 2020.....	101
3.4.1.4 Transcrição da entrevista com D.G realizada em dezembro de 2021.....	103
3.4.1.5 Transcrição da entrevista com J.M realizada em dezembro de 2021.....	108
3.4.2 – ANÁLISES e COMENTÁRIOS	110
3.4.3 – Análise / comentário: Maria Andreia (M.A.)	111
3.4.4 – Análise / comentário: Maria das Graças (M.G.).....	112
3.4.5 – Análise / comentário: Renata Muniz (R.M.)	112
3.4.6 – Análise / comentário: Doralice Gonçalves (D.G.).....	119
3.4.7 – Análise / comentário: Janet Magre (J.M.)	120
3.5 – A RELAÇÃO DAS COLABORADORAS COM MARCÍLIO DIAS À LUZ DOS CONCEITOS DE TOPOFILIA E TOPOFOBIA.....	122
3.5.1 – Atuação profissional.....	128
3.5.2 – Formação: Relação Educação formal versus Não-formal.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS:.....	145
ANEXO 1 – Termo de Autorização de uso de imagens e depoimentos.....	146
ANEXO 2 – Termo de Proteção de Risco e Confidencialidade.....	147
ANEXO 3 – Orçamento	148
ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	150
ANEXO 5 - Carta de Anuência	152
ANEXO 6 – Cronograma da Pesquisa	153
ANEXO 7- Roteiro de entrevista com profissional de educação	155
APÊNDICES	156
APÊNDICE 1 - Transcrição da entrevista da Marcia Andreia em 17/09/2020.....	156
APÊNDICE 2 - Transcrição da entrevista da Maria das Graças em 28.05.21.....	165
APÊNDICE 3 - Transcrição da entrevista da Renata Muniz em 28.05.21.....	175
APÊNDICE 4 - Transcrição da entrevista da Doraci Gonçalves em 19/12/2021	179
APÊNDICE 5 - Transcrição da entrevista da Janet Magre em 20/12/2021	188

INTRODUÇÃO

O complexo da Maré é um conjunto de 17 favelas localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, com aproximadamente 140 mil moradores. Esse lugar faz parte da história da minha vida na esfera pessoal, profissional, acadêmica e todas suas atividades sociais nas áreas de educação, lazer e cultura.

Durante 45 (quarenta e cinco) anos, fui moradora do complexo de favelas da Maré. No entanto, somente há 10 (dez anos) conheci “Marcílio Dias”, que é uma das comunidades que integra o Complexo da Maré. Dessa maneira, afirmo que fui criada no Complexo da Maré e sempre considerei a educação como algo muito importante, não apenas do ponto de vista do sistema formal de ensino, mas também do ponto de vista da sua dimensão humanizadora.

Ao ingressar no curso de mestrado, a complexidade social existente na comunidade “Marcílio Dias” me instigou a pesquisar sobre letramento formal e não formal. O objetivo do estudo consistia em ampliar os níveis de letramento dos alunos de uma das seis escolas envolvidas no Programa Observatório da Educação (OBEDUC). Para isso, uma grande mobilização foi realizada entre escola-aluno-família. Essa mobilização foi alcançada a partir da formação de um grupo de mães que receberam oficinas de artesanato voltadas para implementar a renda familiar com sua produção individualizada. Na pesquisa, além da questão do alfabetismo, também, consideramos o letramento na educação formal, na educação não formal e informal.

A experiência citada foi vivenciada e desenvolvida por mim e considero o grande motivo para o meu envolvimento na formação de docente nas dimensões ética, estética e política. Esse princípio defendido por Freire (2006) aponta que a educação é libertadora. Em razão disso, deve ser multiplicada a todos os cidadãos, independente da situação social em que se encontram. Apesar do contexto territorial (urbano e suburbano) onde os indivíduos residam, a formação educacional deve ser vista como um instrumento social de transformação e que permita aos sujeitos envolvidos o reconhecimento de seus direitos.

Como cidadãos, os indivíduos conquistam o direito à educação, via mobilização social. É por meio da educação que é possível garantir o *status* de cidadãos do mundo e no mundo. De modo recíproco, é por meio da educação que ocorre a transformação crítica e social dos sujeitos empoderados para a civilidade, para o desenvolvimento cognitivo, social e econômico, e para o progresso profissional.

Nesse contexto, a tese tem por temática “Narrativas de mulheres/História Oral” e como objetivo geral levar a compreender como a participação em projetos educativos possibilita destinos diferenciados para aqueles submetidos a condições socioeconômicas adversas e como são capazes de modelar colaborações ausentes no processo educativo formal.

No que diz respeito aos objetivos específicos nesta investigação apresentaremos: os conceitos de narrativas; história; história oral como seus procedimentos; redes e colônias; transcrição, textualização e transcriação; espaços formais, não formais e informais de educação, territorialidade e identidade; um histórico da pesquisadora e o projeto ArtCuli, desenvolvido na comunidade de Marcílio Dias do Complexo da Maré; investigar o local da pesquisa nas experiências das colaboradoras do projeto ArtCuli; analisar possíveis desdobramentos do projeto, via multiplicação das atividades, por parte das mulheres que participaram do programa anterior, em 2013, intitulado Ponto Zero.

Com base no exposto, partimos da hipótese de que as experiências vivenciadas pelos sujeitos nos espaços de educação não formal proporcionam a construção de uma maior consciência sobre seus direitos e deveres, com base em princípios de cidadania. Não por acaso, propomos a realização de uma pesquisa voltada para as experiências vivenciadas no projeto artesanato e culinárias (ArtCuli) da comunidade de Marcílio Dias da Maré, Rio de Janeiro, que diz respeito a uma ação social desenvolvida no ano de 2013, voltada para mulheres em um contexto de vulnerabilidade.

A partir do quadro instaurado, surgem as seguintes questões: Qual é o impacto da educação não formal sobre a vida dessas mulheres? De que forma o projeto ArtCuli proporcionou mudanças a partir das experiências vivenciadas pela mulher inserida nesse cenário? É possível identificar progresso ou retrocesso nesse perfil investigado? Quais são as diversidades culturais manifestadas por esse grupo?

Na continuação desta proposta, foram retomados contatos com algumas participantes do projeto ArtCuli, buscando apresentar, por meio de suas narrativas, o impacto dessas experiências nos seus percursos de vida, identificando ainda se outras mulheres foram influenciadas por possíveis ações de caráter multiplicador promovidas posteriormente pelas cursistas.

Caracterizamos essa pesquisa como qualitativo-interpretativo, ancorada nas contribuições da História Oral, orientada pelos procedimentos adotados pelo Núcleo de

Estudos em História Oral (NEHO-USP), referendados pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy. Dentre as suas recomendações, privilegia-se a análise de documentos concebidos pelas colaboradoras por meio de entrevistas gravadas e sua posterior transcrição, textualização e transcrição, sob a devida autorização.

Definida a comunidade de Marcílio Dias como local de destino, o *locus* de investigação da pesquisa está demarcado pela Igreja Batista da região que disponibilizou o espaço para a realização do projeto ArtCuli, localizada na Rua Dalva de Oliveira 24, Marcílio Dias Complexo da Maré, Rio de Janeiro.

Esta tese foi constituída a partir das entrevistas de cinco mulheres, integrantes do projeto ArtCuli, tendo como partida a colônia de destino, que está inserida na comunidade de Marcílio Dias. As narrativas dessas cinco mulheres compõem o nosso quadro de interesse. Salientamos que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em 04 de setembro de 2019, tendo sido autorizada através do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 20155619.7.0000.5283, número do parecer: 3.643.774, de 16 de outubro de 2019.

Estimamos que, por meio das narrativas analisadas, encontremos subsídios que apresentem o impacto da educação não formal, e que revelem ações socioeducativas que corroborem a valorização na vida dessas mulheres que são citadas como colaboradoras e inseridas em contextos de comunidades. Desta forma, a estruturação da tese apresenta três capítulos, organizados conforme descrito a seguir:

No primeiro capítulo, a abordagem foi sobre “História Oral como procedimento da pesquisa”, e sua primeira seção trata da História e História Oral: fontes e memórias apresenta conceitos referentes à metodologia empregada, descrevendo os procedimentos adotados no processo de escuta das narrativas dos sujeitos da pesquisa, mulheres que participaram do Projeto ArtCuli. História Oral é uma metodologia de pesquisa que permite realizar entrevistas gravadas com pessoas que relatam, por meio de testemunhos, acontecimentos, modos de vida ou outros aspectos. Na primeira subseção, discutimos sobre a História Oral de vida que é o tipo adotado nesta tese. Na segunda subseção, discutimos a narrativa como procedimento de pesquisa.

Sabemos que existem diversos grupos que trabalham com História Oral como, por exemplo, o CPDOC- FGV que surgiu como uma necessidade de dar visibilidade a entrevistados que testemunharam importantes fatos históricos. Temos, também, o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO – USP) o qual utilizamos como base teórica Meihy e Ribeiro (2011) neste capítulo.

Assim, a segunda seção consiste em “Projeto com História Oral” uma metodologia utilizada em História Oral. Nela, temos: a apresentação da primeira subseção Entrevistas e colaboradores, a qual traz a narrativa como procedimento de pesquisa e descreve de que forma as entrevistas concedidas pelas colaboradoras são compreendidas à luz das contribuições da História Oral. Consiste em argumentos a favor da escuta às vozes de pessoas historicamente silenciadas, trazendo a possibilidade de elas mesmas narrarem suas histórias.

Na segunda subseção, tratamos dos conceitos de Redes e Colônias que são processos da História Oral. A Colônia em História Oral é a sua primeira divisão de um grupo que procura explicá-la. A rede é proveniente da colônia.

A última subseção apresenta as etapas de transcrição, textualização e transcrição, conforme descritas por Meihy e Ribeiro (2011) e de acordo com cada etapa e seus respectivos exemplos desse processo em História Oral de vida.

No segundo capítulo, considerando a importância da trama conceitual da pesquisa, será apresentado o panorama das desigualdades socioeducacionais sobre as mulheres, estruturando a primeira seção deste capítulo. Na segunda seção, será apresentada a educação não formal, que tem como objetivo captar, descobrir e interpor, em diferentes espaços, ricas experiências educativas ao longo da vida, transpondo o espaço escolar, sem, contudo, substituí-lo. Assim, a segunda seção deste capítulo discorre sobre o papel da educação não formal, sobretudo, sua relevância nos espaços periféricos. Ainda, nessa seção apresentamos os conceitos sobre educação formal, não formal e informal de educação para demonstrar suas diferenças.

A terceira seção contempla o tema territorialidade: topofobia e topofilia, dividida em duas subseções sendo a primeira: Comunidade de Marcílio Dias que compreende os marcos históricos que caracterizam a região de Marcílio Dias, localizada no Complexo da Maré/RJ, com vistas a situar o local da pesquisa. E a segunda subseção: Espaço e Lugar com base na descrição de Marcílio Dias à luz das contribuições de Tuan (2012), tendo como pano de fundo percepções das mulheres colaboradoras.

Na quarta seção, abordamos o perfil identitário das colaboradoras como origem, faixa etária, estado civil, escolaridade, atuação profissional, além do conceito de identidade e suas concepções com base em Bauman e Stuart Hall.

No terceiro capítulo, é apresentada, por meio de narrativa, a minha experiência de vida enquanto mulher moradora e atuante do/no Complexo da Maré.

Nele, refletimos sobre como o acesso à educação formal, via ensino superior, propiciou a ampliação de um olhar mais crítico e politizado sobre a vida de outras mulheres residentes no meu entorno. Em tempo, trazemos à tona reflexões que me moveram a buscar, via educação não formal, alternativas para a superação de algumas dificuldades encontradas por essas mulheres, considerando que o percurso realizado pelo acesso à educação formal foi fortemente impactado por lacunas que vão desde o drama do trabalho infantil ao casamento e cuidados com os filhos. A segunda seção do referido capítulo, será apresentada por um breve histórico do projeto ArtCuli, um projeto pertencente à educação não formal por não apresentar o perfil de uma escola regular e não possuir um currículo legitimado como o escolar. Um curso livre, desenvolvido fora do cenário escolar, tendo partido da necessidade das pessoas que estão inseridas nesta localidade e ministrado por educadores sociais. Na quarta seção, intitulada “transcrições e análises”, apresento na primeira subseção as transcrições, na segunda, as análises das narrativas e na terceira e última subseção discuto a relação das mulheres com o projeto: ingresso, percepções, expectativas e desdobramentos.

No que tange à fundamentação teórica, a reflexão é subsidiada por temas comuns aos interesses da pesquisa como: História e História Oral: fontes e memórias, memória e narrativa: Veyne (2008); Alberti (2013); Carvalho e Ribeiro (2013). Benjamin (1986); Pollak (1996); Halbwachs (2006); Josso (2007); Bernd (2011). Procedimentos em História Oral: Evangelista (2015); Meihy (2011); Portelli (2016); Borges (2006). Empoderamento: Onu mulheres (2016); Educação Não Formal Gohn (2011); (Vieira (2005). Territorialidade: Abiko e Coelho (2009); (Leeds (1978); Damatta (1997); Siqueira (2013); Silva (2009); Raffestin (1993); Santos (2011). Sobre perfil identitário Espaço e Lugar: Tuan (2013); Holzer (1999). Sobre Identidade: Bauman (2001); Hall (2005); Carvalho e Ribeiro (2013). Sobre Cooperativismo: Sennett (1999).

Esperamos que esta investigação forneça fundamentação para futuras discussões sobre o tema, o que permitirá uma reflexão mais elucidada sobre como a educação não formal pode desempenhar um papel relevante para a consecução de sistemas educacionais mais flexíveis para lidarem com uma diversidade de demandas sociais relacionadas à formação das mulheres, bem como, seu acesso ao mercado de trabalho.

E salientamos que é preciso refletir sobre a importância de implantar projetos para mulheres os quais proporcionem uma continuidade mais efetiva,

propiciando a inclusão social associada aos progressos intelectual e profissional dessas corajosas e audaciosas mulheres.

No mundo globalizado, possuir a noção dos nossos direitos e deveres no tocante à educação é primordial, principalmente, se aquilo que foi aprendido, transmitido, formado ou informado venha por meio de uma educação não formal. A aplicação dessa noção no ambiente familiar e na vida de tantas mulheres, trabalhadoras, mães, educadoras, guerreiras, é de grande importância, trazendo para o debate a questão da cidadania plena, ou seja, como nós cidadãos podemos tratar os outros com base nos direitos e deveres constituídos pela Constituição Federal e no trato diário dessas mulheres. Assim, o espaço e/ou o local que se vive não está livre da aplicação da nossa Carta Maior, devendo haver o respeito aos direitos e deveres de todos ali inseridos.

CAPÍTULO 1

1. HISTÓRIA ORAL COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA

O CPDOC- FGV é um grupo que trabalha com História Oral. Ele surgiu como uma necessidade de dar visibilidade a entrevistados que testemunharam importantes fatos históricos. E, ainda temos, o Núcleo de Estudos em História Oral NEHO – USP o qual, nesse capítulo, utilizamos como base teórica Mehy e Ribeiro (2011).

Assim, a segunda seção consiste em “Projeto com História Oral” uma metodologia utilizada em História Oral.

A primeira subseção “Entrevistas e Colaboradores, traz a narrativa como procedimento de pesquisa” e descreve de que forma as entrevistas concedidas pelas colaboradoras são compreendidas à luz das contribuições da História Oral. Consiste em argumentos a favor da escuta vozes de pessoas historicamente silenciadas, trazendo a possibilidade de elas mesmas narrarem suas histórias.

Na segunda subseção, tratamos dos conceitos de redes e colônias que são processos da História Oral. A Colônia em História oral é a sua primeira divisão de um grupo que procura explicá-la. A rede é proveniente da colônia.

Por fim, a última subseção apresenta as etapas de transcrição, textualização e transcrição, conforme descritas por Mehy e Ribeiro (2011) e de acordo com cada etapa seus respectivos exemplos desse processo em história Oral de vida.

1.1 – HISTÓRIA E HISTÓRIA ORAL: FONTES E MEMÓRIAS

A História se apresenta, atualmente, cada vez mais próxima a outras áreas de conhecimento que têm como meta estudar o homem, como, por exemplo, a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Geografia, a Psicologia e a Demografia, entre outras, buscando demonstrar a dimensão que o homem teve e ainda tem em sociedade. Esse diálogo entre diferentes áreas do conhecimento amplia a visão de mundo do indivíduo, o que chamamos de interdisciplinaridade. Ela, entre as Ciências Humanas, é uma ciência bastante fértil. Sendo assim, podemos entender que a história faz parte da vida humana. Portelli (2016, p.15) destaca:

os historiadores geralmente não sabem que existem áreas de experiência imprevistas que eles deveriam explorar; os narradores podem nem sempre estar cientes da relevância histórica de sua experiência pessoal.

O autor acredita que por meio das fontes orais pode-se questionar as fronteiras que separam o que é compreendido enquanto a História oficial e o que não é abordado por ela. Ainda para Meihy (2010, p.179):

a História como tal – disciplina decorrente de fatores ligados aos documentos escritos e, portanto, espaço de letrados - não é alternativa única ou hegemônica [...] Há lugar, outros atalhos, com destaque às referências menmônicas feitas por meio de expressão oral.

Nesse contexto, a pesquisa com narrativas elucida vozes de pessoas comuns a partir da perspectiva da sociedade. Benjamin (1987), descreve a importância da oralidade enquanto elemento cultural utiliza, como exemplo, as práticas narrativas oriundas de pessoas socialmente pouco valorizadas, por vezes discriminadas e, portanto, tal como descrito por Portelli (2016), que desconhecem o seu papel no processo da construção da História.

Na visão de Veyne (2008, p.11-12), a narrativa histórica é vista como um “romance real”:

O que é a história? A julgar pelo que ouvimos a nossa volta, é indispensável que a questão seja recolocada. [...] não é um debate em vão o de se saber se a história é uma ciência, pois “ciência” não é uma palavra sagrada, mas um termo preciso, e a experiência mostra que a indiferença pela discussão sobre termos é, frequentemente, acompanhada por uma confusão de ideias sobre a própria coisa. Não, a história não tem método: tentem pedir que lhes demonstre seu método. Não, ela não explica coisa alguma, se é que a palavra explicar tem sentido [...]. Não basta afirmar, mais uma vez, que a história fala “daquilo que jamais se verá duas vezes;” também não se trata de pretender que ela é subjetividade, perspectivas, que interrogamos o passado a partir de nossos valores, que os fatos históricos não são coisas, que o homem se compreende e não se explica, que dele, não é possível haver ciência. [...] A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a História da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos não existe. [...] Os historiadores narram fatos reais e têm o homem como ator; a história é um romance real.

O autor relata que a história não tem um método. A História expressada nos dois últimos séculos também não existe, os historiadores relatam fatos reais e têm como ator

os homens, isto é, ele menciona que a história trata do específico e que não pode ser dito novamente, além de depender da subjetividade do sujeito do conhecimento histórico. O que muitos historiadores pleitearam ser científica, não teria força como tal, pois não dispunha de método, tampouco explicava algo como as ditas “ciências”. Sendo assim, segundo o autor, a história não pertencia ao campo das ciências, mas das narrativas - um romance - todavia, concebe-se num romance real.

Percebemos que existe uma diferença entre o historiador e o poeta e precisamos compreender essa distinção. Sabemos que o historiador narra coisas que ocorreram e o poeta coisas que poderiam ocorrer. Nas narrativas apresentadas pelas colaboradoras percebemos que existem momentos em que elas também narram coisas que ocorreram no projeto ArtiCuli e coisas que poderiam ocorrer, assim, podemos entender que de certa forma em alguns momentos além de colaboradoras foram historiadoras e poetas. Entretanto, Veyne (2008, p.18) destaca:

Em nenhum caso, o que os historiadores chamam de um evento é apreendido de maneira direta e completa, mas sempre incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por tekmeria, por indícios.

Notamos que a história, com impacto, não se adaptaria no âmbito das ciências, mas das narrativas, no entanto uma narrativa que cuida de eventos de modo efetivo ocorridos na realidade passada. Às narrativas apresentadas podemos chamar de testemunhos das mulheres que vivenciaram experiências individuais e coletivas passadas no projeto ArtiCuli. Sabemos que história sempre foi convocada a dar respostas, quanto mais nos referenciamos, de referenciais precisamos dar respostas exatas, mas existe as memórias que de outro lado vem como um agente fluido algo que não está determinado num referencial ou num suporte concreto, pois quase sempre a memória perpassa pela fala.

A História Oral como um método de pesquisa, para (ALBERTI, 2013. p37). “não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento.” E ainda, para Portelli, (2016, p.12) a História Oral como metodologia permite abordagens transdisciplinares e interdisciplinares, oportunizando várias áreas de investigação. O autor defende a História Oral como:

“arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações”, a qual não diz respeito somente ao evento, visto que se relaciona “ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”

Diante disso, há necessidade de escutar aquilo que o narrador considera como relevante narrar. O diálogo se faz necessário em pesquisa realizada através do método de História Oral.

A opção pela pesquisa com História Oral se justifica em razão de este procedimento trazer as pessoas excluídas ao cerne das discussões por meio de suas próprias experiências e assim torná-las protagonistas de suas próprias histórias. Ainda com esta mesma perspectiva será utilizado o diário de campo para o registro das observações em torno da realidade observada. Detalhamentos do processo investigativo (o que, como, quem e quando) serão importantes contribuições para análises posteriores.

A História Oral favorece o diálogo e a colaboração dos sujeitos, levando em conta as experiências, memórias, identidades e subjetividades, o que resulta em uma construção de narrativas a partir dos estudos levantados das experiências de pessoas ou grupos. A História Oral vem se propagando pelo mundo depois da II Guerra Mundial e ganhando muitos adeptos no Brasil, pois lida com o passado e o presente.

De acordo com Carvalho e Ribeiro (2013, p.16):

Trabalho de história oral é que ela seja entendida como um conjunto de procedimentos, e não apenas a realização de uma ou mais entrevistas. Esses procedimentos envolvem a elaboração de um projeto, que se desdobra no contato de pessoas a serem entrevistadas, na criação de uma relação entrevistador e entrevistados em que cabe explicar o projeto e suas intenções, e abrir para contribuições, caso o entrevistado ache pertinente.

A pesquisa em História Oral não deve buscar apenas informações, mas deve revelar a totalidade de algo como a identidade de um grupo. Ela parte do pressuposto de que é necessário ter uma gravação de áudio ou vídeo, de acordo com os interesses do pesquisador, seguido pela transcrição, textualização e transcrição do respectivo conteúdo (entrevista).

A História Oral refere-se a uma opção metodológica que implica rigor no trato das narrativas e valorização dos conhecimentos dos sujeitos e do saber que com ele pode ser construído, (...) com respeito a critérios éticos e metodológicos que nortearão o desenvolvimento do trabalho. (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p.162)

Assim, a História Oral se organiza partir de um projeto maior, que se sobrepõe à coleta de dados e que não tem por objetivo a comprovação de verdades. Em História

Oral de Vida por exemplo, “a experiência em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial” (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p. 83).

1.1.1 – HISTÓRIA ORAL DE VIDA

História Oral de Vida é um dos quatro gêneros narrativos dessa espécie e não se confunde com biografia, dado ressaltado por Meihy e Ribeiro (2011). Os outros três gêneros referem-se à História Oral Testemunhal, História Oral Temática e Tradição Oral. O gênero de trabalho em história oral que nós escolhemos foi a temática História oral de vida.

Em um projeto de história oral de vida, o colaborador tem uma ampla liberdade para explanar, com liberdade sobre sua experiência pessoal de acordo com sua vontade e condições. Para Meihy, 2011.p.84: “A possibilidade de a história oral de vida explorar aspectos da intimidade de individual que ganha espaço na medida em que os estudos sobre a vida privada são cultivados”. Expressando maior vivacidade. A história oral de vida aponta características do narrador-colaborador, através de narrativas pessoais,(impressões, sentimentos, sonhos). Com esses gestos entramos em territórios de difícil acesso como: individualidade, afetos pessoais e coletivos, visões subjetivas.

A colaboradora D.G no seu testemunho revela impressões e sentimentos envolvidos em sua fala ao relembrar sua adolescência:

“eu era bagunceira aí depois que eu peguei mais idade meu pai me colocou (risos) contra parede falou eu tinha de via ter uns 15 anos eu estava na terceira série ainda. (fez gestos com os olhos, dando ênfase).”

A colaboradora M.G nos revela algo da sua individualidade em relação aos seus filhos: “você não pode comprar um pão, tinha dia que você queria levar na praça não podia. Não podia deixar na rua. Entendeu? Porque eu sempre fui uma mãe muito cuidadosa com eles”.

Considerando o interesse em desvendar como as experiências de aprendizagem se processam para além dos "muros da escola", encontramos subsídios nas narrativas e História Oral para o desenvolvimento da pesquisa com as mulheres que se encontram em espaços dentro da favela. De acordo com Josso (2007, s./p.):

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. E será facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente se pretendemos contribuir para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade.

Assim, pretendemos, explorar as contribuições da História Oral de vida, utilizando entrevistas gravadas com os sujeitos pesquisados.

1.1.2 – A NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO DE PESQUISA

As narrativas ganham tônica via entrevistas devidamente autorizadas. A entrevista será o instrumento que proporcionará o diálogo entre as colaboradoras e o pesquisador. No trabalho de campo, o pesquisador requer cuidados diferenciados e sensibilidade, em função de buscar experiências e não meras informações.

Para o desenvolvimento desta tese e o conseqüente alcance dos objetivos previstos, a metodologia apoiou-se nas contribuições da História Oral, partindo especificamente do trabalho de escuta às narrativas de mulheres, então moradoras do Complexo da Maré. Assim, elementos como história e memória se apresentam como importantes marcadores para a compreensão de como tais sujeitos estruturam suas falas, como organizam suas vivências, que elementos são eleitos para serem elucidados, e quais memórias são apagadas.

A narrativa se faz presente em nosso dia a dia tendo como elementos principais: o narrador, o personagem, o enredo, o tempo e o espaço. Sendo assim, a experiência da pessoa será fundamental na sua narrativa. Então, enquanto narradora, minha trajetória será o ponto inicial para descrever as histórias dessas mulheres inseridas no projeto ArtCuli.

Esse procedimento narrativo se dá a partir das experiências dessas mulheres, o que permite demonstrar histórias que não foram ainda contadas e que, em suma, trazem uma grande riqueza em termo de escrita e histórias inéditas. O participante é o principal

autor da sua própria trajetória. Assim, a opção pelo trabalho com narrativas traz a possibilidade de essas pessoas, historicamente, silenciadas, terem o direito de voz na sociedade.

Assim, as pesquisas com narrativas, sobretudo a partir da perspectiva da História Oral, nos conduzem à reflexão sobre conceitos importantes que se referem à história, memória, experiências, colônia, redes, colaborador. Sabe-se que a História busca compreender as transformações as quais influenciam a dinâmica das sociedades humanas, pois “a transformação é a essência da História”. (BORGES, 2006, p.50)

Conforme Walter Benjamin (1996), as bases teóricas que sustentam a pesquisa com as mulheres de Marcílio Dias estabelecem uma forte articulação entre narrativa e temporalidade com ênfase sobre a ideia de significados e memória. O autor cuida de especificar que não se intenciona trazer à tona uma memória oficial, fidedigna às experiências reais, mas memórias construídas a partir do que o narrador pretenda que seja lembrado. As narrativas são, pois, elementos que trazem forte significado pessoal e articulam presente, passado e futuro, instigadas pela rememoração, trazendo não “uma vida como de fato foi e sim uma vida lembrada por quem a viveu”. (BENJAMIN, 1996, p. 37)

O conceito de memória pode ser entendido como a capacidade de reter, recuperar ou armazenar e evocar ideias. A memória grava, exclui e relembra. Portelli (2016, p.18) considera que “a memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado”. A memória se torna fluida seletiva e líquida, enquanto, que a história vai se apoiar em documentos escritos com uma certa vitalidade próprias com critérios de armazenamento, com por exemplo, acervos bibliotecas, etc.

Com base nas contribuições de Pollak (1996), a memória apresenta-se como seletiva. Então, só podemos apreender o que existe na memória de alguém por meio de uma sistematização em forma de narrativa. A memória e a identidade são fenômenos construídos socialmente e individualmente, sendo essa construção consciente ou inconsciente. A memória é a principal substância na narrativa. De acordo com Pollak (1992, p.204):

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é em parte herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações, que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.

A memória construída em relação aos seus pares é alimentada não apenas pelo vivido, mas enaltecida também pela ausência de contato com outras pessoas capazes de promover sentimentos tais como os despertados durante os encontros referentes ao projeto.

Podemos compreender a ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida. Para Pollak (1989, p.3), “em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos”.

De acordo com Halbwachs (2006), a continuidade de lembranças, incluindo as que consideramos mais pessoais pertencentes a nós mesmos, se clarifica pelas mudanças produzidas em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, isto é, “pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto” (HALBWACHS, 2006, p.69). A compreensão sobre a memória, tal como observado, implica-nos ainda um olhar sobre a memória coletiva e a memória individual.

As narrativas dessas mulheres apresentam memórias sobre suas infâncias, escolaridade, tempo e trabalho. Buscaremos identificar quais os sentidos atribuídos a essas memórias construídas ao longo da vida. O desenvolvimento dos procedimentos adotados pela História Oral permitem acessar as memórias dessas mulheres.

Atualmente, a memória não é mais vista como um armazenamento de dados sobre o passado. Trata-se de haver uma seleção que define o que esquecer e o que lembrar. Ela, a memória, compreende uma ligação direta e afetiva com o passado.

O par memória/esquecimento não se coloca em oposição dialética; o esquecimento é elemento constitutivo da própria memória que não pode se manifestar sem os processos de esquecimento, de seleção e de reconstituição através de vestígios e/ou indícios que favorecem o trabalho de preenchimento das lacunas deixadas por lembranças interrompidas. (BERND, 2011, p.07)

O esquecimento é um elemento constitutivo da memória e deixa claro que ambos têm suas particularidades e que caminham juntos, permitindo o “não dito”.

Nas entrevistas com as colaboradoras, ocorreram momentos de silêncio. Lembranças foram interrompidas em algum momento de suas vidas. E esse silêncio deve ser respeitado. Alessandro Portelli (1997), em suas análises sobre a oralidade

presente nas fontes orais, isto é, oralidade que, constantemente, é desconsiderada no processo de transcrição e posteriormente de análise do objeto, alega que ao desconsiderar as formas de se expressar e as conseqüentes emoções estáticas nesse processo, tornamos "insípido o conteúdo emocional do discurso inclinado para a equanimidade e objetividade do documento escrito" (PORTELLI, 1997, p.29).

Para Benjamin (1996), as narrativas não estão atreladas apenas ao fator tempo (*Kronos*), mas sim, às experiências vivenciadas pelo próprio indivíduo no decorrer da sua trajetória, mais especificamente as suas memórias sobre tais experiências. Trata-se, pois, das representações da realidade e dos significados atribuídos pelos narradores em relação às suas vivências. A narrativa expressa um olhar, uma perspectiva diante de outras tantas possíveis que não compete à pesquisa (narrativa) sua averiguação. Ressaltamos, tal como proposto por Benjamin (1996), que a riqueza da narrativa não se refere à realidade dos fatos narrados, mas à subjetividade presente na fala de quem os narra.

As narrativas sempre estão vigentes em nossas vidas cotidianas, o que permite contá-las ou relacioná-las às experiências vivenciadas. Conforme Bastos (2004, p.119), "passa-se também a discutir o conceito de narrativa e a compreendê-la como uma forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual pode-se estudar a vida social em geral".

Ao longo da pesquisa utilizamos o termo experiência¹ ancorados nas contribuições do filósofo Walter Benjamin (1986) que, em seu trabalho, valoriza a experiência humana como base para transmissão de compartilhamento de legados culturais, contribuindo para a compreensão dos processos históricos. De acordo com o autor: "a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores" (BENJAMIN, 1986, p.198). O uso do termo "experiência" é usual nas narrativas das colaboradoras, revelando-nos haver uma significativa importância para elas, conforme apresentado em suas falas:

¹ "experiência pode ser entendida como um contato epistêmico direto com uma fonte cognitiva de informações. Esse contato resulta marcas singulares que formam o sujeito. Algumas experiências podem ser "Armazenadas em nossa memória de forma a definir padrões de comportamento subjetivos".CARVALHO E RIBEIRO. História Oral na Educação: memórias e identidades. Temas Transversais. Cetec capacitações. Centro Paula Souza: São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.cpsctec.com.br/memorias/historiaoral.pdf> Acesso em 17.01.2022.

² O projeto com História Oral tratado neste capítulo é distinto do projeto ArtCuli nesta tese

³ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) trata-se de uma autorização prevista pela

M.A: A experiência de participação no projeto me despertou a vontade de continuar e formar turma, porque eu estaria dando estabilidade financeira para algumas pessoas da comunidade que não têm nenhum recurso.

A colaboradora evidencia, em sua fala, que a experiência vivenciada no projeto ArtCuli despertou a necessidade de compartilhar o aprendizado com outros indivíduos da comunidade, isto é, passar um legado deixando para o outro o que havia apreendido.

Refletindo sobre experiências a colaboradora M.G relata:

Eu participei do projeto ArtCuli e a minha experiência foi ótima pra mim, foi muito boa! Nesse tempo, não estava tomando conta de criança, estava fazendo nada... só o marido trabalhando, aí não deu... (gestos de lamentação com a mão) (...) Foi uma experiência muito boa que eu tive. É... foi ótimo, foi ótimo! Depois que encerrou o curso de artesanato, iniciamos o de culinária. Eu gostei das duas experiências, que para mim foram ótimas.

Considerando as falas das colaboradoras, entende-se que as experiências humanas são fontes de compreensão históricas para os narradores. As experiências vivenciadas têm suas características próprias.

1.2 PROJETO COM HISTÓRIA ORAL

Como podemos perceber, todo processo de trabalho se inicia com uma elaboração de um projeto. Então, a existência de um projeto é essencial para a História Oral. É a partir do projeto que refletimos sobre qual instrumentos utilizar, teorias, valores e concepções, selecionamos nossos entrevistados, temas, objetivos, justificativas, hipóteses, metodologia, fontes, cronograma, enfim, deve ter um planejamento, ou seja, é uma organização.

Um projeto de História Oral² pode presumir um caminho estabelecido a princípio. No entanto, pode ocorrer durante o caminho novas descobertas, situações não previstas. Todo projeto tem uma flexibilidade.

Meihy, 2011, p.13), compreende por projeto de História Oral: “o plano capaz de articular argumentos operacionais de ações desdobradas de planejamentos de pesquisas

² O projeto com História Oral tratado neste capítulo é distinto do projeto ArtCuli nesta tese

prévias sobre algum grupo social que tem algo a dizer”. Podemos garantir que com a ausência de um projeto não haverá História Oral.

Um projeto com História Oral perpassa por etapas: precisa ter um planejamento na gerência das gravações; respeitar os procedimentos do gênero escolhido e apropriado de História Oral; ter um tratamento da passagem do código oral para o escrito, elaboração de um texto final para a pesquisa ou para edição de um livro; verificação da gravação e validação; solicitação de autorização para o uso do Termo de Ciência e Livre Esclarecimento (TCLE); arquivamento ou eventual análise; sempre que for possível publicar os resultados; definir prazo; cronograma e prever custos para execução ou orçamentos que devem ser apresentados como condição antecipadamente estabelecida.

1.2.1 – ENTREVISTAS E COLABORADORES

A entrevista, dentro da perspectiva da História Oral, perpassa por movimentos outros que vão desde a transcrição, perpassando pela textualização até se chegar à transcrição, bem como o retorno ao narrador para fins de conferência, etapa prevista para inclusão e/ou exclusão e/ou modificação da entrevista, bem como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³. Este documento é primordial para casos de pesquisa que envolvam pessoas, que é o nosso foco, por isso, utilizamos a entrevista como instrumento metodológico que faz parte do cerne do trabalho de História Oral.

Segundo Evangelista (2010, p.178), tal instrumento metodológico compreende uma prática carregada de significados:

Entre-vista” sugere a presença e o diálogo e, mais que isso, o jogo de sentidos que a relação entre os participantes propicia. Por isso, a entrevista de história oral requer cuidados diferenciados e sensibilidade por parte do pesquisador, afinal o que se busca são experiências e não informações. Entendemos a entrevista enquanto um momento em que pontos de vista distintos se encontram. Trata-se de uma situação marcada pela interlocução e pela produção de significados novos, perpetrados pela ocasião em questão. Ambas as partes integrantes de tal interação têm responsabilidade sobre seus

³ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) trata-se de uma autorização prevista pela Resolução CNS nº 196/96, de 10 de outubro de 1996 e deve aplicada em todos os casos de pesquisa que envolva seres humanos

resultados e ao admitir a ausência de imparcialidade, o pesquisador assume os riscos de escrever a história de uma outra pessoa que por alguns momentos é ele mesmo.

A entrevista não pode ser compreendida apenas como (coleta de ou conjunto de) informações, ela implica em uma organização que antecede o diálogo entre pesquisador e colaborador, nome atribuído ao sujeito que contribui, diretamente, com sua voz em uma entrevista. O uso do termo “colaborador”, adotado pela História Oral, implica em um procedimento ético que busca entender a entrevista como um movimento de interlocução, posicionando o entrevistado como um sujeito ativo. Para uma maior compreensão do uso do termo trazemos contribuições de Meihy e Ribeiro (2011, p.22-23):

No caso da história oral, por acatar eticamente o interlocutor e colocá-lo como centro gerador de visões, por levar em conta além do seu papel de ‘fornecedor de dados’ de “transmissor de informações”, ou “testemunho”, valoriza-se o conceito de colaboração. Reside aí uma das inovações da história oral mais humanizada. Note-se que colaboração não iguala as partes, mas convida a um trabalho participante em que os dois polos - os *entrevistados e entrevistadores* - são sujeitos ativos, unidos no propósito de produzir um resultado que demanda convivência. Decompondo o termo *colaboração*, temos três de seus elementos constitutivos e por eles chega-se à sua *qualificação ética* transformadora dos atos de trocas humanas. [...] Nos trabalhos em história oral, temos: *co-labor-ação*, como junção de fatores que comungam. Trata-se, pois de pensar processos de trabalho que nascem compartilhados, comprometendo os velhos princípios de alteridade em propostas com entrevistas.

Não podemos confundir entrevista com História Oral, são procedimentos distintos, “mais do que entrevista, para existência de História Oral é necessário que exista um projeto. Não há História Oral sem projeto” (MEIHY e RIBEIRO, 2007, p. 17). Para o processo de realização de entrevistas, as perguntas são substituídas por estímulos, uma vez que as primeiras buscam respostas objetivas e diretas, não se caracterizando como um objetivo da História Oral.

O critério adotado para a seleção das entrevistadas considerou cinco mulheres da comunidade Marcílio Dias que integram projetos socioeducativos voltados para mobilidade social por meio da educação. Estimamos que os resultados dos dados coletados identifiquem as demandas, os anseios e as habilidades dos sujeitos e sirvam como definidores dos projetos de minicursos sobre cidadania e iniciação profissional.

Realizamos observações, no que tange aos comportamentos expressados pelas colaboradoras, em suas residências, isto é, nos espaços onde foram realizadas as

entrevistas a fim de construirmos importantes diálogos para dar subsídios à nossa pesquisa. Depois, foram realizadas entrevistas abertas compreendidas por Minayo (2010, p.64) como sendo o momento em que "o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões".

Em um projeto de História Oral, é preciso entender a importância da colaboração dos envolvidos nesse processo. O entrevistado deve ser visto como colaborador.

“Colaboração” ou “colaborador” são nomenclaturas utilizadas como resposta de um tipo de História Oral que defende a participação em acordo entre as partes que se dispõem a construir um trabalho de cunho social. As entrevistadas são colaboradoras por entendermos que o seu papel não é de apenas informantes, mas autoras a partir de suas histórias de vidas vivenciadas no projeto ArtCuli. Segundo Carvalho e Ribeiro, (2013, p.40):

Colaboração - “Co-labor-ação” é a ação de trabalhar junto no processo de constituição do conhecimento. Entende-se que, em uma pesquisa de história oral, o entrevistado é um colaborador, ou seja, é parte fundamental do projeto. Importa dizer que diferentes sujeitos assumem distintos níveis de envolvimento na pesquisa. Importante dizer que não é apenas uma mudança de nomenclatura, mas um novo posicionamento ético em relação ao entrevistado.

Vale ressaltar que o termo colaborador “é um termo que supera outras referências como “atores sociais”, “informantes” ou “objeto de pesquisa”. O uso do conceito “colaboração” fundamenta-se em um procedimento ético e remete ao respeito com o entrevistado que não merece ser visto como “objeto” (MEIHY & RIBEIRO, 2011, p.25). As mulheres são representadas pelo termo de colaboradoras por entender que elas não são vistas como um objeto, mas sim, como participante da pesquisa.

Com os dados coletados é possível realizar uma análise do material para entendermos, com mais profundidade, a perspectiva de intervenção socioeducativa dos espaços educativos não formais. Compreendemos que o convívio promovido por meio da participação nos minicursos gera uma inevitável aproximação entre as participantes, a ponto de nos interrogarmos sobre o quanto essa influência é revertida no processo colaborativo para a busca de soluções nos diversos tipos de laços construídos (JOSSO, 2007).

1.2.2 – REDES E COLÔNIAS

Precisamos entender o significado dos termos rede e colônia na perspectiva da História Oral. As redes precisam ser sempre múltiplas porque nas distinções internas os inúmeros grupos estabelecem relações de disputa ou traços alternativos que legitimam comportamentos no interior de um mesmo planejamento organizacional. Para Carvalho e Ribeiro, (2013, p.21)

A rede ou as redes de entrevistados são grupos de pessoas formados por indicação dos colaboradores, serão estabelecidas no decorrer do trabalho. No entanto, vemos a possibilidade de definirem-se redes a partir das condições de integração, de geração, de gênero, ou não. Este princípio não elimina a possibilidade de existência de sub-redes que tragam à tona outros fatores importantes para a construção da identidade do grupo a ser estudado.

As redes são fontes da colônia e se apresentam menores, em fragmentos das comunidades de destino. O início da rede parte sempre da entrevista ponto zero, que orienta a formação das demais redes e dos próximos entrevistados de uma mesma rede. O ponto zero é a fase em que falamos ora espontaneamente sobre quem entrevistar na sequência.

Algumas colaboradoras, durante a entrevista, sempre citavam alguém que participou do Projeto ArtCuli, para compor a rede. Compartilho algumas falas para melhor compreensão sobre o que ocorre em uma rede.

M.G: “Você vai entrevistar a Renata?”. R.M: “É, a Edione (...)”. A Edione eu vi ela, lá na escola Souza Carneiro, até eu dei zap e tudo, conversei com ela, tomara que consiga falar com ela”. Outro exemplo da colaboradora: D.G: “A Janete também vai participar?” As falas das colaboradoras exemplificam o que chamamos de ponto zero.

Outro termo importante é “colônia” que, por sua vez, é o grupo de onde podem surgir os entrevistados que viveram mais intimamente conectados à experiência pesquisada. No íntimo da colônia, é possível reconhecer partes ainda mais reduzidas que detêm aspectos únicos, as quais seguem sempre às lógicas da colônia e da comunidade de destino. “Pode ser um grupo menor, contido no grupo de pessoas da comunidade de destino” (CARVALHO E RIBEIRO, 2013, p.21). Quando falamos de comunidade de

destino, compreendemos que o acúmulo de experiências que suscitaram as razões do comprometimento e pertencimento ao grupo está ligado às temáticas ou às atividades propostas, sendo parte desse contorno um grande grupo de indivíduos, que mantêm laços de afinidade e se encontram conectados por seus interesses.

Para a realização da seleção dos colaboradores é fundamental o estabelecimento de uma colônia. Meihy (1998) retrata a colônia como uma coletividade que possui um destino comum marcado, sendo estabelecida uma rede (desdobramento da colônia) através da sua definição. Ao eleger as pessoas que serão entrevistadas, frequentemente, torna-se difícil estipular prioridades. Este autor recomenda que seja definida uma entrevista, que será designada como ponto zero. Entende-se, por ponto zero, o depoente que conhece a história do grupo ou com quem se quer fazer uma entrevista central. Por sua vez, este depoente indica outra ou outras pessoas, que fazem parte da colônia, para a formação da rede.

1.2.3 – TRANSCRIÇÃO, TEXTUALIZAÇÃO E TRANSCRIÇÃO

Após a realização da entrevista, existe uma necessidade da transformação do relato oral em texto escrito. No entanto, fazem-se necessárias as etapas de transcrição, textualização e transcrição, conforme descritas por Meihy e Ribeiro (2011, p.194):

A transcrição compreende a passagem literal do oral para a escrita, incluindo as repetições, vícios de linguagem, expressões regionais e marcadores conversacionais que caracterizam a oralidade; A textualização é o trabalho de conferir à entrevista um caráter de texto, de leitura agradável e fluida inserindo perguntas e respostas em uma narrativa direta e reduzindo o excesso de marcadores conversacionais que caracterizam a oralidade; Transcrição consiste em um trabalho de tradução criativa que se preocupa eminentemente com a reconstituição da informação estética do original (entrevista).

A primeira fase é a Transcrição, é o caminho rigoroso da entrevista (após uma escuta detalhada de todo o conteúdo por algumas vezes) do áudio para o papel, com todos os seus, erros, vacilos, repetições e desconhecimentos, contendo as perguntas do entrevistador. A segunda fase é a Textualização, na qual as perguntas são anuladas e anexadas às respostas, passando a ser todo o texto de poder exclusivo do colaborador, chamando para si, como personagem único, a primeira pessoa. Durante esta fase, a

narrativa passa por uma pequena reorganização para regressar mais compreensiva, isto é, clara. Escolhe então, o tom vital, que é uma frase a ser colocada na introdução da História de Vida, por representar uma síntese moral da narrativa.

Por último, a terceira fase que é a Transcrição: é a fase na qual se efetiva no depoimento de forma mais ampla, opondo a ordem de parágrafos, retirando ou acrescentando-se palavras e frases. Por fim, realizando a dinâmica dialógica que a própria língua disponibiliza como “a pontuação, particularmente as reticências e a interjeição - que se prestam para fantásticas mostras de onde o leitor deve respirar, quais as paradas estratégicas e quais as sinuosidades propostas”. (LIMA E GUALDA, 2001). Momento em que recria, então, o ambiente da entrevista, buscando trazer ao leitor o mundo de sensações causadas pelo contato, o que não aconteceria repetindo palavra por palavra. Existe a inferência do autor no texto, que será refeito várias vezes, devendo obedecer a acertos combinados com o colaborador. Nesse procedimento, torna-se vital a legitimação da entrevista por parte do colaborador. São fases da entrevista oral importantes para que ocorra o processo para o escrito. Então, para nossa compreensão, destacamos a seguir alguns exemplos para ilustrar cada fase.

Durante o processo de tratamento do texto com base na transcrição das entrevistas foi criado um método, a partir de uma legenda identificada por cores específicas para cada categoria temática, a fim de dar suporte no momento da textualização e transcrição. A legenda facilitou o reordenamento das ideias (frases) colaborando para a construção do texto, de acordo com as temáticas abordadas. Segue a legenda utilizada neste processo. Elaboramos uma sequência dos acontecimentos da vida, porque em História Oral de vida, sabemos que tem um formato mais bibliográfico.

Legenda e suas categorias:

Transcrição

Infância/ família

Educação

Atuação profissional

Comunidade Marcilio Dias

Projeto

Pandemia

Outros temas

Tabela 1 - Exemplo de transcrição, textualização e transcrição

Transcrição colaboradora Marcia Andreia da Silva de Almada
<p>Transcrição da entrevista da Marcia em 17/09/2020. Marcia Andreia da Silva de Almada Data de nascimento: Escolaridade Autorização do nome? Sim Função: controladora de acesso (elo principal à secretaria) mediadora entre as pessoas que chegam na escola. Desde que aconteceu o incidente na escola de Realengo, a prefeitura criou este cargo para evitar o fluxo dentro da escola. Principalmente quando é para falar com a diretora ou assuntos sobre secretaria como, declaração, entre outros documentos. Só entra para falar com a diretora casos extremos. Eu sou a mediadora. Como eu fui para nessa função? Eu comecei na escola como mãe representante em 2013. Em 2009 fui contratada por uma prestadora de serviço para prefeitura como cozinheira. Em 2020 me chamaram para ser controladora de acesso. Maria Aparecida: Hoje a gente está aqui com a Marcia, e hoje vamos estar começando a nossa entrevista no dia 17.09.2020 e a Marcia vai estar se apresentando e falando um pouquinho da infância dela das brincadeiras preferidas e a gente vai dando continuidade. Vamos lá? Marcia: Vamos! Eu sou Marcia Andreia, tenho 43 anos (quarenta e três anos), nascida no Maranhão, (é..) tenho cinco quatro irmãos. Então a minha infância foi (Pausa) maravilhosa né, (com sorriso no rosto) porque eu, eu fui criada como praticamente um menino, porque eu tinha quatro irmão e então eu gostava muito de brincar das brincadeira dos meus irmãos, entendeu? Porque do que os meus irmãos brincavam eu brincava. Sou filha única né? da família toda nós somos duas mulheres sou eu e uma sobrinha (eee) morei no interior conclui o meu ensino médio interior só depois que eu fui morar na cidade (pausa) sozinha com um dos meus irmãos e quando eu conclui o meu estudo segundo grau foi que eu vim para o Rio de Janeiro, em 2000 no ano 2000. Maria Aparecida: muito bom! Como a escola marcou sua vida Marcia? você lembra? Você pode falar um pouquinho. Como foi sua educação escolar? Marcia: Olha minha educação, eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano a minha professora foi a minha mãe. Minha mãe, quando a minha mãe quando completou eu acho que 30 a minha se aposentou bem novinha. Minha mãe começou trabalhar acho com 18 ou 17 anos a minha mãe sempre foi professora, minha mãe é apaixonada e minha mãe era professora e diretora, então, como era no interior a minha mãe era professora e diretora e</p>

professora de todo mundo. Então eu fui educada pela minha mãe, todos nós fomos educados pela nossa mãe cinco irmãos e assim, era muito rígida. Minha mãe nossa! Eu apanhei muito (mostrou as mãos e bateu as mesmas juntando e sorrindo) de palmatória. Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer não! E já o segundo grau não eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. O segundo grau já tive que ir morar, ele teve que comprar uma casa na cidade, então a gente ia, o meu pai levava a gente na cidade na segunda feira e a gente ficava de segunda a sexta e o meu pai vinha do interior pegava a gente e levava agente para o interior. Foi assim essa luta toda. Mas sempre em escola pública nenhum da gente estudou em escola particular, nenhum dos filhos. Todo mundo escola pública.

Textualização da colaboradora Marcia Andreia da Silva de Almada

Eu sou Marcia Andreia, tenho 43 anos, nascida no Maranhão. Morei no interior. A minha infância foi (...) maravilhosa. Eu fui criada praticamente como um menino porque eu tinha quatro irmãos meninos e sou a única filha mulher da família. Eu gostava muito de brincar com as brincadeiras dos meus irmãos. O que os meus irmãos brincavam eu brincava. Eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano. A minha professora foi a minha mãe. Quando a minha mãe completou 30 anos ela se aposentou, bem novinha. Ela começou trabalhar entre 17 e 18 anos. Ela é apaixonada pela sua profissão. Como era no interior, a minha mãe atuava como professora de todo mundo e diretora. Todos nós fomos educados pela nossa mãe: cinco irmãos. Minha mãe, nossa, era muito rígida! Eu apanhei muito de palmatória (mostrou as mãos e bateu as mesmas juntando e sorrindo). Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer, não! E já no segundo grau, não, eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. No segundo grau, meus pais tiveram que comprar uma casa na cidade para nós estudarmos. O meu pai levava a gente na cidade na segunda-feira e a gente ficava de segunda a sexta, quando o meu pai vinha, pegava a gente e nos levava para o interior. Foi essa luta toda. Sempre estudamos em escola pública, nenhum dos filhos estudou em escola particular. Concluí o ensino médio só depois que eu fui morar na cidade (...) apenas com um dos meus irmãos. Só depois que eu vim para o Rio de Janeiro no ano 2000. Chegando aqui (...) **consegui um trabalho, onde atuei por sete anos.** Logo após, casei e tive dois filhos.

Transcrição da colaboradora Marcia Andreia da Silva de Almada

Eu sou M.A, tenho 43 anos, nascida no Maranhão. Morei no interior. A minha infância foi (...) maravilhosa (sorriso no rosto). Eu fui criada praticamente como um menino porque eu tinha quatro irmãos meninos e sou a única filha mulher da família. Eu gostava muito de brincar com as brincadeiras dos meus irmãos. O que os meus irmãos brincavam eu brincava. Eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano. A minha professora foi a minha mãe (o olhar se voltou para o teto). Quando a minha mãe completou 30 anos ela se aposentou, bem novinha. Ela começou a trabalhar entre 17 e 18 anos. Ela é apaixonada pela sua profissão. Como era no interior, a minha mãe atuava como professora de todo mundo e diretora. Todos nós fomos educados pela nossa mãe: cinco irmãos. Minha mãe, nossa, era muito rígida! Eu apanhei muito de palmatória (mostrou as mãos e as bateu juntando e sorrindo). Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer, não! E já no segundo grau, não, eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. No segundo grau, meus pais tiveram que comprar uma casa na cidade para nós estudarmos. O meu pai levava a gente na cidade na segunda-feira e a gente ficava de segunda a sexta, quando o meu pai vinha, pegava a gente e nos levava para o interior. Foi essa luta toda. Sempre estudamos em escola pública, nenhum dos filhos estudou em escola particular. Concluí o ensino médio só depois que eu fui morar na cidade (...) apenas com um dos meus irmãos. Só depois, no ano 2000, que eu vim para o Rio de Janeiro.

Chegando aqui (...) consegui um trabalho, onde atuei por sete anos. Logo após, casei e tive dois filhos.

Tabela 2- Exemplo de transcrição, textualização e transcrição

Transcrição da colaboradora Maria das Graças Alves Cavalcante
<p>Transcrição da entrevista da Graça em 28.05.21. Maria das Graças Alves Cavalcante Data de nascimento:06/08/1962 Escolaridade: Quinta série (Ensino fundamental incompleto) Função: do lar Autorização do nome? Sim</p> <p>Maria Aparecida: Oi, hoje eu estou aqui na casa da Graça pra fazer uma entrevista, a Graça ela foi uma das nossas colaboradoras no projeto Articule e ela vai falar um pouquinho sobre ela, quem ela é, o nome dela, escolaridade... Fica à vontade tá, Graça? Pode falar.</p> <p>Graça: Boa tarde, Cida meu nome é Maria das Graças eu participei do curso. Eu moro aqui na comunidade Marcílio Dias. Eu sou nascida em 6 de agosto de 62.</p> <p>Maria Aparecida: Qual a sua escolaridade graça?</p> <p>Graça: Quinta série quinta série.</p> <p>Maria Aparecida: Quinta série?</p> <p>Graça: Quinta série só.</p> <p>Maria Aparecida: Você veio de onde?</p> <p>Graça: Campina Grande.</p> <p>Maria Aparecida: Mas você veio direto pra cá pra comunidade aqui?</p> <p>Graça: Não, quando eu casei e fui morar em Campo Grande. Morei em Campo Grande um tempão. Depois voltei pra Campina Grande depois voltei pra aqui de novo. aí quando eu vim de lá vim morar aqui na Kelson.</p> <p>Maria Aparecida: E quanto tempo você mora aqui?</p> <p>Graça: Tem uns 22 anos</p> <p>Maria Aparecida: 22?</p> <p>Graça: ou mais. Quando eu vim pra aqui meu filho tinha uns 6 anos, o mais velho.</p> <p>Maria Aparecida: Ele está com 30?</p> <p>Graça: Fez 30 Em fevereiro 26.</p> <p>Maria Aparecida: Então tem 24 já.</p> <p>Graça: Já faz 24 então já né muito tempo?</p> <p>Maria Aparecida: E me diz uma coisa hoje você tem quantos anos?</p> <p>Graça: tenho 57 anos</p> <p>Maria Aparecida: 57! Então... você trabalha fora graça?</p> <p>Graça: Não, eu tomo conta de criança em casa. Trabalhar fora não trabalho não.</p> <p>Maria Aparecida: E com essa pandemia como é que está sendo pra você tomar conta dessas crianças?</p> <p>Graça: Não, por enquanto eu só estou com uma eu tinha três, mas aí as mães foram embora ou saíram do trabalho e eu estou até com um, está lá no quarto -vem cá Enzo pra tia conhecer você-</p> <p>Maria Aparecida: Que legal! Então me diz uma coisa, como é que foi, Graça, sua experiência em relação ao projeto ArtCuli? -Hm que menino bonito. Esse é o Enzo? Tudo bem, Enzo?</p>

Graça: - tia está fazendo uma entrevista aqui. - Esse aqui que eu tomo conta. O que você perguntou?

Maria Aparecida: Como é que foi sua experiência em relação ao projeto?

Graça: Ah foi ótima pra mim, foi muito bom. Eu só parei porque não tem condições de dar andamento né não estava com dinheiro pra comprar os tecidos pra fazer os panos de prato pra pintar, tudo isso. Foi mesmo naquela crise, depois começou aquela crise como é que eu ia? Nesse tempo não estava nem tomando conta de criança, estava fazendo nada... só o marido trabalhando aí não deu. Mas bem que eu gostaria de...foi uma experiência muito boa que eu tive, muito bom.

Maria Aparecida: Lá com as meninas?

Graça: É... foi ótimo, foi ótimo! Depois começou aquele curso que a gente... lembra? Da... Bolo...

Maria Aparecida: Da culinária. Depois foi o artesanato?

Graça: É depois parou artesanato e foi a culinária, aí também parou, não deu mais andamento. Mas eu gostei as duas experiências pra mim foi ótima.

Maria Aparecida: Então você acha que o curso, quando finalizou ele não deu sequência porquê?

Graça: Não sei se é porque a gente paramos no tempo não andamos mais atrás... Acho que foi isso... falta de interesse também né... das pessoas que fizeram né? Porque eu acho que é assim as pessoas daqui quando começa "ah vai ter um curso ali". As pessoas corre tudinho se escreve. Umas participam, outras não participam e depois não dão mandamento, param... eu acho que é isso.

Maria Aparecida: Então, Graça, além da experiência que você já apresentou, como foi a sua infância?

Graça: Minha filha da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em sítio né quando eu morava lá na... Campina Grande é cidade, mas aí eu morava num sítio chamado massapê. Então eu trabalhava na roça meu pai também trabalhava na roça e experiência que eu já não me lembro muito, não foi muito boa não

Maria Aparecida: Não foi muito boa?

Graça: mas aí crescemos lá... Quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tem que trabalhar na roça né... depois eu estudei ainda por força de vontade né, aí quando eu estava na quinta série eu já estava com 22 anos... não 21 por aí... aí parei pra casar, aí deixei a escolhe casei com 22 anos.

Maria Aparecida: Só tinha você de filha?

Graça: filha não, minha mãe teve 16, aí morreu seis, criou 10 né.

Maria Aparecida: Quantas meninas?

Graça: deixa eu ver... Cinco mulher. Seis que tem uma em Recife. tem duas falecidas tem uma Recife e tem quatro aqui. Duas falecidas não, tem três porque eu perdi uma irmã tem sete anos que morava aqui no rio e foi morar em João pessoa né aqui eu tenho quatro mulher só que irmão homem só tenho em João Pessoa também. Porque o que morava aqui também faleceu. Aqui mesmo é... eu moro aqui tem uma em Jacarepaguá e duas na ilha. São quatro, entendeu?

Maria Aparecida: A escola marcou a sua vida? Em algum momento?

Graça: Marcou. Eu gostava de estudar eu tinha... eu era assim... de vez em quando eu fico me perguntando "ai meu Deus porque eu parei de estudar pra casar?" porque eu era uma pessoa que pegava muitas coisas, assim, gostava de escrever gostava de ler entendeu? mas era aquele processo, você trabalhava... trabalhava com meu pai até mais ou menos 1 hora, quando dava 1h30 eu tinha que sair pra ir pra escola aí eu estudava de duas às cinco, por aí, aí quando chegava em casa de noite era luz de candeeiro, aí tinha que fazer os trabalhos foi uma coisa sofrida mas eu gostava entendeu? Parei só por isso mesmo por esse motivo de... não

levei a sério os estudos e parei pra casar né... só... aí depois com 22 anos vim pra morar aqui no rio e não continuei mais a escola, parei. Mas aí pra mim foi bom. Estudar uma coisa que... eu falo muito com os meus filhos tanto com o primeiro quanto com o segundo... meu primeiro filho estava fazendo, começou a fazer faculdade de direito aí depois parou “ah mãe, mas é porque estava muito difícil não sei o que” ele trabalhava na Cândido Mendes antes dele... Ficou quatro anos lá. Aí quer dizer, depois parou também... você sabe como é que é né a gente fala e tudo, mas eles não querem saber “olha estude porque eu sei como é que é”. O estudo me faz muita falta, Cida. Agora, se eu tivesse estudado né. (...), mas a gente tem estudo hoje não é ninguém.

Textualização da colaboradora Maria das Graças

Cida! meu nome é Maria das Graças eu participei do curso. Eu moro aqui na comunidade Marcílio Dias. Eu sou nascida em 6 de agosto de 62. Tenho a quinta série só, vim de Campina Grande, não vim logo para aqui, quando eu casei e fui morar em Campo Grande. Morei em Campo Grande um tempão. Depois voltei pra Campina Grande depois voltei pra aqui de novo. aí quando eu vim de lá vim morar aqui na Kelson. Tem uns 22 anos.! Quando eu vim pra aqui meu filho tinha uns 6 anos, o mais velho! Fez 30 Em fevereiro 26. Já faz 24 então já muito tempo? Tenho 57 anos. Não, eu tomo conta de criança em casa. Trabalhar fora não trabalho não.

Não, por enquanto, eu só estou com uma eu tinha três, mas aí as mães foram embora ou saíram do trabalho e eu estou até com um, está lá no quarto -vem cá Enzo pra tia conhecer você. tia está fazendo uma entrevista aqui. - Esse aqui que eu tomo conta. O que você perguntou?

Ah foi ótima pra mim, foi muito bom. Eu só parei porque não tem condições de dar andamento né não estava com dinheiro pra comprar os tecidos pra fazer os panos de prato pra pintar, tudo isso. Foi mesmo naquela crise, depois começou aquela crise como é que eu ia? Nesse tempo não estava nem tomando conta de criança, estava fazendo nada... só o marido trabalhando aí não deu. Mas bem que eu gostaria de (...). Foi uma experiência, muito boa que eu tive, muito bom.

É(...) foi ótimo, foi ótimo! Depois começou aquele curso que a gente(...) lembra? Da... Bolo...

É depois parou artesanato e foi a culinária, aí também parou, não deu mais andamento. Mas eu gostei as duas experiências pra mim foi ótima. Não sei se é porque a gente paramos no tempo não andamos mais atrás... Acho que foi isso... falta de interesse também né... das pessoas que fizeram né? Porque eu acho que é assim as pessoas daqui quando começa “ah vai ter um curso ali”. As pessoas correm tudinho se escreve. Um participam, outras não participam e depois não dão mandamento, param... eu acho que é isso. Minha filha da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em sítio né quando eu morava lá na... Campina Grande é a Cidade, mas aí eu morava num sítio chamado massapê. Então eu trabalhava na roça meu pai também trabalhava na roça e experiência que eu já não me lembro muito, não foi muito boa não.

mas aí crescemos lá... Quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tem que trabalhar na roça né... depois eu estudei ainda por força de vontade né, aí quando eu estava na quinta série eu já estava com 22 anos... não 21 por aí... aí parei pra casar, aí deixei a escolhe casei com 22 anos. Filha não, minha mãe teve 16, aí morreu seis, criou 10 né. deixa eu ver... Cinco mulher. Seis que tem uma em Recife. tem duas falecidas tem uma Recife e tem quatro aqui. Duas falecidas não, tem três porque eu perdi uma irmã tem sete anos que morava aqui no rio e foi morar em João pessoa né aqui eu tenho quatro mulher só que irmão homem só tenho em João Pessoa também. Porque o que morava aqui também

faleceu. Aqui mesmo é... eu moro aqui tem uma em Jacarepaguá e duas na ilha. São quatro, entendeu? Marcou. Eu gostava de estudar eu tinha... eu era assim... de vez em quando eu fico me perguntando “ai meu Deus porque eu parei de estudar pra casar?” porque eu era uma pessoa que pegava muitas coisas, assim, gostava de escrever gostava de ler entendeu? mas era aquele processo, você trabalhava... trabalhava com meu pai até mais ou menos 1 hora, quando dava 1h30 eu tinha que sair pra ir pra escola aí eu estudava de duas às cinco, por aí, aí quando chegava em casa de noite era luz de candeeiro, aí tinha que fazer os trabalhos foi uma coisa sofrida mas eu gostava entendeu? Parei só por isso mesmo por esse motivo de... não levei a sério os estudos e parei pra casar né... só... aí depois com 22 anos vim pra morar aqui no Rio e não continuei mais a escola, parei. Mas aí pra mim foi bom. Estudar uma coisa que(...) eu falo muito com os meus filhos tanto com o primeiro quanto com o segundo... meu primeiro filho estava fazendo, começou a fazer faculdade de direito aí depois parou “ah mãe, mas é porque estava muito difícil não sei o que” ele trabalhava na Cândido Mendes antes dele... Ficou quatro anos lá. Aí quer dizer, depois parou também... você sabe como é que é né a gente fala e tudo, mas eles não querem saber “olha estude porque eu sei como é que é”. O estudo me faz muita falta, Cida. Agora, se eu tivesse estudado né (...), mas a gente tem estudo hoje não é ninguém.

Transcrição da colaboradora Maria das Graças

Meu nome é M.G, nasci em 6 de agosto de 1962 em Campina Grande. Minha mãe teve 16 filhos, mas morreram 6, ela criou 10. Eram sete mulheres. Tem uma em Recife, tem três falecidas e tem três aqui no Rio de Janeiro. Irmão homem, só tenho em João Pessoa, porque o que morava aqui também faleceu. Tenho 57 anos. Da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em um sítio chamado Massapê, em Campina Grande. Crescemos lá. Eu trabalhava na roça com o meu pai, mas a experiência não foi muito boa, por isso não tenho tantas lembranças. Eu estudei só até a quinta série, quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tinha que trabalhar na roça. Depois eu estudei ainda por força de vontade. Quando eu estava na quinta série, eu já estava com 22 anos... não 21, por aí. Então, parei de estudar para casar-se. Deixei a escola e me casei com 22 anos. De vez em quando eu fico me perguntando “Ai meu Deus porque eu parei de estudar pra se casar?” A escola me marcou. Eu gostava de estudar, eu era uma pessoa que aprendia muitas coisas, gostava de escrever, gostava de ler. Mas era aquele processo, eu trabalhava com meu pai até mais ou menos 13 horas da tarde, quando dava 13h30min eu tinha que sair para ir à escola. Eu estudava das duas às cinco. Quando eu chegava em casa de noite era luz de candeeiro, tinha que fazer os trabalhos. Foi uma coisa sofrida, mas eu gostava. Parei só por esse motivo. Não levei a sério os estudos e parei para me casar. Só depois com 22 anos vim para morar aqui no Rio e não continuei mais a escola, parei. Mas para mim, foi bom. Eu falo muito com os meus filhos, tanto com o primeiro quanto com o segundo... Meu primeiro filho estava fazendo faculdade de Direito, depois parou “Ah! mãe, mas é porque estava muito difícil”. Ele trabalhava na Faculdade C.M. Ficou quatro anos lá. Depois parou também. Você sabe como é que é, a gente fala e tudo, mas eles não querem saber: “Olha! Estude porque eu sei como é que é!”. O estudo me faz muita falta. A gente sem estudo hoje não é ninguém. Agora, se eu tivesse estudado... Quando eu me casei, fui morar em Campo Grande. Morei em Campo Grande um tempão. Depois voltei para Campina Grande, depois voltei a morar aqui na Kelson⁴, na comunidade Marcílio Dias há 24 anos. Quando eu vim para cá meu filho tinha uns 6 anos, o mais velho e hoje está com 30. Já faz muito tempo.

. Eu quero vender a minha casa para sair daqui. Eu tenho vontade de sair para ficar

⁴ “Comunidade Marcílio Dias é também conhecida popularmente como Favela da Kelson’s, foi formada na antiga praia das moreninhas, entre os terrenos da Casa do Marinheiro e da fábrica da Kelson’s” (Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/favela-da-kelsons-1948/>)

perto do meu filho. Eu não tenho o que falar da Kelson, porque em vista de outras comunidades, é até calma. Meu filho mais novo também tem vontade de sair da comunidade porque ele pensa em estudar, fazer faculdade. Ele chega muito tarde, pois está estudando à noite! Começou ano passado no Colégio Heitor Lira, não encontrou vaga para estudar durante o dia. Ele vai a pé com um coleguinha, mas mesmo tendo companhia, o problema não é tanto a ida, o problema é a volta. Às vezes, nunca se sabe (gestos e expressões de preocupação). Aqui ainda, tem muita dificuldade em relação à educação. Não tem escola que ofereça ensino médio, na verdade não tem nada. O supermercado que tem não evolui nada. Tem aquela creche do pastor⁵ na pista. Acho que tem outra, a da Neide também.

Conforme podemos observar neste primeiro capítulo apresentamos conceitos relacionados à temática da pesquisa para uma melhor compreensão.

⁵ Bispo Andrade é o responsável pela Creche Celebrando a vida

CAPÍTULO 2

2. TRAMA CONCEITUAL DA PESQUISA

Considerando a importância da trama conceitual da pesquisa, a primeira seção deste capítulo aborda o panorama das desigualdades socioeducacionais sobre as mulheres. A segunda seção trata da educação não formal, que tem como objetivo captar, descobrir e interpor, em diferentes espaços, ricas experiências educativas ao longo da vida, transpondo o espaço escolar, sem, contudo, substituí-lo. Assim, a primeira seção deste capítulo discorre sobre o papel da educação não formal, sobretudo, sua relevância nos espaços periféricos. Ainda, nessa seção apresentamos os conceitos sobre educação formal, não formal e informal de educação para demonstrar, entre si, suas diferenças.

A terceira seção contempla o tema sobre territorialidade: topofobia e topofilia, dividida em duas subseções sendo a primeira: Comunidade de Marcílio Dias que compreende os marcos históricos que caracterizam a região de Marcílio Dias, localizada no Complexo da Maré/RJ, com vistas a situar o local da pesquisa. E a segunda subseção: Espaço e Lugar com base na descrição de Marcílio Dias à luz das contribuições de Tuan (2012), tendo como pano de fundo percepções das mulheres colaboradoras.

Na terceira seção, abordamos o perfil identitário das colaboradoras como origem, faixa etária, estado civil, escolaridade, atuação profissional, além do conceito de identidade e suas concepções com base em Bauman e Stuart Hall.

2.1 – PANORAMA DAS DESIGUALDADES SOCIOEDUCACIONAIS SOBRE AS MULHERES

Os movimentos sociais que se debruçam sobre as questões relacionadas ao direito da mulher vêm estabelecendo como alvo a igualdade entre as pessoas e a necessidade de um empoderamento feminino, expressão comumente ouvida nas mídias e redes sociais, por vezes, banalizada em sua importância.

De acordo com estudos impressos no documento “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, elaborado no ano de 2018 pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apenas 10,5 % dos assentos da câmara dos deputados são ocupados por mulheres. Isso significa dizer que a participação da mulher na vida pública encontra-se em contexto de desigualdade em relação aos homens.

Uma representação mínima na política, mais especificamente no corpo legislativo, implica em menos direitos às mulheres, bem como a perpetuação do quadro desigual em outras esferas. Não por acaso, a ideia de empoderamento é empregada na agenda da militância feminina, compreendendo que reivindicar cargos de relevância reflete uma melhoria na qualidade de vida das mulheres. Destaca-se, contudo que se empoderar não implica apenas em ascensão social, mas, sobretudo na compreensão da sua condição de desigual, com conseqüente busca pela superação das diferentes formas de subordinação empregadas às mulheres e violências contra elas.

No que se refere à tomada de decisões, o IBGE aponta que 60,9% dos cargos gerenciais são exercidos por homens enquanto às mulheres restam 39,1% e isso não se justifica pela formação, uma vez que 33,5% das mulheres acima de 25 anos possuem ensino superior em contraposição aos 28% de homens que obtiveram a mesma formação.

O documento supracitado trata de um conglomerado de indicadores nacionais correlacionados a direitos e meios de intervenção em segmentos públicos e privados que acabaram por ratificar o que militantes vêm denunciando nas ruas e academias: a gritante desigualdade entre homens e mulheres no Brasil. Embora elucidem um grave problema social e político, o instrumento em questão pode subsidiar pesquisas outras, além de justificar a formulação de políticas públicas em prol da população feminina.

As desigualdades não são elementos naturais. Referem-se a comportamentos socialmente construídos e vêm delimitando os espaços a serem ocupados por mulheres e homens em diferentes tempos e sociedades. As funções historicamente atribuídas à figura da mulher, em especial, no que se refere à educação que lhe foi oferecida ou a ausência de uma educação formal, é responsável pelo presente quadro instaurado: embora um dado grupo de mulheres tenha alcançado o nível superior em maior proporção em relação aos homens, estas ainda possuem salários menores mesmo exercendo a mesma função.

Por violência, também reconhecemos a ausência de políticas públicas voltadas à equidade social em relação aos homens, bem como diminuição das disparidades que se correlacionam às mulheres residentes na Maré, se comparadas a outras mulheres residentes em territórios economicamente mais favorecidos, por exemplo. Os baixos

salários que recebem, associados à baixa escolaridade, vão compondo um mapa social que posiciona essa mulher em um contexto de maior vulnerabilidade.

2.2 – A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A educação é um direito reconhecido e consagrado na legislação brasileira. Ela garante que o sujeito se aproprie deste direito. Ao se considerar a educação como um direito é também necessário acrescentar a sua condição de dever do Estado, em destaque na nossa Constituição Federal de 1988⁶:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação. (BRASIL, 1988, p. 1)

O desafio de garantir o direito à educação para todos requer uma "visão ampla" de educação: uma educação que vai além dos recursos atuais, das estruturas institucionais, das dimensões curriculares e dos sistemas tradicionais de ensino. Afinal, não só se educa nas instituições escolares.

Uma educação para a transformação precisa ser compreendida como progresso social e individual visando ao “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (LDB, 1996), o que permitirá a mobilidade social no contexto em que está inserido. Segundo Paulo Freire, "se a

⁶ Constituição Federal 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>
Acesso em 02.02.21.

educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda." (FREIRE, 2000, p.67). Sendo assim, percebemos que educação e sociedade caminham juntamente para que ocorra o progresso.

É sabido que a educação prepara o indivíduo para desenvolver suas atividades durante o percurso de sua vida. Dessa forma, a educação é primordial em vários aspectos sejam, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, imputados por um mundo globalizado.

Os conceitos de educação informal e não formal surgiram a partir da década de 1960 acarretando novos modos de educação. A educação formal, não formal e informal têm como base para sua distinção o espaço escolar. A educação não formal e educação informal são desenvolvidas fora desse espaço.

Gohn (2006), ao discorrer sobre educação não formal, ratifica a necessidade de estabelecermos distinções entre os conceitos de educação formal, não formal e informal. A autora estabelece uma diferenciação entre as três modalidades, delimitando seus respectivos campos de atuação:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GOHN, 2006, p. 28)

Na educação formal, os educadores são os professores. Os espaços educativos são os territórios das escolas, instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Nessa modalidade de ensino, "entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e à aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais se destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)". Para Libâneo (2005, p. 88):

Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada, intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não convencionais).

Entendemos que onde ocorrer instrução, seja escolar ou não, existirá educação entre as modalidades formal, não formal e informal.

No entanto, a modalidade de educação informal também tem sua importância e sua contribuição na vida das colaboradoras. A educação informal é perceptível no ambiente em que os indivíduos vivem, nos espaços de convivências, com familiares, com os amigos, vizinhos, colegas da escola, meios de comunicação etc. Gonh (2006) a respeito da educação informal, esclarece que “os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc”. (GONH, 2006, p. 28).

Precisamos compreender que a educação formal e não formal vai sempre perpassar pela educação informal, afinal o indivíduo traz consigo o seu conhecimento de vida. Já a educação não formal ocorre em organizações não governamentais, em empresas, igrejas etc. Nela, há a figura do educador social, entretanto o grande educador é o outro com quem interagimos ou a quem nos integramos. Segundo Gohn (2006, p. 30), ela “prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.”.

Na educação não formal, não temos uma organização por série, idade, os conteúdos não são sistematizados e seus objetivos não são dados a priori, uma vez que se constroem por meio do processo interativo. A educação não formal auxilia na construção da identidade coletiva do grupo, no seu desenvolvimento e fortalecimento. Então, aprendemos a todo tempo, mas o que se aprende depende de onde e como se faz este aprendizado.

Vieira (2005) retrata a educação não formal como aquela que acontece fora do ambiente escolar, podendo perpassar em vários espaços, institucionalizados ou não:

[...] a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (VIEIRA, 2005, p. 21)

Nesse contexto, a Igreja Batista de Marcílio Dias, ao ceder o espaço para o desenvolvimento do projeto ArtCuli, contribuiu para a implementação de práticas inerentes à educação não formal, compreendida como uma complementação de cunho pedagógico para a formação integral do sujeito. A educação, portanto, não pode ser

entendida exclusivamente em termos de escolarização. Ao pensá-la além desses limites, é fundamental conceituá-la em um sentido mais amplo.

Essa concepção de educação não formal situa-se, desse modo, na superação da visão tradicional que subordina as demandas educacionais apenas aos processos formais - intimamente regulamentados e institucionalizados - para um pensamento que revela as amplas possibilidades subjacentes à educação não formal, cujos eixos de ação estão ligados a uma participação cidadã, em que o sujeito aprende a viver e a converter-se em um cidadão.

A partir de suas contribuições, a educação não formal pode desempenhar um papel relevante para a consecução de sistemas educacionais mais flexíveis para lidarem com uma diversidade de demandas sociais, de maneira a promover medidas que combinem adequadamente níveis de educação formal e não formal. Cabe aqui ressaltar que uma não anula a outra. Elas caminham lado a lado e tornam a educação o principal instrumento contra a desigualdade social.

Pensar em uma educação não formal, portanto, significa pensar na construção de diferentes cenários adaptados às necessidades, aos interesses e aos problemas da população; isto é, pensar em uma proposta educativa de acordo com a situação dos sujeitos, mas mantendo os níveis de qualidade, as exigências e os objetivos, para alcançar uma real democratização da educação, da cultura e da convivência social.

Considerando a importância do processo de formação para o exercício da cidadania, preocupamo-nos com a formação das mulheres, bem como seu acesso ao mercado de trabalho. Assim, uma análise sobre o impacto das desigualdades socioeducacionais sobre elas se torna relevante na construção dos nossos estudos.

A educação pode ser vista a partir de vários ângulos. No entanto, vamos nos ater a uma educação que visa promover o acesso do indivíduo aos direitos de cidadania. “Trata-se de uma concepção ampliada, que alarga os domínios da Educação para além dos muros escolares e que resgata alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como por exemplo, o de civilidade.” (GOHN, 2011, p. 23).

Tal como acontece com outros conceitos, a noção de cidadania é difícil de especificar. No entanto, mesmo tendo vários significados, dependendo da perspectiva em questão, existem alguns pontos em comum. Por exemplo: “a cidadania é um *status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade” (MARSHALL, 2002, p. 24).

Já na visão de Gohn:

[...] é a construção de uma sociedade democrática sob a ótica dos direitos não é apenas uma questão jurídica, formal, do plano das estruturas do Estado. Pressupõe o destaque da questão da cidadania – filha direta de uma ordem de direitos justa – de forma que a governança de uma localidade ou país não se reduza a ações pragmáticas, fundadas na técnica, mas em uma governança com responsabilidade social, fundada na ética e na justiça social. (GOHN, 2018, p.16).

Seguindo a perspectiva destacada, podemos dizer que a noção de cidadania está relacionada à ideia de ser cidadão, de exercer e defender seus direitos e responsabilidades na sociedade; ter um papel dinâmico na sociedade, com o objetivo de promover e proteger a democracia e o estado de direito.

Nesse contexto, a educação não formal se destaca uma vez que visa preparar indivíduos para participar ativamente de uma sociedade democrática com todos os desafios que isso implica no mundo contemporâneo. É uma educação que tem um papel importante na promoção da harmonia social em um mundo tão diverso.

A educação não formal surge às margens da sociedade, fora da instituição escolar e dos espaços oficiais de educação. Já nos anos de 1960, o educador Paulo Freire esteve à frente deste processo, que abriu caminhos para a reflexão sobre o sentido emancipatório, transformador da educação.

Para o autor, uma aprendizagem emancipatória deve ser significativa, consistente a fim de que ocorra a autonomia. De acordo com Freire, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2006, p. 59). No entanto, para que ocorra autonomia é necessário ir além do que desenvolver atitudes isoladas e ações circunstanciais. É necessário levar em consideração o ambiente onde serão desenvolvidas as ações educativas e socioeducativas.

Desse modo, quando falamos de emancipação estamos nos referindo à ação de se tornar independente, isto é, uma ação transformadora, tendo como princípio o indivíduo em sua totalidade, o que possibilitará sua liberdade para desenvolver a própria personalidade tanto na área intelectual e social quanto emocional. Nesse processo, faz-se necessária uma aprendizagem consistente com ações educativas e práticas que permitam aos envolvidos identificarem qual o seu papel enquanto cidadãos. Libâneo (2005) relata que:

[...] educação é um fenômeno social inerente a constituição do homem na sociedade, integrante, portanto da vida social, econômica, política, cultural. Trata-se, pois de um processo global estranhado na prática social, compreendendo processos formativos que ocorrem numa variedade de instituições e atividades (sociais, políticas, econômicas, religiosas, culturais, legais, familiares, escolares), nas quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável, pelo simples fato de existirem socialmente. Falamos, pois, de práticas educativas, educações, que ocorrem em diferentes instâncias (familiar, social, profissional, escolar, meios de comunicação social etc.), mediante distintas formas (intencional/não intencional, formal/não-formal, escolar/ extra-escolar, pública/privada). (LIBÂNEO, 2005, p. 97)

Assim, como prática socioeducativa, a educação não formal se propõe a contribuir nos processos de emancipação social e tem como trabalho não a transmissão, mas “a produção do conhecimento, a defesa de uma educação para a liberdade, pré-condição da vida democrática, a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização” (BRANDÃO, apud ADAMS, 2003, p. 213).

De acordo com Gohn (2010) a educação não formal "abre janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.” (GOHN, 2010, p. 19). Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam.

É possível perceber que a educação não formal leva o indivíduo a se tornar um cidadão do mundo e no mundo. Ele aprende a cidadania na prática, na ação coletiva, no compartilhamento de experiências. Sendo assim, a relação entre o homem e o mundo é mediada pela presença de signos e os instrumentos, elementos que auxiliam o homem no processo de construção da cultura, bem como na transformação da natureza. A atividade coletiva, as relações sociais e a utilização de instrumentos configuram-se, pois, na formação da história do homem.

2.3 – TERRITORIALIDADE: TOPOFOBIA E TOPOFILIA

Esta seção compreende marcos históricos que caracterizam a região de Marcílio Dias, localizada no Complexo da Maré/RJ e contempla conceitos de favela e comunidade. Na subseção a seguir, abordaremos os temas de topofobia e topofilia que

são definidos com base em Tuan, por entender que são sentimentos manifestados pelas colaboradoras em suas narrativas a partir da análise dos seus relatos sobre suas impressões a respeito do lugar.

2.3.1 – A COMUNIDADE DE MARCILIO DIAS

A partir dos registros históricos, iniciamos esta seção com o mapa geopolítico englobando o complexo, as comunidades e bairros e os conceitos de favela e comunidade.

Figura 1 Maré uma Cidade dentro do Rio de Janeiro



Fonte: Maré: uma cidade dentro do Rio de Janeiro- Fernanda Fernandes. Disponível em: < <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro> > Acesso em 15.01.22.

Favela é uma árvore que tem favos, daí favela. Os favos são verriginosos, que tem verrugas, e elas são profundamente espinhosas, contêm espinhos que são cáusticos ao entrar em contato com a pele, causam uma ardência, que se espalha pelo corpo. Assim ocorre com a favela em sua geografia, ela inicia com pequeno povoado que cresce em números de habitantes.

Para os autores Abiko e Coelho (2009):

Favela é um termo, de certa forma genérico, comumente utilizado para definir aglomerações habitacionais de baixa renda, em condição fundiária irregular, ocupação espontânea da terra e com carência de infraestrutura, mesmo que em alguns casos parte dessas características possa não estar presente. É muito comum que as moradias de favelas sejam compostas de cômodos pequenos, úmidos, pouco ventilados, mal iluminados, com problemas estruturais e de acessibilidade. (ABIKO & COELHO, 2009, p. 15)

O termo favela surge depois da guerra de Canudos, quando os soldados voltaram para o Rio de Janeiro, na esperança de receberem moradias como promessa do governo. Isso não aconteceu, os soldados se instalaram, então, em moradias provisórias, construídas no Morro da Providência, esse local passou a ser chamado, popularmente, “Morro da favela”, em referência à favela original. Era composta por barracos de madeiras, morros e palafitas. Conforme o autor Silva, (2009, p.16): “favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria”, ou seja, com muitas ausências como podemos citar: carência de saneamento básico, poder público, posses de terras alheias, ruas irregulares como beco e vielas, pessoas habitando em barracos flutuantes literalmente dentro de mangues e praias que prevalecem em sua paisagem. . Referindo-se à perspectiva de Licia (2015):

A marca de Canudos nesse momento fundador é, assim, incontestável. No entanto, é bom frisar, não foi simplesmente Canudos, não foi uma povoação de Canudos qualquer que desempenhou o papel de mito de origem da favela carioca. Foi o arraial de Canudos descrito em Os sertões de Euclides da Cunha. (VALLADARES, 2015, p.29)

Apesar de outras histórias a respeito do surgimento, significado e expansão das favelas no Rio de Janeiro, elas, na verdade, são uma “invenção”, uma narrativa, como as realizadas pelas entrevistadas. Para esta “invenção” contribuíram poder público, mídia, pesquisadores (sociólogos, historiadores, antropológicos etc.), projetos sociais além dos

próprios moradores e estes, sobretudo, nas últimas duas ou três décadas. Esta “invenção”, narrada e encenada pelos mais diferentes personagens, evidencia, oculta, revela, esconde, dá relevo e omite, fatos, histórias, sentimentos, percepções e procuram oferecer um recorte do que se pensa ser uma favela ou, ainda, contribuir para que certas visões se articulem a interesses vigentes em determinados momentos. Por exemplo, uma visão comunitária, positiva, pode ser acionada para atrair e encantar turistas; uma narrativa de lutas e precariedades pode ser lançada para demandar do poder público ações diversas que impliquem em melhorias urbanísticas ou sociais. Isso não significa que estas narrativas são falsas ou inverdades, mas que são parciais e, muitas vezes, manipuladas por interesses diversos.

Nos dias atuais, percebemos uma paisagem diversificada como, por exemplo, temos apartamentos e casas de alvenarias, mas mesmo com essas mudanças as ausências se perpetuam. A favela é dominada pelo narcotráfico e milícias devido à falta de poder político e políticas públicas nesse espaço. De acordo com Silva (2009):

Historicamente, o eixo paradigmático da representação das favelas é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que *não seria* ou pelo que *não teria*. Nesse caso, é apreendido, em geral, como um espaço destituído de infraestrutura urbana– água, luz, esgoto, coleta de lixo; sem arruamento; Esse globalmente miserável; sem ordem; sem lei; sem regras; sem moral. Enfim, expressão do caos. Outro elemento peculiar da representação usual das favelas é sua homogeneização. Presentes em diferentes sítios geográficos – em planícies, em morros, às margens de rios e lagoas – e reunindo algumas centenas de moradores até alguns milhares, possuindo diferentes equipamentos e mobiliários urbanos, sendo constituídas por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, com variadas características socioambientais, as favelas constituem-se como territórios que se exprimem em paisagens consideravelmente diversificadas. A homogeneidade, no entanto, é a tônica quando se trata de identificar esse espaço popular. (SILVA, 2009, p. 16)

Segundo o último Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a favela é descrita como:

O setor especial de aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa.

Para o IBGE a favela é um local identificado como aglomerações subnormais, onde os indivíduos se apropriam de terrenos alheios, perto de rios ou lagoas (como no caso da Maré), com um quantitativo expressivo de pessoas na localidade, tendo ruas estreitas, o que demonstra que não há uma padronização em relação às construções o que resulta em irregularidades.

Comunidade⁷ é um eufemismo⁸. O termo comunidade surge para amenizar o termo “favela”. Esse lugar chamado “comunidade”, por uma grande parcela de seus moradores, é reconhecido por toda cidade como “favela”. Segundo Leeds (1978) em suas pesquisas sobre o assunto, favela não é comunidade, mas sim localidade conforme abaixo:

O termo localidade, todavia refere-se, no contexto das distribuições geográficas humanas, aos *loci* de organização visivelmente distintos caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização. (LEEDS, 1978, p.31)

A colaboradora RM reconhece o local como favela e comunidade:

Gosto de morar aqui em Marília Dias porque para quem já mora aqui é uma favela, uma comunidade tranquila para viver em relação a outros lugares.

Observamos que as ocupações das primeiras favelas no Rio de Janeiro se localizam na área central dos bairros da zona sul e zona norte por favorecer aproximação do centro da cidade que concentra um fluxo maior de oportunidade de trabalho.

O Projeto Rio apresentou uma a proposta de realocar os moradores das palafitas, deslocando-os para os conjuntos habitacionais construídos sobre os aterros dos manguezais. Em 1984, esse local recebeu o nome de Vila dos Pinheiros. A comunidade mais antiga, entre as dezessete comunidades presentes na Maré, é a do Morro do Timbau, tendo início da sua ocupação em 1940 e a sua associação de moradores foi inaugurada em 1954. A seguir, de forma sucinta, veremos alguns marcos temporais.

⁷ O termo comunidade será permanecido por ser recorrente nos depoimentos das colaboradoras

⁸ Eufemismo: quando uma palavra ou expressão é trocada por outra para amenizar o sentido. CORTINA, Asafe.; SIMÕES, Priscila. R.; NOBRE, Débora. M.; SANGALETTI, Letícia. *Fundamentos da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Grupo A, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595024076/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

No ano de 1947, a Comunidade da Baixa do Sapateiro, em busca de uma organização que defendia a questão de moradia digna, dez anos após seu surgimento em 1957, cria sua Associação de Moradores.

Em 1950, surge a Comunidade Parque Maré. Logo a seguir, em 1955, nasce o Parque Roquete Pinto; seis anos após, em 1961, surgem duas comunidades, sendo uma em Parque União e outra Comunidade de Parque Rubens Vaz. O nome Parque Rubens traz uma homenagem ao militar da Força Aérea Brasileira (FAB), o Major Rubens Vaz; sendo oficializada sua nomenclatura em 1965.

Surgem também, no ano de 1962, mais duas favelas, o Parque Nova Holanda, que foi construído pelo poder público na década de 1960, sendo criada como um Centro de Habitação Provisório (CHP), destinado aos moradores oriundos de morros do Rio que foram demolidos para a ampliação da cidade; e a Praia de Ramos que foi uma região ocupada com uma comunidade de pescadores que surgiu por volta de 1962.

Nos dias atuais, os conjuntos habitacionais do Complexo da Maré são: Vila do João (1982): conjunto habitacional erguido pelo Projeto Rio, do governo federal, no início da década de 1980; Conjunto Esperança (1982); Vila do Pinheiro (1983); Conjunto Pinheiro (1989); Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992); Conjunto Nova Maré (1996); Salsa e Merengue (2000), que foi oficializado como Novo Pinheiro.

Marcílio Dias tem em seu nome uma homenagem a um importante marinheiro da esquadra imperial que lutou na Guerra do Paraguai na qual se destacou por atos de bravura. Hoje, a região corresponde a uma das 17 comunidades⁹ que juntas formam o Complexo da Maré. Localizada em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro, a Maré, como comumente é conhecida está localizada na periferia da cidade, caracterizando-se ainda como sendo pertencente à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Apesar de datada a partir da década de 1940, apenas em 1986 passa a ser reconhecida como XXX Região administrativa através do Decreto nº 6011 (RIO DE JANEIRO, 1986), assinado pelo então prefeito do município do Rio de Janeiro, Saturnino Braga. Em 1988, via Decreto nº 7980 (RIO DE JANEIRO, 1988), tem sua região delimitada “Da Baía de Guanabara, na Foz do Canal do Cunha, seguindo pelo leito deste até a Avenida Brasil, até a Rua Pirangi; daí, pelo prolongamento do

⁹ A região da Maré é representada por: Vila dos Pinheiros; Morro do Timbau, Comunidade da Baixa do Sapateiro; Comunidades Parque Maré; Parque Roquete Pinto; Comunidades de Parque Rubens Vaz; Parque União; Parque Nova Holanda; Praia de Ramos; Vila do João; Conjunto Esperança; Vila do Pinheiro; Conjunto Pinheiro; Conjunto Bento Ribeiro Dantas; Conjunto Nova Maré; Salsa e Merengue Marcílio Dias. Neste estudo, considere apenas uma localidade.

alinhamento desta, até a Baía de Guanabara e, pela orla, ao ponto de partida”. Em 1994, é criado e delimitado o bairro Maré, através da lei nº 2119, assinada por Cesar Maia, prefeito da cidade na ocasião.

Embora a lei nº 2119 não reconheça a comunidade de Marcílio Dias como pertencente ao bairro Maré, e sim à Penha Circular, apoiamo-nos no Censo Populacional da Maré¹⁰, elaborado pela Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, ou popularmente Redes da Maré. A Associação “compreende que esta localidade teve um histórico de constituição comum às demais e ainda compõe o mesmo espaço social” (CENSO POPULACIONAL DA MARÉ, p. 14).

A região do Complexo da Maré foi ocupada por palafitas a partir de 1940. “Afim de contas, o espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão do outro” (DAMATTA, 1997, p. 32). Embora as descrições do autor refiram-se ao chão, ao mergulharmos no histórico da Maré, como popularmente é conhecida, vamos identificando que, a esse grupo de pessoas, as questões de territorialidade são reproduzidas ainda em meio às águas, por vezes lembradas pelos moradores como água podre, onde seus dejetos eram eliminados, retornando às residências pela ação da maré. Para essa reflexão, recorreremos, ainda, às contribuições teóricas de DaMatta (1997):

Nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade. Há também espaços transitórios e problemáticos que recebem um tratamento muito diferente. Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição como as regiões pobres ou de meretrício - fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistos como locais de transição: “zonas”, “brejos”, “mangues” e “alagados”. Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo. (DAMATTA, 1997, p. 45)

Conforme Siqueira (2013), a favela de Marcílio Dias,

Se localiza geograficamente bem distante das demais comunidades da Maré, mais exatamente na antiga praia das Moreninhas, entre os terrenos da Casa do Marinheiro e da fábrica Kelson. A princípio, teve como moradores oito famílias de pescadores que ali ergueram suas palafitas. Atualmente, conta com cerca de dois mil e trezentos

¹⁰ Censo Populacional da Maré. Disponível em: <<https://apublica.org/wp-content/uploads/2020/07/censomare-web-04mai.pdf>> Acessado em: 10/10/2021.

domicílios, uma população estimada de doze mil pessoas e um comércio de pequeno porte. Nessa comunidade, existia uma subcomunidade, denominada Mandacaru, que contava com quinhentos e cinquenta e quatro famílias cadastradas, convivendo com a ameaça de remoção por parte do poder público, o que ocorreu em 2012. (SIQUEIRA, 2013, p. 31-32)

Embora façamos uso do termo comunidade, Marcílio Dias compreende um cenário que, junto a outras favelas, compõe o Complexo da Maré. No senso comum, as favelas são caracterizadas dada a ausência de planejamento em seu processo de formação. As pessoas vão se estabelecendo de maneira informal e construindo ali suas moradias. A história de Marcílio Dias não se divorcia desse enredo, visto que a região passou a ser habitada a partir da construção de casas identificadas como palafitas.

Abaixo, segue imagem de um exemplo dessas casas. O registro fotográfico foi realizado a partir da visita ao Museu da Maré onde foi construído um modelo dessas casas para apresentar aos visitantes a história da região.

Figura 2 Palafitas Museu da Maré



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em 17.11.2021)

Segundo dados do Censo Populacional da Maré, Marcílio Dias tem como ano base de constituição 1949 e hoje apresenta um total de 6.219 moradores contabilizados a

partir de setores do bairro da maré. Sua consolidação urbanística definitiva ocorre a partir da construção de um conjunto habitacional empreendido pelo Projeto Rio, na década de 1980, para abrigar moradores das palafitas. O projeto em questão surgiu especificamente no ano de 1982 como uma ação do governo federal de renovação urbana, com foco sobre infraestrutura de regiões com crescimento desordenado. A intervenção pública se deu sobre a gestão do presidente João Figueiredo.

O perfil irregular das casas das favelas da Maré, palafitas, madeiras sobre as águas, destoavam do perfil traçado para a cidade do Rio de Janeiro pelas autoridades naquele momento histórico. Assim, substituir as palafitas por moradias de alvenaria traria uma outra estética à região¹¹. Além de Marcílio Dias, outras favelas foram contempladas com o projeto de urbanismo da Maré: Conjunto Esperança (1982), Vila do João (1982), Vila dos Pinheiros (1983) e Conjunto Habitacional dos Pinheiros (1989).

As transformações urbanas pelas quais o local passou, desde a chegada dos primeiros moradores, deixando de ser um conglomerado de palafitas para a construção de casas de alvenaria, não se limitam à intervenção pública. Os tradicionais mutirões organizados pelos próprios moradores, visando à melhoria da comunidade, partindo, sobretudo, do aterramento da região, antecedem à construção dos conjuntos habitacionais.

A seguir, segue imagem das palafitas com vista do alto por meio da qual é possível ter uma maior dimensão da localidade e das dificuldades vivenciadas pelos primeiros moradores de Marcílio Dias. A condição de exposição das pessoas à Baía de Guanabara e a vulnerabilidade as quais eram submetidas se agravavam no período de maré alta. Não por acaso, o complexo recebe essa nomenclatura.

¹¹ Rioonwatch. Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=26789>> Acessado em: 22/02/2019.

Figura 3 Vista parcial, imagem 1971



(Fonte: Acervo do Museu da Maré em, 17.11.2021)

Figura 4 Palafitas-Vista do interior da favela



(Fonte: Acervo do Museu da Maré, em 17.11.2021)

DaMatta (1997), ao desenvolver um estudo sobre a sociedade brasileira, nos faz entender que algumas de suas considerações parecem não se aplicar ao cotidiano das favelas, com a fragilidade e desconforto dos seus barracos:

Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, posso comer na varanda no caso de uma festa, mas não posso mudar de roupa na sala de visitas. (...) Ainda mais contundente é a observação de Saint-Hilaire, que nos visitou em 1816 e 1822. Falando do espaço das casas diz este viajante: “Nas casas dos pobres, assim como nas dos ricos, existe sempre uma peça denominada sala, que dá para o exterior”. É aí que se recebem os estranhos, e se fazem as refeições, sentados em bancos de madeira em torno de uma mesa comprida. (DAMATTA, 1997, p. 50-51)

Essa parcela da população à qual este texto se refere, assim como os demais moradores de regiões marcadas pelo estigma da pobreza e miserabilidade, convive com a invisibilidade e marginalização, além de se deparar com os estigmas que são impostos aos ditos favelados. A representação social que é atribuída à favela refere-se a termos pejorativos que desqualificam seus moradores.

A convivência direta com a violência e a pobreza pelas famílias residentes neste local, a falta de investimentos sociais e de infraestruturas relevantes na comunidade, por parte das entidades públicas e privadas, exigem o desenvolvimento de ações afirmativas que favoreçam a mobilidade social. A comunidade de Marcílio Dias, tal como outras, é desprovida de bens essenciais, como postos de saúde e escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e de Ensino Médio, além da precariedade no sistema de transporte público. O local também é marcado por ausência de espaços de lazer destinados à população, sobretudo às crianças e adolescentes, além da ausência de creches de forma a garantir que as mulheres possam deixar seus filhos para trabalhar, visto que, tradicionalmente, são elas as responsabilizadas pela tutela integral das crianças.

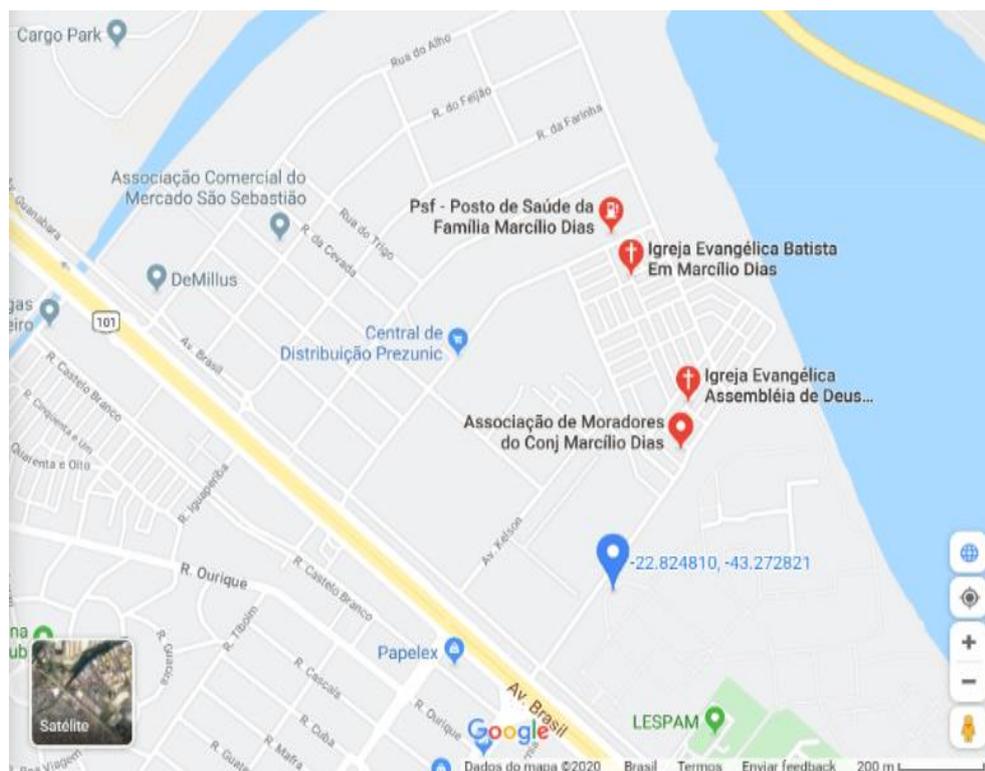
2.3.2 – ESPAÇO E LUGAR A LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE TUAN

Esta subseção trata dos conceitos sobre espaço e lugar, topofobia e topofilia à luz das contribuições de Tuan (2012), com base na descrição de Marcílio Dias.

Ao pensarmos sobre espaço e lugar, apresentaremos um aspecto geográfico específico da favela Marcílio Dias que se refere ao tráfego. A ausência de transportes coletivos resulta, de forma negativa, na formação dos indivíduos no que tange à vida acadêmica, pois inviabiliza a continuação dos estudos da maioria da população que lá reside.

O acesso à via principal, Avenida Brasil, é longo e perigoso a partir de certo horário. Vejamos o “mapa geográfico”¹² da comunidade de Marcílio Dias:

Figura 5 Mapa de Marcílio Dias



(Fonte: Google Maps)

Como observado no mapa, a comunidade apresenta apenas um trajeto limitado que se refere à entrada e à saída, representando um território labiríntico. Ela é composta por um posto de saúde, uma associação de moradores, diversas igrejas evangélicas, uma igreja católica, um mercado de médio porte, uma escola municipal, comércios informais, um Cais (Colônia de Pescadores), uma unidade da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), ainda não inaugurada até a presente data.

¹² Figura extraída do site Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/dCwqDs2hC48N33W47>> Acessado: 22/02/2019.

A arquitetura de Marcílio Dias apresenta diferentes espaços no mesmo território, estabelecendo uma relação de hierarquias entre as residências que lá se encontram. Conforme modelos estabelecidos, são identificados diferentes *status*. As ruas se apresentam como largas em alguns espaços e em outros é possível identificarmos vielas estreitas, popularmente conhecidas como becos.

Para ampliar a compreensão sobre os conceitos de espaço e lugar Tuan (1983) nos apresenta como componentes do meio ambiente:

Espaço é um conceito mais abstrato que o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...) Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos". (TUAN, 1983, p. 203)

Observamos que espaço e lugar têm os seus papéis, pois o que inicia como “espaço” vai se transformando, na medida em que diferentes formas de vivência são estabelecidas. Assim, o espaço passa a ser definido como “lugar” dotado de valores e afetividades. O espaço é dado pela capacidade de mover-se. O autor ainda afirma:

Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. A maneira de dividir o espaço varia enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. (TUAN, 1983, p. 203)

Podemos observar que, por meio da vivência, a definição de espaço se articula ao termo de lugar. O lugar oportuniza uma segurança como, por exemplo, o lar. Ao retornar à casa há uma sensação de segurança. O indivíduo está ligado ao seu lugar de origem e o espaço é visto como liberdade, como local o desejado.

Na vivência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. "A sensação de tempo afeta a sensação de lugar. Na medida em que o tempo de uma criança pequena não é igual ao de um adulto, tampouco é igual sua experiência de lugar." (TUAN, 1983, p. 206).

A afinidade com o lugar ocorre após um tempo. O lugar será definido a partir das apoderações afetivas que se estabelecem com o tempo de vivências, experiências, conferidas a partir das relações humanas. “Os lugares são centros aos quais atribuímos

valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN,1983, p. 4).

o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. (TUAN,1983, p.6)

O lugar pode ser desde a antiga residência, a antiga comunidade, o antigo bairro a antiga *polis* e até mesmo a pátria, especificamente o caso de pessoas migrantes.

Topofobia e topofilia, nas entrevistas com as mulheres de Marcílio Dias, compreendem conceitos facilmente identificados em suas narrativas. A esse respeito, o autor apresenta as seguintes definições:

a Topofilia é conceituada como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. A palavra topofilia na verdade, é um neologismo, sendo útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, mesmo que se diferenciem em intensidade, sutileza e modo de expressão. Já a Topofobia, inversamente ao primeiro, decorre da aversão aos lugares, da ideia de paisagem do medo e aversão ao lugar. (TUAN, 2012, p. 14)

Nesse sentido, a percepção sobre o local no qual o indivíduo encontra-se inserido, entrelaça-se às experiências que ele vivencia com o cenário, ao sentimento afetivo construído entre indivíduo e localidade. Mas ocorre, em alguns casos, a questão da “aversão” ao local, o que Tuan (2012) conceitua como topofobia. Refere-se, portanto, ao sentimento de medo em relação às experiências que a pessoa vivencia, diariamente, nestes territórios. Conforme Holzer (1999),

O lugar está além da localização e apresenta substâncias únicas dotadas de histórias com significados que se materializam a partir de um conjunto complexo e simbólico. O lugar se concretiza a partir da experiência do vivido. (HOLZER, 1999, p. 2)

Assim, é possível perceber que a subjetividade e as experiências vivenciadas estão interligadas. Observamos que, nas narrativas acima, há sentimentos e emoções em

seus relatos que configuram laços topofólicos e topofóbicos com a comunidade denominada Marcílio Dias.

Tais conceitos se apresentam, sobretudo, quando expressam e apresentam sentimentos ora de amor, ora de aversão acerca do local. Nessa perspectiva, temos também a aversão quando as entrevistadas dizem não gostarem do lugar e de viver nesse ambiente por serem obrigadas. Nesse caso percebe-se o exemplo de topofobia.

A paisagem e o lugar são de grande importância para o desenvolvimento cultural porque ambos fazem parte da vida do sujeito:

A Geografia Cultural Humanista vem ressaltando a importância de se estudar as nuances do nosso mundo vivido e perceber que as pessoas é que dão significado ao lugar e à paisagem através de suas percepções e modos de vida. Os sujeitos percebem a realidade objetiva e/ou subjetiva a partir de seus sentidos que são influenciados pela cultura, podendo modificar e construir uma visão de mundo e atitudes a partir de sua relação com o ambiente. Ainda segundo este autor, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (TUAN, 2012, p. 161)

A paisagem e o lugar contribuem com o corpo físico e interagem com experiências pessoais ou coletivas de um determinado grupo, como podemos verificar a partir das narrativas das mulheres entrevistadas, moradoras da comunidade de Marcílio Dias.

É fato que, tal como em outras favelas, a Maré tem a segurança pública como alvo de críticas e preocupações, contudo, chamamos a atenção para outras formas de perceber a região. Existem questões de cunho social que se entrelaçam ao aspecto territorial.

A partir das contribuições literárias de Tuan (2012), identificamos que o cenário observado aponta para o sentimento de topofobia desenvolvido pelas mulheres em relação ao território em que vivem, trazendo subsídios para a construção do estudo, bem como, exemplificações de ordem prática cunhadas pelas mulheres entrevistadas. Conforme Raffestin (1993) espaço e território não têm o mesmo sentido:

Espaço e território não são termos equivalentes [...]. É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintomático (ator que realiza um programa) em qualquer nível (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Esse autor afirma que o espaço é formado antes do território. E o território vai ser constituído a partir do espaço. Na comunidade de Marcílio Dias percebemos que, enquanto, espaço, ela não é complexo da Maré. Enquanto lugar sim. A comunidade de Marcílio Dias não é oficialmente da Maré, mas socialmente ela é entendida pela associação e pelos moradores como parte desse território. Ela fica no entrelugar, nem na Maré nem na Penha Circular.

O conceito de território de acordo com a proposta do geógrafo Milton Santos (2011) consiste em:

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2011, p. 13).

Então podemos dizer que território é uma condição de existência, partindo da ação humana de forma concreta.

2.4 – IDENTIDADE

Durante o desenvolvimento da pesquisa foram entrevistadas cinco mulheres que participaram do projeto ArtCuli. Assim, nesta subseção reunimos alguns elementos importantes de suas respectivas narrativas com vistas a compreender parte de suas histórias de vida, bem como perfis identitários importantes para o processo investigativo. Os aspectos eleitos referem-se a local de origem, idade, infância, família e período de ingresso na comunidade de Marcílio Dias, escolarização e trabalho.

Tais dados foram extraídos das narrativas transcritas das colaboradoras. Optamos por apresentar suas histórias de vida dentro do formato de transcrição, uma das fases previstas pela História Oral. O processo de transformação da linguagem oral para a linguagem escrita contemplou as duas outras fases que antecedem esta: transcrição e textualização. As transcrições na íntegra encontram-se disponíveis na seção dedicada ao terceiro capítulo na seção 3.5: transcrições e análises na tese.

Quadro 1 Perfil das Colaboradoras

Colaboradora	Local De origem	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Atuação profissional	Tempo de residência em Marcílio Dias
M.A	Maranhão (Interior)	43	Separada	Ensino Médio (Completo)	Controladora de acesso escolar (Educadora)	20 anos
M.G	Campina Grande/PB	57	Casada	6º ano do ensino fundamental (Antiga 5ª série)	Cuidadora de crianças em sua residência	24 anos
R.M	Rio de Janeiro (Morro do Cruzeiro)	40	Casada	5º ano do ensino fundamental, antiga 4ª série do primário	Auxiliar em Lava à Jato da família	32 anos
D.G	Rio de Janeiro (Morro do Cruzeiro)	65	viúva	Ensino fundamental, 2º ginásio ¹³	Artesã	40 anos
J.M	Rio de Janeiro (Morro do Cruzeiro)	58	solteira	Ensino Médio Completo	Do lar	58 anos

¹³ Até 1975, no Brasil, o ginásio constituía o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o ensino médio. Correspondia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental. Para ascender ao ensino ginásial, era necessária a realização de um exame de admissão, depois de finalizado o ensino primário. Disponível em: <https://treinamento24.com/library/lecture/read/668966-o-que-e-curso-giniasial> > Acesso em 07.01.2022.

A história do Complexo de Favelas da Maré tem como marco o início da década de 1940 e surge como expressão das desigualdades instauradas nas grandes metrópoles. A ocupação desse território não se divorcia da história vivenciada no país e o notório crescimento da indústria. Em consonância a esse processo, o fenômeno migratório norte-sul do país é justificado a partir da busca por trabalho e, conseqüentemente, por melhores condições de (sobre)vivência. Nesse sentido, o estado do Rio de Janeiro, importante metrópole e capital do país na época, se revela como o principal destino dessas famílias, resultado do êxodo rural ¹⁴.

Com base nessas novas configurações migratórias, ao chegarem no estado, cabe a essas pessoas a instalação em regiões periféricas no centro. O Complexo da Maré, dada a proximidade com a cidade se torna uma “alternativa”. Não por acaso, duas das entrevistadas são oriundas da região Nordeste do país. Então, com inserção dessas pessoas, constatamos que novas culturas, linguagem peculiar do seu lugar de origem, religião, danças, vestimentas, comidas típicas, musicalidades, costumes, trazem uma diversidade de identidades.

A Identidade é constituída com base na experiência vivenciada, experimentada, isto é, sentida e memorizada. Ela também se constrói por momentos significativos, revividos ou recriados por meio da narrativa. Então, ao mesmo tempo em que registramos e estudamos narrativas, constituímos identidades. Sendo assim, ao se registrar as entrevistas das colaboradoras do Projeto ArtCuli, constituímos uma tarefa de (re)construção identitária abarcadas por elas. Para Carvalho e Ribeiro (2013, p. 26)

Identidade, de maneira geral, pode ser definida como sentidos de pertencimento a grupos e de continuidade no tempo e no espaço, construídos na vivência humana. No passado já foi entendida como algo estável e fixo; contemporaneamente, é compreendida como performances assumidas pelos sujeitos, plurais e sobrepostas, sem estabilidade existencial.

A terceira colaboradora destaca fazer parte de uma geração nascida no Complexo da Maré, contudo, pertencente a uma outra comunidade, Morro do Cruzeiro.

¹⁴ Nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil sofreu um intenso processo de êxodo rural. Disponível em; <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html> Acesso em 07.01.2022.

A quarta colaboradora nasceu em São Cristóvão, porém foi criada no bairro Paraíso - Município de Magé. E a quinta colaboradora nasceu no Morro do Timbau e reside até os dias atuais na mesma residência de seus pais.

Quanto à faixa etária, as colaboradoras apresentam idade entre 40 e 65 anos. Em consulta aos registros do Projeto ArtCuli, identificamos que a maior parte das participantes tinha idade inferior a 40 anos, na ocasião em que o curso foi realizado, no ano de 2013, correspondendo a um total de 90% (SIQUEIRA, 2013).

O estado civil das colaboradoras foi pontuado em razão de tal aspecto se fazer presente em suas narrativas. Suas falas são conduzidas e enviesadas pelo casamento e suas histórias de vida são fortemente marcadas pelas relações e decisões estabelecidas via relação conjugal. Assim, sua escolaridade, atuação profissional e até a saída da comunidade se correlacionam à experiência do casamento. Das cinco mulheres entrevistadas, todas foram casadas, uma solteira e uma, atualmente, encontra-se separada.

As mulheres do projeto apresentam nitidamente que suas identidades são construídas de acordo com o tempo, local ou espaço no qual estão inseridas e a tal identidade conhecida como tradicional, não existe mais atualmente. O estudo sobre o tema “identidade” vem sendo muito debatido e podemos conceder o aumento deste interesse por causa do processo de globalização,¹⁵ que proporciona uma interação em alto grau entre indivíduos de diversas nações. Sendo assim, as barreiras espaciais e virtuais são ‘fragmentadas’ concedendo a probabilidade de contato com outras culturas, línguas e costumes que se ampliam demasiadamente.

As colaboradoras quando saíram dos seus locais de destino passaram a ser relacionar com pessoas diferentes, nacionalidades, de outros estados como, por exemplo, as duas colaboradoras que são de estados diferentes, uma de Campina Grande e outra do Maranhão, comprovando que devido ao processo de globalização a tendência ao aumento das diversidades de identidades são fatos reais.

De certa forma, somos afetados em virtude desses contatos. Somos influenciados culturalmente, socialmente ou até nacionalmente, ao adquirir este tipo de influência nunca seremos os mesmos conforme tempos passados. Fica evidente que a identidade é, como diz Hall (2005), “construída historicamente” (HALL, 2005, p. 13), já que assumimos identidades diferentes de acordo com o local ou a conveniência, além de ser

¹⁵ A globalização é um processo de integração social, econômica e cultural entre as diferentes regiões do planeta. .

relacional no sentido de que é construída por intermédio da ação e trocas existentes entre os sujeitos.

Na concepção de Hall¹⁶ (2005), em seus estudos a respeito da identidade, há três concepções com base em distintos períodos históricos da humanidade, que abordam as imagens sendo construídas no que se diz respeito à temática identitária, e como os papéis do indivíduo eram desempenhados em cada momento da história. Sua primeira concepção se refere ao sujeito do Iluminismo (século XVIII), momento em que se instaurou a problemática da identidade e as primeiras indagações a seu respeito e sua formação. Nessa época o homem era contemplado como:

Um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2005, p. 10).

Então, a essência da identidade humana neste período era imutável, por nascer pronta, sendo assim, não teria como modificá-la, permanecendo sem nenhuma mudança até o fim da vida do indivíduo. Na concepção de Bauman¹⁷ (2001), essa seria a identidade nomeada por ele de sólida, que não pode ser penetrada, a qual necessitava de muito esforço para ter sua forma alterada. Como ele ressalta “os sólidos são moldados para sempre” (BAUMAN, 2001, p. 14), não existe perspectiva de flexibilidade ou ‘moldabilidade’

A segunda concepção de identidade surgiu no final do século XVIII e início do XIX que é do sujeito sociológico ou pré-moderno. A identidade passou a ser estudada sob uma ótica ‘interativa’, já que era “formada na interação, entre o eu e a sociedade” (HALL, 2005, p. 11). Melhor dizendo, a essência interior de cada um era chamada de identidade, contudo, ela recebia influências da sociedade com a qual o sujeito estivesse interagindo. Para Bauman (2001) esse conceito pode ser apresentado como o ‘sólido pré-moderno’, ou seja, estruturas que uma vez foram intactas, inalteráveis e encontravam-se naquele momento, vulneráveis ou “em estado avançado de desintegração” (BAUMAN, 2001, p. 10). Nesse momento, a identidade já era passível

¹⁶ Teórico cultural e sociólogo jamaicano, negro. Foi um dos fundadores da escola de pensamento que hoje é conhecida como Estudos Culturais. Foi professor de sociologia na Open University da qual se aposenta em 1997, tornando-se Professor Emérito.

¹⁷ É um sociólogo polonês. Vivenciou a Segunda Guerra Mundial e a ocupação nazista que o fez se exilar na União Soviética. É professor emérito da Universidade de Leeds

de receber influências do meio. No entanto, fica claro que estavam vivendo um período de transição para o próximo momento histórico do ser identitário, em que o sujeito, antes imutável “está se tornando fragmentado; composto não de mão única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

E a terceira concepção de identidade retratada por Hall (2005) é a do sujeito pós-moderno em que: “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13).

O termo ‘continuamente’ enfatiza o caráter versátil e alterável da identidade na pós-modernidade, uma identidade que é (re)formulada cotidianamente. Em direção a essa ideia de pós-modernidade. Bauman (2001) utiliza a expressão ‘nova ordem’ e ‘modernidade fluida’ (BAUMAN, 2001, p. 15) e apresenta apontamentos que condizem com os de Hall (2005). Para Bauman (2001), vivemos na era dos líquidos, em que as identidades apresentam um caráter muito mais inconsistente e flexível. Para o autor:

[...] chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela (BAUMAN, 2001, p. 14).

Enfim, estamos vivendo a época das identidades fragmentadas, numa sociedade em que tudo se tornou incerto e transitório, são vários “eus” que habitam em um único ser. A essência humana pura e imaculada entendida no período do sujeito iluminista não existe atualmente. Na pós-modernidade, tudo é móvel, a identidade é, frequentemente, provisória. Bauman (2001) reforça esse caráter liquefeito da identidade na ‘nova ordem’ quando relata:

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em ‘movimento’ – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2001, p. 32).

Para Bauman (2001), os relacionamentos ganham caráter volátil e mutável, frutos da nova característica instável das identidades modernas. Os relacionamentos passam a ser líquidos, passageiros, inconstantes e fragilizados. Hall (2005), ainda, vai dizer que as “sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2005, p. 14). Esta seria a diferença entre as sociedades tradicionais e as sociedades atuais.

CAPÍTULO 3

3. ENTREVISTAS: ANÁLISES

Início o presente capítulo com a narrativa da minha experiência de vida enquanto mulher moradora e atuante do/no Complexo da Maré. Nele, reflito sobre como o acesso à educação formal, via ensino superior, oportunizou a ampliação de um olhar mais crítico e politizado sobre a vida de outras mulheres residentes no meu entorno. Em tempo, trago à tona reflexões que me moveram a buscar, via educação não formal, alternativas para a superação de algumas das dificuldades encontradas por essas mulheres, considerando que o percurso realizado pelo acesso à educação formal foi fortemente impactado por lacunas que vão desde o drama do trabalho infantil ao casamento e cuidados com os filhos.

A primeira seção é intitulada “A pesquisadora” e descreve os percursos acadêmicos da autora e sua experiência enquanto mulher oriunda do Complexo da Maré.

A segunda seção do referido capítulo, intitulada “História do projeto ArtCuli, apresenta um projeto como pertencente à educação não formal, por não apresentar o perfil de uma escola regular e não possuir um currículo legitimado como escolar. Tratou-se de um curso livre, desenvolvido fora do cenário escolar, tendo partido da necessidade das pessoas que estão inseridas na localidade, ministrado por educadores sociais.

A terceira seção “Entrevistas e Entrevistadas” aborda o percurso para realização das entrevistas.

Por fim, na última seção apresentamos as “transcrições e análises”, sendo a primeira subseção as transcrições e na segunda subseção temos uma análise sobre a relação das colaboradoras com Marcílio Dias à luz dos conceitos de topofilia e topofobia: TUAN (2012).

3.1 – A PESQUISADORA

A escolha da temática é fruto da minha¹⁸ trajetória de vida, em que o desejo pessoal, profissional e acadêmico mantém uma relação intrínseca com as experiências vividas. Atividades sociais nas áreas de educação, lazer e cultura – que já exerço há algum tempo – são ações inerentes a minha trajetória.

A vontade de desvendar as práticas educativas e sociais para além dos "muros da escola" moveram-me a dar início a esta pesquisa, tendo como ponto de interesse constatar como são capazes de modelar capacidades de colaboração, ausentes no processo educativo formal, segundo a análise de narrativas de mulheres mareenses.¹⁹

O depoimento a seguir não se refere a um resultado de percurso, mas da minha experiência como mulher da classe popular, ex-moradora do Complexo da Maré que superou os obstáculos impostos pela vida em comunidade, fez da educação o único caminho possível para sua mobilidade social.

Atualmente, sou professora em EAD no Centro Universitário Augusto Motta. Mestre em 2013, por meio do programa de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Desenvolvimento Local, da mesma universidade. Desenvolvi projetos na Comunidade Marcílio Dias com mulheres em vulnerabilidade social, por meio de um dispositivo legal, que é a educação e legitimado pela Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Sempre fui uma mulher empreendedora, pois acredito que a educação é a mola propulsora de uma "trajetória empreendedora". A palavra educar vem do latim (*educare, educere*) e precisamos entender o sentido etimológico desses “dois termos. Para Libâneo, os termos “*educare* (alimentar, cuidar, criar referido tanto às plantas, aos animais, como às crianças): *educere* (tirar para fora de conduzir para modificar um estado)” (2005, p.72). Quando atentamos para a expressão "tirar para fora de" “conduzir para”, queremos dizer que necessitamos preparar pessoas para o mundo, ou seja, continuar a viver e coexistir em sociedade. Foi exatamente essa a minha experiência. No

¹⁸ Optei, neste tópico, por utilizar a primeira pessoa do singular, já que a minha própria trajetória de vida é quem dá sentido à escolha da temática em estudo;

¹⁹ Em 2000, como um projeto do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), o foco principal do *O Cidadão* era explorar e criar uma identidade local através das dezesseis favelas da Maré. O jornal buscou respostas para perguntas como ‘O que é uma favela?’ ‘O que é a favela na Maré?’ E ‘Qual é a identidade da Maré?’ Então, o jornal Cidadão inventou o termo “Mareense” para descrever alguém ou algo da Maré em um esforço para criar um sentimento comum de pertencimento à comunidade. Disponível em: <https://www.ceasm.org.br/> Acesso em 15/01/2022.

caminhar acadêmico, fui conduzida, literalmente, para fora de mim mesma, o que me permitiu visualizar os obstáculos, descortinando-os, fui, simultaneamente, tecendo minhas habilidades e competências “empreendedoras”. Entendo por empreendedor aquele que tem a capacidade de idealizar, coordenar e desenvolver projetos. Conforme Dornelas (2020, p.57):

Os empreendedores são pessoas ou equipes de pessoas com características especiais, que são visionárias, que questionam, que ousam, que querem algo diferente, que fazem acontecer, ou seja, que empreendem. Os empreendedores são pessoas diferenciadas, que possuem uma motivação singular, gostam do que fazem, não se contentam em ser mais uma na multidão, querem ser reconhecidas e admiradas, referenciadas e imitadas, querem deixar um legado.

Superei dificuldades, crises emocionais e financeiras, pois a perseverança, a criatividade e a superação são qualidades essenciais de um empreendedor. “À decisão de empreender está implícito um desejo de mudança, a qual envolve a transformação de um estilo de vida (possivelmente de trabalho dependente) em outro diferente”. (SERRA, et al. 2009, p.27).

No ano de 2004, ingressei no Curso em Licenciatura Plena de Pedagogia no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), tendo como perspectiva a busca de soluções para a situação em que estava vivendo. Nessa época, eu tinha 36 anos e era moradora do Complexo da Maré. Casada e mãe de dois filhos, vivenciei a dura realidade entre a vida acadêmica e o trabalho não qualificado, pois precisava contribuir com a renda familiar. O apoio da minha família foi a base que eu precisava para enfrentar essa dura realidade que emergia em minha vida. Afinal, eu tinha sonhos a serem alcançados, mas havia alguns conflitos externos: Estudar? Como? Se o desemprego pairava sobre a minha vida. A única fonte de renda familiar era a do salão de cabeleireira, no 3º andar da minha residência na Comunidade da Maré.

Trabalhei durante muitos anos para sustentar os meus dois filhos, e ainda enfrentava uma depressão profunda e, por consequência, a anorexia. Fui aprendendo a superar os obstáculos para realizar o sonho de estudar e a esperança de dias melhores. Ainda permeavam alguns conflitos internos a superar como: medos, ansiedades, inquietudes, dúvidas e a mais difícil a mencionada depressão.

Ao chegar à instituição com todas essas mazelas, a depressão, que já me acompanhava por três anos. foi um dos fatores que me impulsionaram a estudar.

Considero o papel da UNISUAM, nesse período, como o de uma terapia, pois quando chegava à sala de aula e me assentava na cadeira, era como se estivesse em um "divã", sendo escutada e tratada por vários "docentes", os quais eu denominava como verdadeiros psicoterapeutas.

Sendo assim, fui dando continuidade à minha vida acadêmica, vencendo os medos, as dificuldades e experimentando a alegria de ser e fazer aquilo para o que Deus havia me criado, pois só não sente dificuldades quem não sai do lugar. Em 2006, ingressei como voluntária no Projeto de Extensão denominado "Atuação Cidadã", projeto piloto da extensão - UNISUAM na igreja Luterana da Penha.

De março de 2007 a fevereiro de 2008, fui aluna bolsista do PIBIC/UNISUAM, no projeto: "O Papel da Universidade Empreendedora no Sistema Nacional de Inovação." Mais uma vez, o empreendedorismo desenhando meu caminho. Também fiz parte de outro projeto muito especial: "Ser Diferente inclua essa ideia", no período de 2009, desenvolvido pelo curso de Pedagogia.

A trajetória vivenciada nessa proposta acadêmica reforça o princípio de que a minha se constitui em um relevante ensaio de empreendimento educacional o qual passou por muitos percalços. Porém, como uma boa empreendedora, busquei caminhos para superar as crises.

A experiência como bolsista foi o que garantiu o recurso para a minha matrícula no ano de 2008.2, na primeira turma de Pós-Graduação em Psicopedagogia na modalidade a distância com mediação ativa e passiva no ambiente Quantum. Rumo a novos desafios, pois, até então, eu conhecia apenas a modalidade presencial. Nesse momento, era o possível, pois o curso em EAD era o "financeiramente acessível".

No decorrer do curso, percebi que a modalidade EAD requer muita dedicação para as leituras interativas e impressas, além das atividades propostas como: fóruns, chats, trabalhos dissertativos e demais propostas em encontros presenciais, que ocorriam de três em três meses e eram obrigatórios. A modalidade EAD exige que o aprendiz esteja disposto a correr riscos, ou seja, errar, recomeçar, aprender e reaprender. Entretanto, para minha surpresa o que, inicialmente, era um desafio, foi se tornando prazeroso, pois a ampliação do conhecimento foi se materializando, modificando o meu "fazer" e ser no dia a dia. Com essas novas metodologias, aprendi a exercer a autonomia, responsabilidade para uma formação de qualidade e vivenciei o processo de ensinar e aprender de forma crítica.

No entanto, nem tudo são flores! Chegou um duro momento em que precisei solicitar o trancamento de matrícula aos coordenadores da época, já que não era mais bolsista e não tinha fôlego financeiro para arcar com esses custos. Para minha surpresa, meus queridos “psicoterapeutas” não permitiram que eu desistisse e me foi concedida uma bolsa de 50%. Em 2009, concluí o curso. Finalizada a pós-graduação. Agora especialista em psicopedagogia institucional.

Iniciei minha vida profissional acadêmica em março de 2010, na UNISUAM. Fui contratada para atuar na modalidade EAD como orientadora acadêmica nos cursos de graduação com os alunos do presencial que realizavam algumas disciplinas à distância para compor os 20% permitidos pelo MEC. Conforme a Portaria MEC nº 4.059/2004, abaixo transcrita:

Em particular, o art. 3º, § 2º o fornece resposta direta para a questão. Dessa forma, estudos realizados em cursos superiores oferecidos na modalidade à distância devem ser considerados inteiramente equivalentes àqueles realizados nos cursos superiores oferecidos na modalidade presencial, inclusive para fins de integralização de um segundo curso superior por parte de um mesmo estudante. Por outro lado, a equivalência entre disciplinas e demais atividades formativas oferecidas na forma semipresencial, nos moldes da Portaria MEC nº 4.059/2004, e os componentes curriculares oferecidos na forma presencial, em cursos superiores presenciais, não pode exceder o limite de 20% da carga horária total do curso.

Agora não era apenas uma aluna, mas funcionária. Outros desafios surgiam. Foi na pós-graduação, com a visão e experiência de aluna e profissional que conheci, despertei e me apaixonei pelo ensino a distância. Percebi a necessidade de capacitação de docentes na área, por isso, realizei um curso pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 2010, de Tutorial de professores, o que ampliou a minha visão em relação à plataforma *Moodle*, com a qual trabalhamos atualmente na graduação e na pós-graduação.

Busquei sempre novas capacitações. Em 2011, participei da seleção do Mestrado da própria instituição. Aprovada, solicitei uma bolsa de estudo por meio de uma carta à direção do curso em questão. Um novo desafio emerge em minha vida profissional e acadêmica. As mensalidades eram o valor integral do meu salário, quase desisti. Porém, a renúncia não faz parte da minha opção de vida. E valeu a pena! No mês seguinte, a Instituição me concedeu uma bolsa de 50% para minha formação.

No decorrer do curso, com a apresentação da proposta do meu projeto, fui beneficiada com uma bolsa de 100% pela CAPES. Em 2013, concluí o meu curso de Mestrado Multidisciplinar em Desenvolvimento Local, cuja dissertação tem como título "Letramentos formal e não formal: ferramentas de inclusão social na inter-ação família escola e aluno".

Em 2013, fui homenageada pela UNISUAM com o prêmio “Cidadão socialmente responsável”, por reconhecer meu comprometimento na construção de uma sociedade justa, mais igualitária, por meio do desenvolvimento de projetos com mulheres em vulnerabilidade social na comunidade de Marcílio Dias. Em 2014, novamente fui homenageada, dessa vez com o tema: "A UNISUAM também tem mulheres de destaque”. Não é preciso estar muito longe para se tornar uma mulher de destaque na educação. Basta acreditar e ao conquistar esse lugar de destaque, multiplicar para outros mostrando que é possível fazer a diferença, desde que se tenha determinação e se acredite na mudança por meio da educação. Hoje, acredito que, como cidadã, proporcionar aos indivíduos as mesmas oportunidades é essencial. A desigualdade existe, mas não podemos deixar que ela nos imobilize.

Figura 6 Card em homenagem ao Dia da mulher



(Fonte: UNISUAM)

Atualmente, sou professora auxiliar da UNISUAM *Online*. Como ex-aluna da unidade escolar em questão e, atualmente, como professora, relato e afirmo que a minha formação, vivenciada na UNISUAM, foi o que me permitiu romper os laços de dependência, devolvendo a confiança, a perseverança e me preparou para o processo de sonhar, planejar, conquistar e construir o meu próprio caminho. O compromisso com a educação sempre foi uma constante em minha vida. A minha trajetória acadêmica ainda precisava continuar. Então, resolvi, participar do processo seletivo na UNIGRANRIO, no ano de 2018, para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio o que resultou nesta pesquisa com título “Narrativas de mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (ArtCuli) - comunidade Marcílio Dias, Complexo da Maré, Rio de Janeiro” mais um desafio a ser superado.

Naquele momento, não tinha nenhuma condição financeira de realizar este sonho, mas como nunca desisto fácil, consegui aprovação em 2º lugar, o que me proporcionou uma bolsa de 100%. Essa nova etapa, me possibilitou retornar à comunidade Marcílio Dias para reencontrar as mulheres que participaram do projeto ArtCuli, desenvolvido em 2013, com o objetivo de identificar se houve multiplicação a partir dos cursos realizados nessa época para outras mulheres; que destinos (REDES) se estabeleceram a partir das experiências vivenciadas por elas e se, atualmente, existe algum projeto em funcionamento na comunidade, ou, em outros locais.

No presente momento, não sou moradora da comunidade da Maré, mas meus familiares ainda residem no mesmo local no qual fui criada. O Complexo da Maré faz parte da minha trajetória de vida, pois foi um cenário em que vivenciei por muitos anos a desigualdade e a injustiça social, o descaso dos nossos governantes, entre outros. Vivi, por muitos anos, pensando que fosse mais uma pessoa fadada ao fracasso, mas ao voltar a estudar, os meus horizontes foram ampliados e percebi que a educação é o caminho que nos ajuda a questionar o que não pode ser considerado normal.

3.2 – PROJETO ARTCULI

Na educação não formal podemos desenvolver atividades que, em certa medida, contribuem para uma educação que gere renda e descobertas de competências e

habilidades. Foi o que ocorreu com as participantes do projeto ArtCuli. Por meio da prática do artesanato e culinária mulheres conseguiram desenvolver suas potencialidades.

Esta subseção é orientada a partir das narrativas dessas mulheres, com ênfase no impacto das experiências construídas através da participação no projeto ArtCuli sobre seus percursos de vida. Nesse momento, investigou-se, por meio dessa formação, se outras mulheres foram influenciadas por possíveis ações multiplicadoras.

No ano de 2013, como parte da pesquisa de dissertação de mestrado,²⁰ ocorreu a necessidade de criar um projeto que fosse alinhado ao programa Observatório da Educação - OBEDUC (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) - Ministério da Educação (MEC) - coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria da Graça Cassano, pois a perspectiva do projeto estava voltada para a implementação de situações de letramento(s), direcionados a alunos da rede pública do Rio de Janeiro, de modo a que se constituam em agentes letradores no meio em que vivem.

Orientação de letramento(s) e construção de percursos de leitura de jovens e adultos nos Ensinos Fundamental e Médio: o protagonismo do sujeito-leitor na constituição dos sentidos –, que tinha como proposta desenvolver com os alunos de uma turma do 1º segmento do Ensino Fundamental, matriculados na Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha, atividades que ampliassem seus níveis de letramento. Mediante a esse cenário, surgiu a proposta de criar o projeto ArtCuli na comunidade Marcílio Dias com a proposta de inclusão das mulheres (mães dos alunos da turma pesquisada) alicerçado a partir da perspectiva na educação não formal. Então, havia atividades semanais focadas em multiletramentos que foram ofertados para os alunos e, em paralelo, eram dinamizadas oficinas de confecção de artesanatos com os responsáveis (mães dos alunos) para a comercialização dos produtos para geração de renda. As oficinas foram concedidas por artesãs da Comunidade do Morro do Timbau, também no Complexo da Maré, utilizando como uma forma de aproximar os familiares dos alunos mencionados e a escola, incentivando-os a assumir uma postura participativa no aprendizado de seus filhos.

O projeto ArtCuli foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A parceria da professora responsável por uma turma de alunos da Escola Municipal Cantor Compositor Gonzaguinha foi o ponto de

²⁰ O Mestrado em desenvolvimento Local multidisciplinar tem como característica efetuar pesquisas em que reflitam sobre soluções práticas para melhoria da sociedade.

partida para alcançar essas mulheres por meio do Projeto ArtCuli. Sendo assim, iniciamos uma proposta a partir de reuniões na referida escola e na igreja que cedeu o espaço para que ocorressem os encontros.

Na ocasião, o processo investigativo estava voltado para o “letramento laboral”²¹ de responsáveis por alunos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, não levamos em consideração apenas a questão do alfabetismo, mas, principalmente, a do letramento, da educação formal, da educação não formal e informal. Tal opção possibilitou repensar práticas pedagógicas para aprendizagens significativas, proporcionando o desenvolvimento cognitivo e socioeconômico e, também, a inclusão social associada aos progressos intelectual e profissional.

Diante do panorama que explicita as desigualdades sobre as mulheres, em especial, sobre as mulheres das camadas mais pobres da nossa sociedade, elegemos como ponto de partida para nossas investigações o projeto ArtCuli, desenvolvido na comunidade de Marcílio Dias, situada no Complexo de Favelas da Maré/RJ, que tem como público-alvo mulheres inseridas nesse espaço social. O trabalho em questão ofereceu aulas de artesanato em diferentes modalidades, bem como aulas de culinária, traduzindo-se como um processo de educação informal e não formal, visando ao desenvolvimento de autonomia financeira, além de buscar promover a autoestima do público-alvo.

O início do projeto ArtCuli foi registrado a partir de uma conversa informal entre a professora-pesquisadora e os responsáveis pelos alunos da turma, com a presença desta pesquisadora e a da coordenadora do projeto do Observatório da Educação (INEP/CAPES) – OBEDUC.

A implementação do projeto implicou na parceria entre a academia, a Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha e a Igreja Batista em Marcílio Dias.

Essa parceria entre a academia, igreja e a escola se deu a partir da pesquisa realizada no mestrado no ano de 2013. Sendo assim, a igreja localizada ao lado da escola, concedeu o espaço para a ministração das aulas referentes ao projeto ArtCuli.

Para isso, realizou-se uma mobilização entre escola-aluno-família, alcançada a partir da formação de um grupo de mães que receberam oficinas de artesanato voltadas para o implemento da renda familiar com sua produção individualizada. Então, foi

²¹ Letramento laboral termo e conceito criado pela pesquisadora “o indivíduo desperta o desejo de produzir, trabalhar e percebe sua capacidade de realizar / construir a partir do seu conhecimento de mundo. Nesse cenário, os participantes também são atores sociais na medida em que (re) constroem, via trabalho, a realidade em que vivem.” (SIQUEIRA, 2013 p. 49)

planejado um curso gratuito a médio prazo para essas mulheres (mães dos alunos da turma pesquisada), composto de módulos de oficinas de artesanato e culinária, oferecidas por artesãs de outra comunidade da Maré: o Morro do Timbau. Todos os cursos ministrados foram sugeridos pelas próprias mulheres: pintura em tecido/crochê; culinária (doces e salgados); chinelos decorados (pedrarias).

Os propositores consideraram a necessidade de ampliação dos níveis de letramento dos alunos e suas respectivas famílias, tendo partido da baixa frequência de responsáveis nas atividades escolares. Mediante o quadro encontrado na unidade de ensino supracitada, o projeto ArtCuli foi caracterizado como uma alternativa para inclusão das mães aos objetivos previstos na pesquisa de dissertação. Assim, promovemos reuniões, juntamente com a professora responsável da turma escolhida, com um quantitativo de trinta e dois alunos. Foram convidadas trinta mulheres para participar de atividades do projeto ArtCuli por um período de quinze dias.

As mulheres faziam parte de um grupo de mães, cujos filhos eram alunos matriculados regularmente na Escola Municipal Cantor Compositor Gonzaguinha, frequentando a modalidade ensino fundamental. Das trinta mães convidadas para o projeto, somente vinte e uma aceitaram. Algumas mulheres expressaram o desejo de participar, porém trabalhavam, sendo assim, ficaram impedidas de frequentar os cursos.

O primeiro curso foi de pintura em tecido/crochê, realizado às terças-feiras com duração de 2 horas, composto por um módulo com uma carga de 26 horas total, ministrado pela artesã Doraci Gonçalves da Silva (conhecida como Dora). Todos os cursos ministrados foram financiados pelo CAPES.

Figura 7 Curso de pintura em tecido



(Fonte: Fotografia registrada pela autora, em 2013)

Figura 8 Curso de pintura em tecido/ Crochê



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em 2013)

De acordo com o interesse apresentado pelas mulheres, o segundo curso ministrado foi de culinária. O módulo compreendeu uma carga horária total de 10 horas, realizado às terças-feiras, com duração de 5 horas ao dia, sob a responsabilidade da artesã Janet Magre. Conforme Sennett, “o artífice tentava mostrar de que maneira a cabeça e as mãos estão ligadas, assim como as técnicas que nos permitem nos aperfeiçoar, estejamos sempre envolvidos em uma atividade manual ou mental”. (SENNETT, 2021, p. 9)

A artesã Janet Magre é uma das participantes que contribuiu com o curso de culinária e que, ao executar as atividades propostas pelos módulos, desenvolveu suas habilidades manuais e mentais.

Figura 9 Aula prática de Culinária



(Fonte: Fotografia registrada pela autora, 2013)

Figura 10 Aula prática de Culinária



(Fonte: Fotografia registrada pela autora, 2013)

O terceiro e último curso foi o de chinelos decorados, chaveiros em pedrarias, composto por um módulo com uma carga de 26 horas total, ministrado também pela artesã Doraci Gonçalves da Silva, às terças-feiras, com 5 horas de duração ao dia.

Figura 11 Curso de chinelos decorados/ Chaveiros em pedrarias



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em 2013)

*Figura 12*Chinelos Confeccionados



(Fonte: Fotografia registrada pela autora, em 2013)

*Figura 13*Chaveiro em pedrarias



(Fonte: Fotografia registrada pela autora, em 2013)

O compromisso com a educação sempre foi uma constante em minha vida. Então, em 2018 surge a oportunidade de iniciar o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio o que resultou nesta pesquisa com título “Narrativas de mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (*ArtCuli*) - comunidade Marcílio Dias, Complexo da Maré, Rio de Janeiro”

3.3 – ENTREVISTAS E AS ENTREVISTADAS

A etapa da entrevista foi uma das mais esperadas, porém, ocorreram alguns impedimentos para os encontros presenciais, devido a medidas de prevenção e controle da doença COVID-19, surgida no final de dezembro de 2019. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a COVID-19²² é uma doença ocasionada por um vírus capaz de desenvolver infecções respiratórias, com grau leve a moderado atingindo diferentes pessoas e de formas diferenciadas. Dentre os protocolos instituídos, além das medidas sanitárias como higienizar com frequência as mãos com sabão e álcool 70% (setenta por cento), o distanciamento social apresentou-se como uma das medidas mais eficazes.

A realidade socioeconômica vem definindo quem são os mais vulneráveis à doença. Além da maior probabilidade de transmissão de doenças, esses grupos serão duplamente afetados, uma vez que as chances de atendimento médico serão menores e a procura nos hospitais públicos, dada a escassez de leitos e respiradores em um sistema de saúde são precários.

Sendo assim, o controle de circulação das pessoas também se fez necessário. A população ainda está recebendo orientações para permanecer em suas casas, tendo contato somente com o núcleo familiar na mesma residência. Não é recomendável a promoção e/ou participação de qualquer evento que envolva aglomerações. Com essa medida, houve a necessidade de se repensar como realizar as entrevistas.

²² “COVID-19: Os impactos da pandemia sobre a condição social das populações pobres no Brasil, artigo publicado na Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências V.3, N.3. 2020. (SANTOS; SIQUEIRA; SOARES, 2020)

Mediante a realidade vivenciada em circunstâncias da pandemia da Covid-19, o contato presencial configurou-se como um risco à saúde das colaboradoras e da pesquisadora. Neste caso, foi realizado o contato com as colaboradoras pelo *WhatsApp* para identificar se sabiam manusear a plataforma *Zoom*, mas elas relataram não ter nenhum conhecimento sobre a ferramenta.

Diante da necessidade de gravarmos as entrevistas, o aplicativo *WhatsApp*, ferramenta mais acessível às colaboradoras, se revelou como insatisfatório para esse fim, visto que não dispunha dessa modalidade. Enquanto pesquisadora a solução encontrada foi sondar a possibilidade de ir até suas respectivas residências, seguindo os protocolos recomendados pela OMS para amenizar o risco de contaminação: utilizando álcool em gel, distanciamento recomendado e máscara.

3.3.1 – Entrevistada: Marcia Andreia da Silva de Almeida

A primeira entrevista da pesquisa Narrativas de mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (ArtCuli) -comunidade Marcílio Dias, Maré, Rio de Janeiro, iniciou com a colaboradora Marcia Andreia. Ela tem 43 anos, nascida no Maranhão, atualmente separada e tem dois filhos solteiros que residem com ela. No dia 27 de janeiro de 2020, pelo aplicativo *WhatsApp*, no entanto, se fez necessário remarcar, no dia 06 de fevereiro de 2020, foi realizado um novo contato, mas não houve sucesso. No dia 27 de fevereiro de 2020, a colaboradora enviou uma mensagem informando que por estar trabalhando, mais uma vez precisava desmarcar o encontro. Então, no dia 10 de março de 2020, ela deixou uma mensagem em áudio informando que naquele final de semana faríamos a entrevista. No entanto, no dia 22 de maio de 2020, em meio à pandemia, foi realizado novamente o contato, mas a mesma informou que não estava no Rio de Janeiro, mediante à pandemia ela havia viajado para Juiz de Fora e que retornaria no dia 15 de agosto de 2020, restava apenas aguardar. Ao chegar no Rio de Janeiro, explicou que estava trabalhando na Escola Municipal Gonzaguinha todos os dias nos horários da 9h às 12h e que não podia marcar a entrevista às segundas-feiras, mas nos outros dias ela estaria disponível.

No dia 09 de setembro de 2020, mais uma vez, a entrevista foi transferida para o dia 10 de setembro de 2020 às 14h. Ainda não foi dessa vez. E no dia 14 de setembro de

2020, foi enviada outra mensagem, sem sucesso. Enfim, no dia 17 de setembro de 2020, às 14h, realizamos a primeira entrevista. Nos conhecemos na Igreja Evangélica Batista em Marcilio Dias a qual cedeu o espaço para a realização do projeto ArtCuli. A partir desse dia, nos tornamos amigas.

A Marcia Andreia conheceu o projeto ArtCuli por meio da coordenadora da Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha que comunicou a proposta do curso. A participação da Marcia no projeto foi de suma importância, ela era uma incentivadora por ser mãe representante na época. O projeto foi também apresentado na escola. Ela foi fundamental para que as mães participassem dos cursos.

No dia 03 de outubro de 2020, realizei o contato com as outras colaboradoras para realizar a segunda e a terceira entrevistas, então foi enviada uma mensagem para ambas, solicitando qual dia seria melhor para nos encontrarmos já que elas moram próximas. Sugeri de fazermos a entrevista pelo aplicativo Zoom, devido à Covid-19 como relatado anteriormente. A comunidade da Maré apresentava um índice muito alto de pessoas contaminadas, mas elas não sabiam utilizar a ferramenta, então a única solução foi ir até a casa delas. Mediante a situação, no dia 10 de novembro de 2020, foi realizado o contato para verificar a possibilidade de marcar a entrevista presencialmente com ambas.

3.3.2 – Entrevistada: Maria das Graças Alves Cavalcante

A Segunda entrevista foi realizada com Maria da Graças, 57 anos, nascida em Campina Grande, casada e tem dois filhos, um casado e um solteiro. No dia 03 de outubro de 2020, ao perguntá-la sobre a possibilidade de realizar uma entrevista, a mesma de pronto se disponibilizou. No dia 14 de novembro 2020, combinamos pelo WhatsApp às 12h e 35min. E confirmamos para 16 horas. Ao chegar em sua casa, ela estava pronta aguardando e chegamos à conclusão de que o local ideal para a realização da entrevista seria na varanda em local aberto devido à pandemia.

Maria das Graças conheceu o curso através da igreja da qual participávamos. Então, ela foi convidada e teve conhecimento do projeto na escola juntamente com as mães dos alunos, pois ela era uma das mães de um dos alunos dessa escola e da turma pesquisada na época do mestrado. Ela não trabalhava fora. Isso permitiu o seu acesso ao projeto ArtCuli e sua participação.

3.3.3 – Entrevistada: Renata Muniz da Silva Almeida

A terceira entrevista foi com a colaboradora Renata, ela tem 40 anos, nascida no Rio de Janeiro (Morro do Cruzeiro), casada, têm três filhos, uma menina e dois meninos, eles residem com ela, pois são solteiros. O primeiro contato aconteceu no dia 03 de outubro de 2020, mas, nessa data, ela não poderia. Novamente, no dia 14 de novembro de 2020, foi enviada outra mensagem para Renata para aproveitar a ida à comunidade e entrevistá-la, então, ela respondeu às 16h e 41min confirmando.

Ao chegar em sua residência, a recepção foi envolvida com muito carinho, logo ela pediu que seu esposo preparasse um café para tomarmos, seus filhos estavam na sala jogando videogame²³, eles são jovens e adolescentes e estavam com alguns colegas que se retiraram ao iniciar a entrevista.

Em seguida, ela chamou a sua filha que a acompanhava nos dias de curso no projeto ArtCuli para falar comigo e perguntou para a menina se ela ainda lembrava de mim, afinal queria mostrar o quanto sua filha havia crescido. Ela pediu para não reparar a bagunça, dizia “minha casa é muito humilde”. Logo a seguir, iniciamos a conversa e ela com sua timidez foi relatando sua trajetória de vida. Esse dia foi muito produtivo.

Ela conheceu o projeto ArtCuli devido à escola Gonzaguinha e achou interessante a proposta dos cursos oferecidos. Para ocupar um pouquinho a sua mente, ela revelou que no momento não estava trabalhando e por isso despertou o interesse. Nós nos conhecemos na escola.

A primeira colaboradora a ser contactada pelo aplicativo do *WhatsApp* em janeiro de 2020, foi M.A, e a entrevista realizada apenas em setembro de 2020. Vale ressaltar que vários contatos foram realizados durante esse intervalo. Na figura 9, temos o registro da colaboradora em sua residência durante a gravação da entrevista:

²³ Um videogame é um jogo em que imagens e sons aparecem numa tela de televisão ou de computador desafiando o usuário a manipulá-las eletronicamente, a tomar decisões rápidas e/ou a responder a perguntas e desafios exibidos na tela; videogame; conhecido como jogos eletrônicos. Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=YkXVd>. Acessado em: 12/12/2020.

Figura 14 Colaboradora MA



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em 17.09.2021)

A seguir, nas figuras 10 e 11, temos a imagem das colaboradoras M.G e R.M, respectivamente. Ambas foram contactadas para dar continuidade às entrevistas que ocorreram em novembro de 2020. Os contatos também foram realizados via aplicativo *WhatsApp*. As entrevistas foram realizadas na comunidade Marcílio Dias, em suas residências para sua melhor comodidade.

Figura 15 Colaboradora MG



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em,14.09.2021)

Figura 16 Colaboradora R.M



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em,14.09.2021)

Conforme registro das datas, podemos perceber que entre a entrevista realizada com a primeira colaboradora e as posteriores ocorreu um intervalo expressivo. Diante

do alto índice de pessoas contaminadas na comunidade da Maré²⁴, as entrevistas com a M.G e R.M foram realizadas no mesmo dia, no mês de novembro de 2020.

As colaboradoras representadas nas figuras 12 e 13 foram as artesãs que ministraram os cursos no projeto ArtCuli. As entrevistas ocorreram no mês de dezembro de 2021.

3.3.4 – Entrevistada/artesã: Doralice Gonçalves

Figura 17 Colaboradora D.G



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em 19.12.2021)

A quarta entrevistada foi Doralice Gonçalves, tem 65 anos, nascida no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, viúva, tem um casal de filhos e 13 netos. O primeiro contato foi pelo aplicativo do *WhatsApp* tendo um retorno imediato. A entrevista ocorreu no dia 19.12.2021 às 15h e 50min em seu ateliê no Morro do Timbau

²⁴PASSARINHO, Nathalia. Covid: As lições da favela que reduziu mortes em 90% enquanto Rio vivia tragédia. BBC News Brasil em Londres. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56919419#:~:text=Em%20julho%20de%202020%2C%20a,%2C%20de%2011%2C9%25.&text=Na%20favela%20da%20Mar%C3%A9%20s%C3%A3o,Fiocruz%20e%20Redes%20da%20Mar%C3%A9> . Acessado: 01/05/2021.

que faz parte do Complexo da Maré. Ela ministrou os cursos de crochê, pintura em tecido e chinelos bordados com pedrarias.

3.3.5 – Entrevistada/artesã: Janet Magre

Figura 18 Colaboradora J.M



(Fonte: Fotografia registrada pela autora em,20.12.2021)

Finalizamos o processo de entrevistas com a nossa quinta colaboradora, Janet Magre, ela tem 58 anos, nascida no Rio de Janeiro no Morro do Timbau, solteira e tem uma filha. A entrevista ocorreu no dia 20.12.2021 às 15 horas em sua residência, especificamente em sua sala. Ela ministrou o curso de culinária. Para a execução dessas duas entrevistas finais não ocorreram imprevistos. O fato de estarmos num período de pandemia foi um complicador, além da dificuldade de cada uma, muita coisa mudou em suas vidas durante este período de 2013 a 2021.

3.4. TRANSCRIÇÕES E ANÁLISES

3.4.1. TRANSCRIÇÕES

3.4.1.1 Transcrição da entrevista com M.A realizada em setembro de 2020

“Eu sempre lutei, eu sempre batalhei”

Eu sou M.A, tenho 43 anos, nascida no Maranhão. Morei no interior. A minha infância foi (...) maravilhosa (sorriso no rosto). Eu fui criada praticamente como um menino porque eu tinha quatro irmãos e sou a única filha mulher da família. Eu gostava muito de brincar com as brincadeiras dos meus irmãos. O que os meus irmãos brincavam eu brincava. Eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano. A minha professora foi a minha mãe (o olhar se voltou para o teto). Quando a minha mãe completou 30 anos, ela se aposentou bem novinha. Ela começou a trabalhar entre 17 e 18 anos. Ela é apaixonada pela sua profissão. Como era no interior, a minha mãe atuava como professora de todo mundo e diretora. Todos nós fomos educados pela nossa mãe: cinco irmãos. Minha mãe, nossa, era muito rígida! Eu apanhei muito de palmatória (mostrou as mãos e bateu as mesmas juntando e sorrindo). Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer, não! E já no segundo grau, não, eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. No segundo grau, meus pais tiveram que comprar uma casa na cidade para nós estudarmos. O meu pai levava a gente na cidade na segunda-feira e a gente ficava de segunda a sexta, quando o meu pai vinha, pegava a gente e nos levava para o interior. Foi essa luta toda. Sempre estudamos em escola pública, nenhum dos filhos estudou em escola particular. Concluí o ensino médio só depois que eu fui morar na cidade (...) apenas com um dos meus irmãos. Só depois, no ano 2000, que eu vim para o Rio de Janeiro. Chegando aqui (...) consegui um trabalho, onde atuei por sete anos. Logo após, casei e tive dois filhos. Eu comecei a atuar na Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha convidada para participar como mãe representante, depois eu deixei de ser mãe representante para trabalhar no projeto “Mais educação”. Eu tive que me dedicar ao projeto, que durou dois anos. Eu trabalhei quase todos os dias com uma turma de manhã e com uma turma à tarde. Em seguida, fui contratada por uma prestadora de serviço para prefeitura como cozinheira, onde eu trabalhava o dia inteiro de 7h da manhã até às 17h da tarde. No ano de 2020, assumi a função de controladora

de acesso, que é um elo principal da secretaria escolar. Eu faço a mediação entre as pessoas que chegam à escola. Desde que aconteceu o incidente na escola de Realengo, no Rio de Janeiro, a prefeitura criou este cargo para evitar o fluxo de pessoas estranhas dentro da escola. Principalmente quando é para falar com a diretora ou tratar assuntos sobre secretaria como, declaração e outros documentos. Eu morei durante 20 anos em Marcílio Dias e me sentia pertencente à comunidade (sorriso). Eu ainda acho que sou de lá. Por eu ser uma pessoa muito comunicativa e por eu trabalhar na escola o tempo todo, eu conheço todo mundo. Quem eu não conheço, me conhece. Então, se você chegar lá e perguntar para qualquer pessoa: “Conhece a M.?” “Ah! uma magrinha? Conheço.” “Conhece a M.?” “Ah! conheço, aquela da escola”. Todo mundo sabe. Não sabe exatamente o endereço, mas sabe onde fica minha casa. Hoje, morando fora da comunidade eu me acho mais lá de dentro do que daqui. Eu me acho mais de lá da comunidade. Quando eu reencontro alguém em Marcílio Dias, todo mundo fala: “vai lá em casa, quero te ver”, “quero te dar um abraço”, “ah! como você está?” “Ah! Voltou?” (mãos unidas sinalizando graças a Deus), “Graças a Deus ela voltou”. Eu digo: “gente, eu não voltei. Eu só estou trabalhando. “Ah! mas não adianta, o importante é que você vem todos os dias”. “Todo dia você está aqui. Isso é que importa”. Então eu me acho. A minha relação com a comunidade de Marcílio Dias sempre foi boa porque eu nunca me envolvi com coisas ilícitas. Havia dias na comunidade em que não podíamos comprar um pão, tinha dia que você queria levar as crianças na praça, não podia. Não podia deixar na rua. Eu sempre fui uma mãe muito cuidadosa com eles. Quando o meu filho mais velho completou 11 anos eu comecei a ter problemas por conta das amizades que ele tinha. Ele já estava ficando agressivo, já falava que queria fazer alguma coisa com o pai, porque ele queria ir para o baile, ficar na rua, todo mundo ia para o campo jogar e eu não deixava. Da primeira turma dele, de 30 alunos, hoje, restam 5 alunos (semblante triste). O restante, todos se envolveram e perderam a vida (...). Foi quando eu comecei a perceber que eu tinha que tirar meus filhos dali (estalou os dedos seguido de sinal de sair fora). Foi quando eu vi, “é agora ou nunca”. Pensei “Ou eu tiro os meus filhos daqui agora, ou vou perder eles”. E aí foi quando eu decidi me mudar. Aí mudei por eles. Deus estava lá na hora! Deus abriu uma porta, para o meu esposo, ele viajou para Juiz de fora e se empregou. No ano seguinte ele disse: “eu vou levar vocês ou a gente vai sair daqui ou a gente vai perder o nosso filho” (gestos com as mãos). O primeiro ano foi fácil porque ele vinha a cada quinze dias e ficava com a gente. Quando ele deixou de retornar ficou complicado para mim e para os dois meninos. A gente decidiu ir e

ficamos um ano. Quando nós chegamos lá, eu fui morar na Cidade Universitária, você desce do apartamento e está dentro da faculdade. Foi o apartamento que eles conseguiram alugar para gente. Então não era nem um apartamento que tinha praça, que tinha uma piscina. Colocava meu filho na escola às 7h da manhã e às 12h buscava. Lá, a gente ficava trancado no apartamento. Nós entrávamos e nos trancávamos. Os meninos não se adaptaram porque estavam acostumados com os amigos e com a muvuca da comunidade (gestos com as mãos sinalizando a relação entre quantidade de pessoas e espaço). Eu senti muito quando eu os tirei, porque nasceram lá, conheceram todo mundo lá. Começaram os primeiros anos escolares deles lá. Quando a gente saiu de lá foi uma mudança da água para o vinho. Quando a gente saiu de lá, de um lugar em que eles eram livres, soltos, para ir morar dentro de um apartamento no quarto andar em Juiz de Fora, lugar em que você não conhece ninguém... Eu pensava muito neles porque eu era acostumada com a minha casa cheia, falar com todo mundo, brincar com todo mundo. Tinha dia que eu queria dar uma palavra com alguém, não tinha ninguém. Foi um ano de luta! Então eu tinha que escolher entre ficar ou ter que voltar para o Rio de Janeiro. Ele falou: “você vão ter que escolher se vão ficar aqui comigo ou vão embora para o Rio”. Permaneci por um ano em Juiz de Fora porque também não me adaptei ao frio. Meu marido não teve como vir porque era o trabalho dele. Com dezessete anos de casada, nesse mesmo ano, eu me separei. Foi muito dolorido (expressão de tristeza). Eu tive um ano de sofrimento, sofrimento, sofrimento. Foi quando eu aceitei Jesus, me batizei e a minha vida começou a mudar. Mesmo com tudo isso acontecendo, Deus continua abençoando. Ele sempre foi muito abençoado. Eu retornei com os meus filhos e conseguimos alugar aqui (moradia atual), porque Deus nos deu a oportunidade de construirmos cinco casas na comunidade. Estão todas bem alugadas. Eu sempre lutei, eu sempre batalhei, “Vamos, a gente faz, a gente vai conseguir”. Passamos por muitas dificuldades para comprar a nossa primeira casa. Abri mão de tudo para conquistar o que a gente tem hoje. E hoje eu trabalho, mas a minha principal renda é tudo o que eu conquistei está lá. O que eu conquistei lá, hoje, me mantém aqui. Graças a Deus, Ele me abençoou de uma forma tremenda que eu consegui sair da comunidade há três anos com os meus filhos. Então, parece que Deus fez assim: “eu vou tirar vocês daqui e fazer uma experiência bem pesada com você e vou botar vocês num lugar certo”. Tipo, nos tirou da muvuca e colocou a gente lá Juiz de Fora para quando a gente viesse para cá ser isso

aqui, essa paz, pouca gente, sabe, que é onde eu moro aqui na Penha²⁵. As pessoas sabem que eu moro fora, mas não sabem que eu moro exatamente aqui. “Ah! mora onde?” “Eu moro na rua Costa Rica, perto do IAPI”²⁶. As pessoas não vêm aqui em casa. Só uma ou duas pessoas que eu já trouxe aqui. Eu não digo onde eu estou e hoje eu vivo assim. Lá em Juiz de Fora, eu reclamava da solidão e aqui eu amo. Agora eu acho ruim quando tem alguém (risos). Quando tem três, quatro pessoas, eu já fico agoniada, “Ai meu Deus! A casa já tá cheia!”. Dependendo do lugar a reação é muito diferente (olhar fixo). Eu sou grata a Deus por tudo. Eu trabalho sim, mas se eu optasse por não trabalhar, eu sobreviveria aqui tranquila com eles dois. É muita benção! Benção, é só benção, benção, benção e eu agradeço muito a Deus. Sou muito grata a tudo que Deus tem feito por mim. Hoje, os meus filhos são maravilhosos, superinteligentes, são pessoas que respeitam todo mundo, que tratam todo mundo igual e com amor. Eu crio os meus filhos assim. Eu sou muito orgulhosa! Não é porque eu sou mãe não, mas eu tenho muito orgulho dos meus filhos. Eu sou muito parabenizada pelos meus filhos, pela criação deles. Conheci o projeto ArtCuli por meio da coordenadora da Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha que comunicou a proposta do curso e gostaria que eu participasse porque me achava uma incentivadora por ser mãe representante, na época. Ela achava que eu incentivava muito as outras mães e ao participar do projeto poderia repassar, formar uma turma. Eu participei e foi um aprendizado muito bom e importante para mim. Foi maravilhoso! (Expressão de alegria com sorriso no rosto). O curso de pintura então, eu me apaixonei, me apaixonei pela pintura! Eu me lembro que o curso sobre pedrarias em chinelos foi o que eu menos assimilei. O crochê e a pintura foram muito bons! A culinária também foi muito boa. Mais lá, por ser um lugar assim que pouca coisa vai para frente eu acho que a gente ainda fez muito, você (coordenadora) ainda fez muita coisa. Acho que as meninas, depois, ficaram sem o incentivo porque lá a pessoa precisa de incentivo, lá todo mundo funciona na base do incentivo. Se não tem um incentivo, elas não vão. Sei lá, é preciso ter alguém que diga: “vamos, vamos lá, vamos fazer”. Igual você estava “Olha não tem aula hoje, mas no dia tal tem aula”. A gente estava lá, todo mundo estava lá. Mas se

²⁵ Atualmente a entrevistada reside em um apartamento recentemente comprado no bairro 25 de Agosto, em Duque de Caxias/RJ.

²⁶ “O Conjunto IAPI da Penha é uma área urbana planejada, predominantemente residencial, de arquitetura modernista, localizada na cidade brasileira do Rio de Janeiro, capital do estado do Rio de Janeiro. Embora seja tratado popularmente como "bairro", não é reconhecido por lei como tal, encontrando-se inserido dentro do bairro da Penha.” (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto Habitacional IAPI da Penha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto_Habitacional_IAPI_da_Penha)).

você deixar por livre e espontânea vontade (...) ah!!!(lamentação) “não vou, não!”, “Ah! estou ocupada!”. A pessoa vai deixando passar. Mas quando você dizia: “vai que amanhã terá aula!” Aí a pessoa vai, e se você propuser uma coisa legal lá e a pessoa ver, tipo a pintura. No dia da aula de pintura, estava todo mundo. Tinha dia que não tinha nem lugar de tanta gente (Risos). Incentivo é você estar lá, chamando, convidando. “Oh! Vamos lá! Isso pode dar certo, pode ser um negócio!” Eu acredito que hoje, Cida, se fosse hoje, eu acho que teria muita gente ganhando dinheiro com isso nessa pandemia, em que as pessoas estão se virando com qualquer coisa, você quer ver. Você não tem noção de como está a comunidade. No muro externo da escola tem barraca daqui (usou as mãos sobre a mesa para demonstrar o espaço ocupado) à entrada do portão da garagem. Tem barraca, barraca, barraca, barraca até a frente da igreja, onde acontecia o curso, assim virando. É só barraca! Não tem lugar para carros, não tem lugar para você estacionar um carro. Em todo o lugar tem barracas. Tudo que você imaginar e quiser comprar, lá tem. Hoje, fecha em frente à igreja. Ali na frente da igreja, naquela padaria do ponto das Kombis fecha, vai até lá no final da rua Dalva de Oliveira e fecha no Seu Joaquim. Então hoje, tem uma feira lá que interdita o trânsito. Uma feirinha que antigamente era em frente ao Beto, aquela feira hoje funciona ali. Eu acredito muito que se esse curso fosse em um período de pandemia, muita gente iria participar, porque está todo mundo querendo alguma coisa para fazer para ganhar dinheiro, arrumar alguma coisa. Então, eu acredito muito que o incentivo faz a pessoa ficar mais (Pausa) disposta. Ah! (Sorriso) Nas minhas lembranças sobre o curso, me vêm as risadas das meninas, as conversas, quando uma errava a outra pintava, botava uma cor e era outra. Recentemente, eu vi a baixinha, eu esqueço o nome dela. A Renata eu vejo de vez em quando, passando no mercadinho, mais nas redes sociais. E a Graça, eu tenho contato quase que diariamente com ela. Era muito bom! Muito bom mesmo! Muito bom recordar. Naquele momento, o projeto contribuiu para minha vida cotidiana. Na época, eu fiquei bem empolgada. Eu queria fazer. Eu vendi os panos de pratos para as meninas da comunidade. Se eu não tivesse saído, eu teria dado continuidade. No ano de 2013, quando surgiu o curso ArtCuli, eu participei, aprendi, mas não dei continuidade, porque eu precisei mudar para Juiz de Fora. Mesmo depois que o projeto terminou, Ana Baher e eu queríamos dar continuidade com umas mães, até as mães das crianças com necessidades especiais. Ela queria proporcionar um novo sentido para essas mães para elas entenderem que a vida não se resumia em cuidar dos filhos. A experiência de participação no projeto me despertou a vontade de continuar e formar turma, porque

como eu estaria dando estabilidade financeira para algumas pessoas da comunidade que não têm nenhum recurso. Se alguém tivesse dado continuidade formando turma e formando turma, formando curso, nossa! Eu acho que hoje tinha muita gente ganhando alguma coisa, usufruindo muito bem do resultado do projeto.

3.4.1.2. Transcrição da entrevista com M.G realizada em novembro de 2020

“Ai meu Deus porque eu parei de estudar pra casar?”

Meu nome é M.G, nasci em 6 de agosto de 1962 em Campina Grande. Minha mãe teve 16 filhos, mas morreram 6, ela criou 10. Eram sete mulheres. Tem uma em Recife, tem três falecidas e tem três aqui no Rio de Janeiro. Irmão homem, só tenho em João Pessoa, porque o que morava aqui também faleceu. Tenho 57 anos. Da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em um sítio chamado Massapê, em Campina Grande. Crescemos lá. Eu trabalhava na roça com o meu pai, mas a experiência não foi muito boa, por isso não tenho tantas lembranças. Eu estudei só até a quinta série, quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tinha que trabalhar na roça. Depois eu estudei ainda por força de vontade. Quando eu estava na quinta série, eu já estava com 22 anos... não 21, por aí. Então, parei de estudar para me casar. Deixei a escola e casei-me com 22 anos. De vez em quando eu fico me perguntando “Ai meu Deus porque eu parei de estudar pra me casar?” A escola me marcou. Eu gostava de estudar, eu era uma pessoa que aprendia muitas coisas, gostava de escrever, gostava de ler. Mas era aquele processo, eu trabalhava com meu pai até mais ou menos 13 horas da tarde, quando dava 13h30min eu tinha que sair pra ir pra escola. Eu estudava das duas às cinco. Quando eu chegava em casa, de noite era luz de candeeiro, tinha que fazer os trabalhos. Foi uma coisa sofrida, mas eu gostava. Parei só por esse motivo. Não levei a sério os estudos e parei pra me casar. Só depois com 22 anos vim para morar aqui no Rio e não continuei mais a escola parei. Mas para mim, foi bom. Eu falo muito com os meus filhos, tanto com o primeiro quanto com o segundo... Meu primeiro filho estava fazendo faculdade de direito, depois parou “Ah! mãe, mas é porque estava muito difícil”. Ele trabalhava na Faculdade C.M. Ficou quatro anos lá. Depois parou também. Você sabe como é que é, a gente fala e tudo, mas eles não querem saber: “Olha! Estude porque eu sei como é que é!”. O estudo me faz muita falta.

A gente sem estudo hoje não é ninguém. Agora, se eu tivesse estudado... Quando eu me casei, fui morar em Campo Grande. Morei em Campo Grande um tempão. Depois, voltei pra Campina Grande, depois voltei a morar aqui na Kelson²⁷, na comunidade Marcílio Dias há 24 anos. Quando eu vim para cá meu filho tinha uns 6 anos, o mais velho, e hoje está com 30. Já faz muito tempo. Eu quero vender a minha casa para sair daqui. Eu tenho vontade de sair para ficar perto do meu filho. Eu não tenho o que falar daqui, porque em vista de outras comunidades, aqui é até calmo. Meu filho mais novo também tem vontade de sair da comunidade porque ele pensa em estudar, fazer faculdade. Ele chega muito tarde aqui, pois está estudando à noite! Ele começou ano passado no Colégio Heitor Lira. Ele não encontrou vaga para estudar durante o dia. Ele vai a pé com um coleguinha dele, mas mesmo tendo companhia, o problema não é tanto a ida, o problema é a volta. Às vezes, nunca se sabe (gestos e expressões de preocupação). Aqui, ainda tem muita dificuldade em relação à educação. Não tem escola que ofereça ensino médio, na verdade não tem nada. O supermercado que tem não evolui nada. Tem aquela creche do pastor²⁸ na pista. Acho que tem outra, a da Neide também.

O marido da Neide teve Covid-19. Muita gente teve Covid-19. Meu sobrinho que mora em Jacarepaguá também teve. Aqui na comunidade está tendo muitos casos. Mas só que as pessoas não falam. A maioria das pessoas daqui não se previne, não usa máscara. A van sai daqui para fora e no supermercado, farmácia ninguém entra sem máscara, mas o que adianta chegar, descer do ônibus, tirar a máscara e andar esse pedaço todo (distância entre a entrada da comunidade e a residência da colaboradora). A gente não sabe quem tem, não, é muito perigoso! Eu estava vendo hoje de manhã, acho que nos Estados Unidos, tem uma nova onda dessa doença. Em nome de Jesus eu creio que não vai vir para cá. Nós precisamos ter medo, porque é uma coisa muito séria, leva muita gente! Muito difícil, muito difícil! Só Jesus para nos dar livramento, porque não adianta você dizer assim “Ah! Mas, eu não tenho medo, não”. Não vou dizer para você que eu não tenho medo, porque eu tenho! Nem condição da gente se cuidar nós temos no momento. Porque você vê os hospitais... Só tem hospital para quem tem um bom plano de saúde, quem não tem, minha filha, fica sofrendo, aí já viu! Eu conheci o curso através da igreja onde a gente participava. Um dia você chegou, me convidou, veio aqui

²⁷ “Comunidade Marcílio Dias é também conhecida popularmente como Favela da Kelson’s, foi formada na antiga praia das moreninhas, entre os terrenos da Casa do Marinheiro e da fábrica da Kelson’s” (Fonte: <https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/favela-da-kelsons-1948/>).

²⁸ Bispo Andrade responsável pela creche Celebrando a Vida.

falou “Ah! G., vai ter um curso, vai ter um projeto lá na igreja mesmo, dá para você participar?” Eu participei do projeto ArtCuli e a minha experiência foi ótima para mim, foi muito boa! A gente ficava lá duas vezes por semana, tinha lanche, tinha palestra, era bom demais a bagunça! Aprendemos bastante coisa, foi muito bom. Eu sinto saudade daquele tempo. Eu tenho saudade de você, do que eu aprendi lá, de tudo, das amizades que nós fizemos lá. Foi bom demais! Às vezes, eu vejo a Renata, mas de forma muito corrida porque eu também quase não fico para lá e para cá. A Dione não está mais na comunidade! Nem Adriane! Nenhuma das duas moram mais aqui. Quem mora aqui é a filha da Dione, a que ela levava para o curso. Acho que ela mora aqui na favelinha, ela teve um filho quem cria é a Dione. A Dione sempre trabalhando! Ela estava no mercado, agora não sei! Eu só parei o curso porque não tive condições de dar andamento, não estava com dinheiro para comprar os tecidos para fazer os panos de prato para pintar, tudo isso. Foi mesmo naquela crise de depressão que eu tive, como é que eu ia? Nesse tempo, não estava nem tomando conta de criança, estava fazendo nada... só o marido trabalhando, aí não deu... (gestos de lamentação com a mão) Mas bem que eu gostaria de... foi uma experiência muito boa que eu tive. É... foi ótimo, foi ótimo! Depois, começou aquele curso de bolo, de culinária, lembra? Depois que encerrou o curso de artesanato, iniciamos o de culinária. Eu gostei das duas experiências, que para mim foram ótimas. Eu acho que o curso não teve uma sequência porque paramos no tempo, não corremos atrás por falta de interesse também das pessoas que fizeram o curso. Porque eu acho que as pessoas daqui quando começam, correm tudinho para se inscrever “Ah! vai ter um curso ali”. Umam participam, outras não participam e depois não dão andamento. Param. Eu acho que é isso. Eu só participei desse projeto mesmo. Depois desse curso, não fiz mais nada. Primeiro, tinha um curso aqui naquele postinho da associação, só que eu estava com problema muito sério na vista, não sabia o que era, aí não tinha como, não estava enxergando. Descobri que estava com catarata e operei. O projeto ArtCuli contribuiu com a minha vida. Só que eu parei, porque, como eu te falei não tinha condições de comprar material para fazer. No curso de crochê, eu comecei a fazer aquelas trancinhas, mas como é que eu ia fazer também, sem vista? Eu falei “depois que eu me recuperar eu volto.” Eu ia me inscrever para aprender outras coisas, mas com a pandemia, parou tudo. Se eu tivesse tido condições teria dado continuidade, então acho que o que mais me impediu foi a questão financeira, com certeza! Na época, em que eu estava no curso, eu não trabalhava, mas hoje quando aparece roupa para passar eu passo. Passo roupa da menina da escola e da

diretora, vendo meus picolés em casa, meu sorvete. Eu não trabalho fora, mas tomo conta de criança em casa. Por enquanto, em razão da pandemia, eu só estou com uma criança. Eu trabalhava com três, mas as mães foram embora da comunidade e outras saíram do trabalho. Hoje, eu estou até com um, está lá no quarto “vem cá Enzo pra tia conhecer você. A tia está fazendo uma entrevista aqui” (apresentações). Eu ajudo um pouquinho em casa, não ajuda tanto, porque as coisas estão caras demais, o custo de vida não está fácil, não, mas dá para ir levando...

3.4.1.3 Transcrição da entrevista de R.M realizada em novembro de 2020

Laços com o território.

Meu nome é R.M, nasci em seis de dezembro de mil novecentos e oitenta. Por parte de mãe eram três irmãs, uma faleceu tem uns cinco anos e pouco e tenho um irmão. Da parte de pai tenho um outro irmão. Eu não nasci aqui, nasci ali no Morro do Cruzeiro. Viemos para Marcílio Dias com oito anos, hoje eu estou com 40, tem 32 anos! Eu me lembro que a festa de oito anos foi aqui. Minha mãe trabalhava aqui no Barracão, onde é a escola Gonzaguinha²⁹. Era um barracão azul, grandão, sede da prefeitura. Eu não aproveitei muito porque na época, a gente acordava muito cedo para vir para cá. Chegava da escola e ficava mais na creche. Quando chegava em casa, já era noite para dormir e retornar no dia seguinte. Lá era muito violento. Devido a alguns problemas de violência, que era muita lá onde nós morávamos, minha mãe resolveu morar aqui do nada. A gente veio morar um pouquinho de tempo aqui e depois voltou para lá, porque a gente tinha uma casa lá. A minha infância aqui foi bem tranquila. Fiz várias amizades! A gente fica triste porque não encontra mais algumas pessoas aqui, entre a gente. Tomaram caminhos diferentes. Mas foi um tempo bem tranquilo, foi bem tranquilo! Gosto de morar aqui em Marcílio Dias porque para quem já mora aqui é uma favela, uma comunidade tranquila para viver em relação a outros lugares. Mas se eu tivesse condição, eu sairia daqui. Quem não queria? Eu sairia! Às vezes, eu fico até brincando com a minha vó “Ah! Vó, eu gosto daqui eu gosto daqui! Queria voltar para cá, no morro do Cruzeiro”, mas se tivesse condição mesmo eu sairia daqui. Mesmo sendo uma favela meio calma, eu sairia se tivesse condição. Quem não queria? Na época da escola

²⁹ Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha.

eu estudei até a quarta série, eu repeti muitas vezes, eu fui muito ruim, fui muito ruim no colégio! Minha mãe ficava o dia todo no trabalho. Não sei se devido a isso, tirava pouco tempo para estudar porque quando eu chegava da creche tinha que ficar com a minha mãe. Então a gente ficava mais brincando. Sinto muita falta de estudar. É como meu filho. Meu filho mesmo terminou os estudos. Eu acho bonito! Eu vejo que ele quer que os irmãos também terminem. Ele diz: “Mãe, tem que botar eles pra estudar!” Ele mesmo me chama atenção. E eu “Opa quem é a mãe?” Mas ele não quer ver o mal, ele quer ver o bem para os irmãos também. Como ele terminou, ele quer que os irmãos também terminem. Eu tenho três filhos. Eles estavam trabalhando como jovem aprendiz aqui no Princesa, mas aí o contrato acabou. Eles estão em casa esperando Deus abrir uma porta. Um deles estava até falando, ontem mesmo, ele estava falando daquela palestra que teve lá com aquela turma. Eu falei que achava bonito as meninas, que são jovens, querem um futuro. Ele até falou que queria entrar na faculdade de veterinária, até mandou eu ver, mas só que lá na Unisuam não tinha, aí você (Cida) indicou... mandou eu ver em outras áreas. Eu falei assim “Agora? Deus já ia abençoar, você não quis.” Ele falou: “Não, vou ver outra coisa”. Por quê? Porque fica muito complicado, acho que se a gente tivesse um curso melhor ele teria ficado aqui mesmo, aqui do ladinho. Só que o contrato acabou e mandou embora os jovens. Eu conheci o projeto ArtCuli devido à escola Gonzaguinha. Eu achei interessante para ocupar um pouquinho a mente e até para eu aprender mesmo, porque naquele momento eu não estava trabalhando. Ficávamos meu filho e eu lá, por isso me interessei! A minha experiência em relação ao projeto foi muito boa, aprendemos bastante coisa lá. Ali eu aprendi que com força de vontade a gente consegue várias coisas, a gente aprende, é só a gente ter o querer e a vontade, a gente consegue aprender! Só fica parado quem quer, porque você sabendo fazer as coisas, você ganha o seu próprio dinheirinho. São lembranças muito boas. Ali fiz várias amizades com pessoas que eu nunca imaginei como você e o pastor. A Dora... Como eu sinto saudade da Dora! Eu vi a Edione lá na escola Souza Carneiro, conversei com ela e até dei *WhatsApp* e tudo! Foram lembranças boas, muito boas mesmo! Criamos uma família. O projeto significou muitas coisas, muitas coisas! Ali, por exemplo, a gente cria uma união, um querendo ajudar o outro, a ensinar “não faz assim, desse jeito fica mais bonitinho!”. Pena que não deu para eu continuar fazendo devido à correria do dia a dia, tem a minha família, a minha igreja e tem esse trabalho que tem dia que não tem hora para chegar, mas aprendemos bastante coisa, sinto falta do curso! Pena que ainda não voltou! Hoje, depois do projeto, eu sinto falta de ocupar a

mente. Queria que continuasse, mas Deus sabe todas as coisas. O que faço hoje é uma coisa que, pelo menos, dá para ocupar a mente um pouquinho ainda, mas devido a tantas coisas que estão acontecendo, o projeto é bom porque é como uma terapia: você ocupa a mente, você vai viajando vai esquecendo algumas coisas. Eu aprendi algumas coisas, mas não deu para eu levar adiante, vender para ganhar um dinheirinho, porque falta mesmo de tempo. É uma correria. Eu tive que passar para uma outra fase para ajudar meu marido. Hoje, eu não estou trabalhando fora, só ajudo meu esposo com o serviço de lava à jato. Só isso! Ele também não pode ficar lá sozinho, então eu o ajudo. Ele fica ali de frente e para ele é mais arriscado devido a sua situação de saúde, é muito cansativo! Então eu o ajudo. Até porque não dá para colocar outra pessoa, não tem condições de pagar uma pessoa. Não é justo botar outra pessoa e pagar pouco. Então é uma renda que a gente faz que é para dentro de casa mesmo. Enquanto ele entrega os carros lá no final do mercado São Sebastião, eu vou agitando para não deixar o trabalho parado. É um ajudando o outro. A nossa redenção é essa. Só essa! Se separar, acabou. Quando tem sol, Deus abençoa, mas quando chove é aquela prova! Como hoje, hoje nós não fomos porque ele passou mal, senti dor forte no peito e eu com essas dorezinhas chatas!

3.4.1.4 Transcrição da entrevista com D.G realizada em dezembro de 2021

Uma mulher criativa em meio as dificuldades vivenciadas na Pandemia

Meu nome é D. G, vou completar 65 anos nesta semana, eu nasci no dia vinte e dois de dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis, em São Cristóvão devido morar na Tijuca, mas fui criada em Magé. Quando mudamos para Magé eu tinha uns 7 anos. Venho de uma família grande, somos de 10 irmãos comigo e vivemos um período muito difícil [...] 10 filhos e tal... e [...]. Tenho um casal de filhos que estão casados. Sou avó de 13 netos. Sendo três netos da minha filha e o restante do meu filho. Quando posso ajudar eu ajudo, apoiando. Não posso ajudar financeiramente, porque não tenho condições, mas apoio conversando. Sou viúva [...], infelizmente Deus levou meu companheiro[...] Eu, praticamente, depois que ele se foi, eu sobrevivo, mais do que eu faço, que são os meus crochês, meus artesanatos, pintura de tecido, que eu até esqueci de falar! [...]. Tudo que se fala de artesanato eu amo, eu gosto. (ela ficou com os olhos

cheio de lágrimas) Na minha adolescência, eu comecei a brincar de boneca, mas de boneca trabalhando, para boneca! [...] fazendo roupinha de boneca para vender para as minhas amigas (risos). Desde criança, eu tinha esse dom (risos) de inventar e fazer as coisas. Então, eu fui criando afinidade por trabalhos manuais. Eu nunca falei que era impossível, ou que eu não conseguia[...] nem que eu desmanchasse para refazer tudo novamente[...]. Foi assim que comecei a trajetória da minha vida com os meus trabalhos manuais. Eu fico! eu fico emocionada! Assim, por tudo que eu já passei na vida, minhas situações(...). Eu nunca desisti, e nem deixei de acreditar! Virão dias melhores! Eu sempre, penso assim[...] não pensar negativo. Exemplo: “eu não consigo!”, “eu não posso!” [...]isso eu não aceito. E assim, se a gente tiver força de vontade e fé em Deus tudo prospera! (ela ficou com os olhos cheio de lágrimas) É, porque eu vivi um momento, muito difícil de uns seis anos para cá, quando meu esposo faleceu, infelizmente eu não tive direito a pensão, eu precisava continuar vivendo. E eu naquela depressão não conseguia fazer nada, fiquei em depressão! A minha filha não tinha condições de me ajudar! Meu filho não tinha condições de me ajudar! Eu não tinha pensão, eu não tinha nada! Então, eu tive que optar em trabalhar em casa de família. Eu não tinha noção de como que era trabalhar fora! Trabalhar na casa de uma pessoa, (passava as mãos nos olhos e seu olhar estava distante) a gente não sabe o costume das pessoas eu estava acostumada com meus costumes, da minha casa, mas das pessoas eu não estava. Então, não me adaptei muito bem, mas eu fui fazendo por onde e continuando. Porque eu precisava muito! Eu não tinha de onde tirar. (Ela ficou gesticulando com as mãos e bem acelerada). Então eu trabalhei nessa casa e lá eu passei mal. Então, eu liguei para minha filha me buscar. Ela foi me pegar. Quando ela chegou lá! Eu estava muito mal! Peguei um ônibus com a minha filha para retornar para minha casa. A minha intenção era ir ao Upa, mas não consegui chegar lá, porque passei muito mal dentro do ônibus e desmaiei. Quem me socorreu foi uma viatura da polícia, eles tentaram me reanimar, mas eu permaneci o tempo todo desmaiada. Depois, eles me pegaram e levaram para o hospital Souza Aguiar. Ao chegar lá, fizeram os procedimentos e eu voltei a si e melhorei. Mas, eles falaram que eu tinha que fazer um tratamento para ver o que estava se passando”. Eu estava doente, eu tinha uma dor muito forte abdominal e aquela dor vinha tão forte que eu passava mal, eu desmaiava, podia ser na rua, em qualquer lugar que eu estivesse eu desmaiava, quantas vezes eu desmaiei sozinha dentro de casa! Eu ia ao banheiro quando eu voltava me deitava na cama quando ia ver já tinha passado um tempo. Na verdade, eu estava desmaiada,

sozinha dentro de casa. Veio a pandemia e foi muito difícil! Foi muito difícil! Foi a época mais difícil que eu passei! Precisei parar de trabalhar! Já tinha saído do serviço, pois eu estava doente e foi graças a Deus que me abençoou com a minha irmã! Ela trabalha na casa de um casal de médicos e preocupada comigo falou com os seus patrões e eles conseguiram uma vaga para o meu tratamento. Fiz os exames e deu que era uma hérnia umbilical que estava causando tudo isso. Eu perdi meu serviço! Eu não tinha condições de trabalhar, continuar trabalhando! Não tive mais força, nem ânimo para trabalhar. A minha patroa não tinha condições de ficar comigo doente eu estava tão desesperada que eu pedi minha demissão (as contas) sem ter noção do que estava fazendo e fiquei de novo desempregada e doente. Então, peguei minha casa e dividi para fazer tipo uma kitnetzinha, para gerar uma renda. Foi quando veio esse auxílio emergencial que me abençoou muito também! As coisas melhoraram um pouco para mim. E eu ali, na minha cabeça, [...]assim, tipo... Deus começou esclarecer muitas coisas, dizendo que eu poderia fazer alguma coisa, foi quando eu voltei a ter ânimo para voltar a trabalhar. Fui voltando devagarzinho e hoje estou trabalhando novamente, vendendo meus produtos do boticário. O boticário e meus crochês, eu revendo! As pinturas em de tecido não estou fazendo não! Porque eu tomo conta da minha netinha. Ela não me deixa fazer nada! Se eu for pintar os meus panos ela vai tomar um banho de tinta! Hoje, estou fazendo mais o crochê. Graças a Deus! Eu faço os meus artesanatos e vendo. Arrumei um companheiro que é uma benção na minha vida me ajuda muito! Graças a Deus! Hoje eu estou bem!... Eu fiz a cirurgia e estou recuperada. Eu não tinha renda não tinha nada, doente, eu não tinha ânimo, nem para trabalhar! A minha filha me apoiou muito! Me ajudou muito! Os irmãos da igreja oraram muito por mim! E me deram o maior suporte e apoio! Eu moro aqui no Morro do Timbau, no complexo da Maré há quase 40 anos meus filhos eram pequenos quando eu vim para cá. Eu gosto muito de morar aqui, eu gosto muito! Não trabalho fora. Eu sou do lar, mas trabalho em casa, com os meus artesanatos. Estou fazendo crochê, confeccionando peças de crochê e sandálias bordo sandálias são essas coisas que vendo. Bom, comecei a trabalhar com artesanato na verdade, com uns 10 anos, fazendo algumas coisas, como eu falei[...] antes, “sobre o trabalho, de confeccionar roupinha de boneca e depois optei por crochê”. Eu queria muito aprender a fazer crochê e naquela época meu pai não tinha condições. Eu não tinha nem como comprar uma agulha e um rolo de linha. Minha família não tinha a visão que temos hoje do artesanato. Meu pai não tinha essa visão! Eu queria muito uma agulha de fazer crochê e eu peguei uma vareta de bambu escondido do meu

irmão, que ele fazer pipa, “eu peguei uma vareta de bambu, (risos) olhei as agulhas das minhas amigas e fiz um ganchinho” e foi minha agulha de crochê. Minha primeira agulha! Agora, a minha linha!... Então, como tudo que se comprava se embrulhava com papel e amarrava com barbante e meu pai comprava pão que vinha aquele embrulhão de pão que era pão para 10 filhos, eu pegava o barbante e juntava, emendando um no outro e fiz um rolo e do rolo com aquela agulha de bambu e eu fui vendo as minhas amigas fazer, porque eu ficava perto delas, mesmo elas não querendo me ensinar, então eu ficava olhando. E foi assim que fui dando os meus primeiros passos, fazendo meus primeiros pontos[...] errava e desmanchava, até hoje não me importo[...]se estiver lá na frente e tiver errado, eu volto atrás e refaço para fazer perfeito [...]. Foi assim que eu comecei. Um dia meu pai me deu um dinheirinho, eu corri e comprei uma agulha, não dava para comprar a linha, minha irmã trabalhava, e no serviço ela ganhou um rolo de linha. Então ela falou: “Ah vou jogar isso fora, não serve pra nada” Eu falei: “ah me dá pra mim” ela me deu e daí eu juntei de novo com as minhas amigas, fiquei olhando elas fazerem e fui aprendendo os pontos[...] ali com elas depois fui conseguindo ir montando alguma coisa, nos pontos que eu aprendi, e dali para a frente nunca esqueci de fazer o crochê. No meu período escolar, eu tinha um pouco de dificuldade no aprendizado acho que era por conta da bagunça mesmo que eu fazia, eu era bagunceira. Com 15 anos idade, meu pai me colocou (risos) contra parede, pois ainda estava na terceira série. Foi quando ele descobriu o Colégio Padre Anchieta em Parada Angélica, que tinha ginásio e um curso de férias em que precisávamos estudar dois meses (janeiro e fevereiro) e ao final teria uma prova que era denominada como: “um provão”. E se a gente passasse, ia para o primeiro ginásio. Então, meu pai falou: “agora tu vais estudar, vai estudar, eu vou pagar e você vai estudar” Ele me colocou nesse colégio e me prometia todo dia que se eu não passasse iria me bater(risos). Eu fui e dei conta de que era importante estudar. Levei bem a sério, estudei e passei[...]. Com muito boa pontuação passei para o primeiro ano do ginásio. Nesse momento, eu comecei a ver meu pai me elogiar, as pessoas me elogiarem. E foi crescendo dentro de mim uma pessoa que eu não imaginava que existia como que eu era importante, como é importante estudar, fiz o primeiro ginásio e o segundo ginásio. Depois baguncei de novo e sai da escola (gargalhadas) só faltava um ano para terminar.. Não concluir! Tinha uma brincadeira na escola que eu não gostava, que os meninos faziam. Tudo porque eu e a minha família éramos evangélicos. Os meninos faziam *bullying* por sermos evangélicos. Quando eu tinha aula de educação física e colocava bermuda maior, eles chegavam mexendo e

puxavam mesmo! Puxavam também a saia da gente e aquilo tudo ali me traumatizou é por isso que eu não quis estudar. Meu pai não sabia por que eu não queria estudar. Eu preferia apanhar, então eu saí da escola, não fui mais. Naquela época, meu pai não tinha “coitado tanta sabedoria pra sentar e conversar” e eu não sabia como me abrir, eu tinha medo até de falar com ele, que eu não queria estudar. Enfim, eu saí da escola. Nessa semana, eu estava conversando com uma pessoa e dizendo: “eu tenho tantos dons, tantas coisas que eu sei fazer. E vejo tanta gente precisando, do jeito que eu precisei e preciso. Hoje, eu faço e consigo ganhar alguma rendazinha. Muita gente precisa e não tem oportunidade, então eu fico pensando: “eu poderia ser uma dessas pessoas, que poderia dar essas oportunidades as outras pessoas”. Porque não adianta eu ter as coisas só para mim, eu tenho que compartilhar com outras pessoas, para elas terem também a oportunidade da mesma forma que eu tenho. Bom! Minha vida antes do projeto era sempre trabalhando, eu trabalhei em outro projeto também na IBCB (Igreja Batista Central em Bonsucesso) onde eu dava aula de pintura de tecido também e aquilo ali me animou muito, mas quando eu recebi esse convite para ir pra Marcílio Dias, eu fiquei superanimada, porque o projeto da IBCB tinha parado. Eu fui muito feliz para trabalhar nesse projeto ArtCuli,! Eu me sentia muito feliz em ver a felicidade das pessoas que estavam fazendo o curso comigo. Essa felicidade me incentivava mais e mais e me dava muita alegria, muita felicidade! Eram dias em que eu falava: “era um dia de paz, felicidade em que eu ia pra lá dar aula e ver a felicidade daquelas mulheres” Estávamos juntas foram muitas amizades boas que eu conquistei! Eu não esqueço! Vou guardar para sempre no meu coração! A Aparecida me apoiando lá também! Enfim, foi muito bom! Como eu conheci o Projeto? [...] Ah! Aí a minha amiga, Cida, Aparecida, ela é fã dos meus trabalhos e ela me fez a proposta se eu queria trabalhar lá na igreja em que ela e o pastor, seu esposo, congregavam. Eles me apoiaram no projeto e fiz muitas amizades boas lá e até hoje não esqueço do que eu fiz. Eu poderia, eu queria ter continuado, mas as condições não permitiram, tive que parar, mas eu estou aqui, se precisar só chamar! Não esqueço da Renata. Não esqueço de ninguém lembro de todas elas! Foi uma coisa, que ficou marcada para sempre em mim. Às vezes, vejo a Renata no face, às vezes ela comenta alguma coisa, que eu coloco de artesanato. Ela sempre comenta, eu sinto saudade delas. O projeto me incentivou, mas ali eu imaginei: “eu ainda sei pouco! eu ainda tenho que aprender mais, para dar mais de mim para elas”. “Fazer por elas também”. Então, eu comecei a assistir mais vídeos, buscar coisas interessantes. Sempre guardo na minha mente que tudo que eu aprender depois eu posso

utilizar para abençoar outras pessoas. Tem gente que tem dificuldade de assistir vídeo e aprender pelo vídeo. Aprender presencialmente para algumas pessoas é mais fácil. Algumas têm dificuldades de aprender só olhando. Como eu tenho facilidade, eu vejo muito vídeo para aprender. Sendo assim, depois quando eu precisar já terei material pronto na minha bagagem para ensinar. O projeto significou muito, muito, muito, mesmo! (quando ela relata do que viveu no projeto fica emocionada) O projeto foi muito bom! Muito bom mesmo! Porque eu não tive incentivo como eu falei antes assim, de família de ninguém, foi por minha conta própria mesmo que eu quis [...]. fazer essas coisas assim, como o artesanato. Como o projeto na época tinha uma proposta de geração de renda, hoje eu consigo ter uma renda através do meu trabalho. Graças a Deus! O artesanato é o que tem me sustentado. Algumas vezes está em queda, outras, melhora um pouquinho uma coisa aqui e outra ali, mas não desisto não!

3.4.1.5 Transcrição da entrevista com J.M realizada em dezembro de 2021

Uma experiência única

Meu nome é J.M, sou nascida em três de fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, criada aqui na maré, no Morro do Timbau especificamente, tenho 58 anos. Moro sozinha! Faz dois anos que eu moro sozinha. Há vinte e três anos, eu morava com a minha filha, mas ela casou tem uns dois anos. Ela agora mora com o marido e eu moro sozinha. Minha infância foi sempre aqui, nesta casa dos meus pais. Meu pai era militar e minha mãe era do lar, eu tinha dois irmãos um já faleceu e outro está vivo. Foi muito bom, nunca tive nenhum problema de família, assim, de convivência com parente, com amigos, foi uma infância muito divertida e, “graças a Deus, tranquila! Ah!... A minha brincadeira preferida(risos) era jogar queimado. Eu jogava muito queimado no colégio, inclusive quebrei o braço do menino por causa da bola. Ele quis tomar a minha bola, (risos) eu tomei a bola dele e quebrei o braço dele... na brincadeira, mas quebrei (risos). A escola sempre me marcou, sempre gostei de estudar! Sempre! No primário, no segundo grau eu tive bons amigos, professores ótimos. “Amigos e professores”, amigos mesmo, de trocar telefone!... Eu gostei muito do meu período escolar. Bom! eu fiz o segundo grau completo, tentei faculdade duas vezes, não passei, então parei. Eu não penso em voltar a estudar. Fora do mundo da escola...Não fiz nem um curso. Não fiz nada!... Não tive nada secundário de curso. Meu

período escolar foi aquele e acabou! Comecei a trabalhar com 17 anos e nunca parei de trabalhar.

Eu conheci o projeto pela Aparecida, ela incentivou, eu e as meninas a participar. Foi através dela e da sua iniciativa de querer levar para a comunidade um empreendimento. O meu interesse em participar foi porque eu gosto de fazer e de trabalhar com comidas. Culinária eu gosto muito! Gosto de ensinar! Gosto de conhecer pessoas!... Foi mais para conhecer pessoas que eu aceitei esse desafio. Não porque eu sou professora, pois eu nunca dei aula de nada. As meninas sempre com vontade de aprender. A gente viu uma comunidade muito carente, a gente via o brilho nos olhos delas, de querer aprender. Então, o que viesse para somar para elas terem uma renda, seria bem-vindo. E como eu já falei: “não sou professora”, eu me entusiasmava, porque elas viam em mim a esperança de aprender alguma coisa e tudo o que eu aprendi foi o que passei para elas todos os detalhes. Isso me deixa muito contente! Dá prazer de participar desse projeto! Ah! lembranças boas!... Bem, a minha vida antes do projeto foi comum, nunca fiz nada parecido... Sou de comunidade também, trabalhava em projeto também, de assistência à comunidade, mas nunca tive oportunidade de ensinar nada nesse projeto. Então, surgiu esse convite da Aparecida e me entusiasmei. Se tivesse outra oportunidade, voltaria fazer ou então continuaria fazendo, porque só foi essa oportunidade e parou. Mas se tivessem outras oportunidades, com certeza, eu abraçaria, porque é muito prazeroso!

Na época do projeto, eu trabalhava com culinária fazia bolos para fora, pão de mel, trabalhava com salgados, então, o que eu aprendia, passava para o próximo, dividia esse conhecimento, e surgiram muitos profissionais no mercado, dividiu muito essa área da culinária, então eu dei uma parada. Mas, na época, foi bom passar o que eu aprendi no meu dia a dia para outras mulheres. Eu trabalho num projeto que tem um local de assistência à comunidade. Nesse local, tem curso de culinária e artesanatos, mas só que eles têm que ter um certificado. As pessoas que dão aulas lá, tem eu ter uma especialização, e no meu caso eu não sou profissional da área de culinária. Esse ano de 2021, a partir da metade do ano, estamos retornando as atividades, procurando as pessoas pra ver o que elas precisam, qual ajuda que elas precisam, mas ainda está muito relativo à ajuda da igreja da qual eu participo. Então, eu ainda não tenho contato com o mundo exterior. No projeto que eu participei da Cida, o projeto ArtCuli, não necessariamente as pessoas que iam lá ajudar ao próximo tinham que ter “um certificado”. Eu cheguei lá passando os meus conhecimentos, “não foi porque eu estudei

para isso”, “não me formei em culinária”, mas todos os meus conhecimentos eu passei para aquelas mulheres que precisavam de uma renda naquela época. Foi um aprendizado para mim! Então, a diferença entre os dois cursos, e os dois projetos, era que um necessitava de certificação e o outro não! Eu, atualmente, trabalho em um projeto que precisa ter profissionais e eu não sou profissional. O projeto ArtCuli foi uma abertura para eu ensinar as mulheres, mas do meu jeito, não uma coisa obrigatória. Depois do projeto, nunca mais fiz nada parecido. Nunca mais ensinei nada, não participei de nada. Eu participo da igreja, mas não ensinando a fazer alguma coisa, só, assim ajudando na assistência social no que eu posso. Mas de ensinamento, nenhum. Não passei a frente o que eu fiz no projeto ArtCuli. Apesar de que hoje, eu não trabalho mais por causa da pandemia, pois precisamos dar uma parada! Foi triste porque paralisou praticamente todo projeto que a gente trabalhava aqui também na comunidade do Morro do Timbau, não tive mais oportunidade de fazer visitas, de ajudar o próximo por causa do contato. Então, foi um ano muito triste, muito parado na minha vida, totalmente parado! Estacionado mesmo! Sem sair de casa! Por enquanto, estou parada, não estou fazendo nenhuma atividade e estou esperando alguma coisa surgir.

3.4.2 – ANÁLISES e COMENTÁRIOS

Para a análise e subsequente compreensão das relações estabelecidas entre as colaboradoras e a região de Marcílio Dias, partindo da hipótese de que as experiências vivenciadas pelos sujeitos nos espaços de educação não formal proporcionam a construção de uma maior consciência sobre seus direitos e deveres, com base em princípios de cidadania, a investigação foi apoiada nas contribuições de Tuan (2012).

Para tal, recorreremos aos conceitos discutidos pelo autor, Topofilia e Topofobia, que se referem a percepção das pessoas sobre os lugares nos quais vivenciam suas experiências. Assim, tratamos de pontuar esses dois importantes conceitos.

A comunidade Marcílio Dias foi tema fortemente recorrente nas narrativas das colaboradoras. Elas descrevem sua chegada na localidade, como e porque suas famílias se estabeleceram na região e por quanto tempo lá residiam. A narrativa a seguir

refere-se à experiência de M.A. em que, apesar de gostar da comunidade, manifestava preocupações com os filhos no que se refere ao círculo de amizades e comportamento “agressivo” manifestado pelo filho mais velho.

M.A.: A minha relação com a comunidade de Marcílio Dias sempre foi boa porque eu nunca me envolvi com coisas ilícitas. Havia dias na comunidade em que não podíamos comprar um pão, tinha dia que você queria levar na praça, não podia. Não podia deixar na rua. Eu sempre fui uma mãe muito cuidadosa com eles. Quando o meu filho mais velho completou 11 anos eu comecei a ter problemas por conta das amizades que ele tinha. Ele já estava ficando agressivo, ele já falava que queria fazer alguma coisa com o pai, porque ele queria ir para o baile, ficar na rua, todo mundo ia para o campo jogar e eu não deixava. Da primeira turma dele, de 30 alunos hoje restam 5 alunos (semblante triste). O restante, todos se envolveram e perderam a vida (...). Foi quando eu comecei a perceber que eu tinha que tirar meus filhos dali (estalou os dedos seguido de sinal de sair fora). Foi quando eu vi, “é agora ou nunca”. Pensei “Ou eu tiro os meus filhos daqui agora, ou vou perder eles”. E aí foi quando eu decidi me mudar. Aí mudei por eles. Deus estava lá na hora! Deus abriu uma porta, para o meu esposo, ele viajou para Juiz de fora e se empregou.

3.4.3 – Análise / comentário: Maria Andreia (M.A.)

Observando o relato de M.A. recordamos também a fala de Tuan. Na perspectiva de Tuan (2012, p.11), “não é à toa que esta é uma das críticas mais frequentes à Topofilia: a concentração dos *espaços felizes*”, em uma alusão que é comumente associada a um tipo de alienação dos problemas sociais. Talvez esse seja outro motivo para a atualidade de Topofilia: “precisamos de *filia*, de aconchego, de proteção, [...], que nos ajude a enfrentar os difíceis dias em que vivemos”. Por isso a entrevistada, ousadamente ou corajosamente, ansiava por uma nova oportunidade: a de fazer realizar-se de se sentir amada e aos seus. E isso também refletia em relação ao lugar. O lugar em que estava não era mais o seu lar, o lar da segurança, do aconchego, da familiaridade. Em contrapartida, tem-se Halbwachs (2003), pois situado nesse autor, uma notável distinção entre a “memória histórica” e a “memória afetiva”. A memória é seletiva! Por um lado, supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventando, de outro, “a afetiva” que lhe fornecia coragem suficiente para superar as transgressões sofridas na família.

3.4.4 – Análise / comentário: Maria das Graças (M.G.)

A realidade de M.G. não é a mesma para boa parte das mulheres que permanecem em Marcílio Dias pela ausência de oportunidades em poder se mudar para um outro espaço:

M.G.: Eu quero vender a minha casa para sair daqui. Eu tenho vontade de sair para ficar perto do meu filho. Eu não tenho o que falar daqui, porque em vista de outras comunidades, aqui é até calmo. Meu filho mais novo também tem vontade de sair da comunidade porque ele pensa em estudar, fazer faculdade.

Sob o ponto de vista da Topofilia, Maria das Graças não tem que se queixar do local onde mora, ela percebe que o aconchego e a segurança do lugar estão ali presentes. Mas sob o ponto de vista social, algo a inquieta mais. A realização do filho mais novo. A comunidade não oferece este tipo de serviço e já que há precarização de escolas e faculdades mais próximas. Diante disso, Tuan (2013, p.176) sustenta que “o lar é um lugar íntimo”. Daí, esse autor vai especificar: “pensamos na casa como lar e lugar, mas as imagens atraentes do passado são evocadas não tanto pela totalidade do prédio [...] há coisas menores mais familiares” (TUAN, *Op. Cit.*).

3.4.5 – Análise / comentário: Renata Muniz (R.M.)

Das cinco mulheres entrevistadas, três ainda se mantêm na localidade até o momento das entrevistas, embora apresentem o claro desejo de sair da comunidade:

R.M.: Se tivesse condição mesmo eu sairia daqui. Mesmo sendo uma favela meio calma, eu sairia se tivesse condição. Quem não queria?

Nesta perspectiva, é importante ressaltar uma condição oposta à da Topofilia, faz-se à Topofobia. Tuan explorou as *fobias* em outras de suas publicações como por exemplo *Paisagens do Medo*, de 2005, “ainda precisamos encontrar *espaços felizes*” (TUAN, 2012, p.11). De acordo com o que Tuan relata, o laço afetivo que nos envolve com o ambiente busca daquela esperança e força necessárias para superar

momentos de crise. E é o que R.M. constata. Se houvesse condições... E ao mesmo tempo, em forma de afirmação e indagação coloca-se: quem não queria?

Pode-se perceber que a entrevistada R.M expressa-se com muita afetividade e em contrapartida aversão ao local. Na sua narrativa, fica perceptível que existem laços com o território no qual vive, mas ela também apresenta um sentimento de medo quando esclarece que gostaria de morar em uma localidade mais tranquila e com segurança. Isso demonstra uma aversão ao local por conta da violência e da falta de recursos. Assim, pode se constatar que, em sua narrativa, sua percepção corrobora a ratificação dos termos apresentados. É notório que no caso da entrevistada R.M, verificamos que tanto a ³⁰Topofilia quanto a ³¹Topofobia estão presentes em seus relatos.

Uma das mulheres entrevistadas, M.A, mudou-se da comunidade e retornou por não se adaptar em Juiz de Fora, cidade para qual se mudou em razão do trabalho do então marido e como uma oportunidade para afastar seus filhos de possíveis más companhias. Em sua narrativa, evidencia ter sentido falta da dinâmica da comunidade, do conglomerado de pessoas, da casa cheia:

M.A.: A gente decidiu ir e ficamos um ano. Quando nós chegamos lá, eu fui morar na Cidade Universitária, você desce do apartamento e está dentro da faculdade. Foi o apartamento que eles conseguiram alugar para gente. Então não era nem um apartamento que tinha praça, que tinha uma piscina. Colocava meu filho na escola às 7h da manhã e às 12h buscava. Lá a gente ficava trancado no apartamento. Nós entrávamos e nos trancávamos. Os meninos não se adaptaram porque estavam acostumados com os amigos e com a muvuca da comunidade (gestos com as mãos sinalizando a relação entre quantidade de pessoas e espaço). Eu senti muito quando eu tirei eles, porque nasceram lá (Comunidade Marcílio Dias), conheceram todo mundo lá. Começaram os primeiros anos escolares deles lá. Quando a gente saiu de lá foi uma mudança da água para o vinho. Quando a gente saiu de lá, de um lugar em que eles eram livres, soltos, para ir morar dentro de um apartamento no quarto andar em Juiz de Fora, lugar em que você não conhece ninguém... Eu pensava muito neles porque eu era acostumada com a minha casa cheia, falar com todo mundo, brincar com todo mundo. Tinha dia que eu queria dar uma palavra com alguém, não tinha ninguém. Foi um ano de luta! Então eu tinha que escolher entre ficar ou ter que voltar para o Rio de Janeiro. Ele falou: “você vão ter que escolher se vão ficar aqui comigo ou vão embora para o Rio”. Permaneci por um ano em Juiz de Fora porque também não me adaptei ao frio. Meu marido não teve como vir porque era o trabalho dele. Com dezessete anos de casada, nesse mesmo ano eu me separei.

³⁰ Topofilia: elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico (TUAN, 2012, p. 14).

³¹ Topofobia: aversão aos lugares. (TUAN, 2012, p. 14)

A narradora, atualmente, reside fora da comunidade. Ela viveu episódios de saídas e retornos à comunidade. Considerando que conseguiu ampliar sua renda via construção e aluguel de casas, mudou-se novamente de Marcílio Dias, retornando ao lugar apenas para trabalhar:

M.A.: Eu retornei com os meus filhos. (...) Graças a Deus, Ele me abençoou de uma forma tremenda que eu consegui sair da comunidade há três anos com os meus filhos (...) e conseguimos alugar aqui (moradia atual), porque Deus nos deu a oportunidade de construirmos cinco casas na comunidade. Estão todas bem alugadas. (...) Quando eu reencontro alguém em Marcílio Dias, todo mundo fala: “vai lá em casa, quero te ver”, “quero te dar um abraço”, “ah! como você está?” “Ah! Voltou?” (mãos unidas sinalizando graças a Deus), “Graças a Deus ela voltou”. Eu digo: “gente, eu não voltei. Eu só estou trabalhando.

O fato de ter se mudado, não altera a relação construída com o lugar e com as pessoas com as quais conviveu e construiu laços de afetividade, mesmo tendo mudado alguns hábitos e interesses decorrentes da sua experiência em Juiz de Fora:

M.A.: Hoje morando fora da comunidade eu me acho mais lá de dentro do que daqui. Eu me acho mais de lá da comunidade.

A entrevistada M.A. apresenta empatia em relação ao local. Podemos perceber que a Topofilia se faz presente no discurso da entrevistada, quando ela revela gostar da localidade, demonstrando laços de afetividade entre o sujeito e o ambiente. Com isso, fica nítido esse conceito quando o autor diz que Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico (TUAN, 2012.p. 14).

Neste sentido, quanto à percepção sobre o local no qual o indivíduo encontra-se inserido, entrelaçam-se as experiências que ele vivencia com o cenário, afetividade construída entre indivíduo e localidade. Mas ocorre, em alguns casos, a questão da “aversão” ao local, o que Tuan (2012) conceitua como Topofobia. Refere-se, portanto, ao sentimento de medo em relação às experiências que a pessoa vivencia, diariamente, nestes territórios. Conforme Holzer (1999),

o lugar está além da localização e apresenta substâncias únicas dotadas de histórias com significados que se materializam a partir de um conjunto complexo e simbólico. O lugar se concretiza a partir da experiência do vivido. (HOLZER, 1999, p. 2)

Assim, é possível perceber que a subjetividade e as experiências vivenciadas estão interligadas. Observamos que, nas narrativas acima, há sentimentos e emoções em seus relatos que configuram laços toponímicos e topofóbicos com a comunidade denominada Marcílio Dias. Tais conceitos se apresentam, sobretudo, quando expressam e apresentam sentimentos ora de amor, ora de aversão acerca do local. Nessa perspectiva, temos também a aversão quando as entrevistadas dizem não gostarem do lugar e de viverem nesse ambiente por serem obrigadas. Nesse caso, percebe-se o exemplo de topofobia.

A paisagem e o lugar são de grande importância para o desenvolvimento cultural porque ambos fazem parte da vida do sujeito. Ao mesmo tempo, paisagem e lugar contribuem com o corpo físico e interagem com experiências pessoais ou coletivas de um determinado grupo, como podemos verificar a partir das narrativas das mulheres entrevistadas, ambas moradoras da comunidade de Marcílio Dias.

É fato que, tal como em outras favelas, a Maré tem a segurança pública como alvo de críticas e preocupações, contudo, chamamos a atenção para outras formas de perceber a região. Existem questões de cunho social que se entrelaçam ao aspecto territorial.

A partir das contribuições literárias de Tuan (2012), identificamos que o cenário observado aponta para o sentimento de Topofobia desenvolvido pelas mulheres em relação ao território em que vivem, trazendo subsídios para a construção do estudo, bem como exemplificações de ordem prática cunhadas pelas mulheres entrevistadas.

Abordamos o conceito de Topofilia descrevendo, a partir das narrativas analisadas, a forma como algumas mulheres, apesar de todo exposto, conseguem desenvolver um sentimento de pertencimento em relação ao Complexo onde moram ou moraram.

As colaboradoras entrevistadas apresentam exemplos de como a memória é seletiva. De acordo com suas narrativas, conforme relatado por Pollak (1992), nota-se que vão elegendo fatos para serem compartilhados. Ao narrarem sobre a experiência de participação no curso ArtCuli vão se remetendo à vivência construída entre as mulheres, vínculos fortemente ligados à socialização, à afetividade e à solidariedade encontradas no espaço.

De acordo com Verena Alberti (2004, p.94), “como em todas as narrativas, o principal trabalho de uma entrevista de história de vida é a construção de uma identidade para si e para os outros”. E, como em todo relato histórico, acontecem as

repetições, o que não seria diferente neste estudo, aqui também são imprescindíveis as repetições para que seja possível continuar. Recorre-se à memória histórica e afetiva na certeza de enriquecer o relato e de reforçar ou deixar em evidência aquilo que é importante ser ressaltado. Deste modo, seguem trechos das memórias trazidas pelas colaboradoras³² durante as entrevistas:

M.A.: Nas minhas lembranças sobre o curso, me vêm as risadas das meninas, as conversas, quando uma errava a outra pintava, botava uma cor e era outra.

A segunda colaboradora traz a seguinte fala:

R.M.: São lembranças muito boas. Ali fiz várias amizades com pessoas que eu nunca imaginei como você e o pastor. A Dora... Como eu sinto saudade da Dora³³! (...) Foram lembranças boas, muito boas mesmo! Criamos uma família.

Ambas se referem a um momento vivenciado no curso de artesanato do projeto ArtCuli, juntamente com as outras participantes, momentos de aprendizados, conversas e risadas que ocorriam sempre quando alguém cometia algum erro na execução da atividade, expressando uma lembrança boa.

A memória apresenta um componente essencial na característica do colaborador com que o pesquisador trabalha para (re)construir elementos de análise que possam auxiliar na compreensão de determinado objeto de estudo.

No momento da entrevista, a colaboradora M.G optou por não se aprofundar sobre sua infância, explicitando o “esquecimento” como elemento constitutivo da memória presente em sua fala: “a experiência não foi muito boa, por isso não tenho tantas lembranças”. Sua infância foi interrompida para trabalhar na roça e suas experiências não foram agradáveis, conforme ela mesma verbaliza:

M.G.: Da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em um sítio chamado Massapê, em Campina Grande. Crescemos lá. Eu trabalhava na roça com o meu pai, mas a experiência não foi muito boa, por isso não tenho tantas lembranças.

Ao chegarmos à comunidade de Marcílio Dias, mesmo de carro, nos surpreendemos com o fato de as pessoas circularem normalmente nas ruas sem o uso de

³² Para preservar a identidade das colaboradoras, seus nomes serão substituídos por suas respectivas iniciais.

³³ Uma das artesãs que apresentou oficinas para as colaboradoras.

máscara. Percebemos que elas nos olhavam com estranhamento por estarmos usando-a. Considerando a questão da pandemia, percebe-se que houve a necessidade de repensar a forma como as entrevistas seriam realizadas com as cinco colaboradoras participantes do projeto ArtCuli. A reincidência na narrativa das colaboradoras em relação ao aspecto social promovido pelo projeto, somada à ordem eleita, primeira menção ao curso, vão nos dando pistas sobre o sentimento instaurado pela pandemia da Covid-19, momento em que as entrevistas foram realizadas, em que é previsto o isolamento social.

Posteriormente, uma das entrevistadas ratificou o observado pela pesquisadora: a ausência de cuidados dos moradores frente à Covid-19:

M.G.: O marido da Neide teve Covid -19. Muita gente teve Covid-19. (...) Aqui na comunidade está tendo, muitos casos. Mas, só que as pessoas não falam. A maioria das pessoas daqui não se previne, não usa máscara. A van sai daqui para fora e no supermercado, farmácia ninguém entra sem máscara, mas que que adianta chegar, descer do ônibus, tirar a máscara e andar esse pedaço todo (Distância entre a entrada da comunidade e a residência da colaboradora). A gente não sabe quem tem, não, é muito perigoso! Nós precisamos ter medo, porque é uma coisa muito séria, leva muita gente! Muito difícil, muito difícil! Só Jesus para nos dar livramento, porque não adianta você dizer assim “Ah! Mas, eu não tenho medo, não”. Não vou dizer para você que eu não tenho medo, porque eu tenho! Nem condição da gente se cuidar nós temos no momento. Porque você vê os hospitais... Só tem hospital para quem tem um bom plano de saúde, quem não tem, minha filha, fica sofrendo, aí já viu!

Em suas narrativas, as colaboradoras desenvolveram uma leitura sobre o impacto da pandemia na sua vida e na dinâmica da população do Complexo da Maré, sobretudo em relação ao aspecto socioeconômico. M.G relatou que a pandemia trouxe alguns danos ao seu trabalho, por exemplo:

M.G.: Eu ia me inscrever para aprender outras coisas, mas com a pandemia, parou tudo. Na época, em que eu estava no curso, eu não trabalhava, mas hoje quando aparece roupa para passar eu passo. Passo roupa da menina da escola e da diretora, vendo meus picolés em casa, meu sorvete. Eu não trabalho fora, mas tomo conta de criança em casa. Por enquanto, em razão da pandemia, eu só estou com uma criança. Eu trabalhava com três, mas as mães foram embora da comunidade e outras saíram do trabalho. Eu ajudo um pouquinho em casa, não ajuda tanto, porque as coisas estão caras demais, o custo de vida não está fácil, não, mas dá para ir levando...

M.A, outra colaboradora, também analisou o efeito da pandemia, expressando de que forma o curso ArtCuli, no contexto da Covid-19, poderia intervir na

vida de outros moradores, sendo um importante subsídio para aquisição de uma fonte de renda:

M.A.: Eu acredito que hoje, Cida, se fosse hoje, eu acho que teria muita gente ganhando dinheiro com isso nessa pandemia, onde as pessoas estão se virando com qualquer coisa, você quer ver. Você não tem noção de como está a comunidade. (...) Eu acredito muito que se esse curso fosse em um período de pandemia, muita gente iria participar, porque está todo mundo querendo alguma coisa para fazer para ganhar dinheiro, arrumar alguma coisa.

Ao falar sobre a comunidade, a colaboradora M.A destaca as mudanças sofridas no local em decorrência da pandemia da Covid-19 quando, frente ao drama do desemprego, as pessoas passaram a criar alternativas para a aquisição de renda e sustento de suas famílias:

M.A.: Você não tem noção de como está a comunidade. No muro externo da escola tem barraca daqui (usou as mãos sobre a mesa para demonstrar o espaço ocupado) à entrada do portão da garagem. Tem barraca, barraca, barraca, barraca até a frente da igreja, onde acontecia o curso, assim virando. É só barraca! Não tem lugar para carros, não tem lugar para você estacionar um carro. Em todo o lugar tem barracas. Tudo que você imaginar e quiser comprar, lá tem. Hoje fecha em frente à igreja. Ali na frente da igreja, naquela padaria do ponto das *Kombis* fecha, vai até lá no final da rua Dalva de Oliveira e fecha no Seu Joaquim. Então hoje, tem uma feira lá que interdita o trânsito. Uma feirinha que antigamente era em frente ao Beto, aquela feira hoje funciona ali.

Ainda em relação à pandemia, a colaboradora J.M. nos revela que o isolamento social a impossibilitou de continuar na realização do trabalho social que executava na comunidade:

J.M.: Esse ano de 2021, a partir da metade do ano estamos retomando as atividades, procurando as pessoas pra ver o que elas precisam, qual ajuda que elas precisam, mas ainda está muito relativo a ajuda a igreja onde eu participo. Então, eu ainda não tenho contato com o mundo exterior.

3.4.6 – Análise / comentário: Doralice Gonçalves (D.G.)

Para a colaboradora D.G o período de pandemia trouxe muitas dificuldades na área da saúde e profissional:

D.G.: Veio a pandemia e foi muito difícil! foi muito difícil! Foi a época mais difícil que eu passei! Precisei parar de trabalhar! Já tinha saído do serviço, pois eu estava doente e foi graças a Deus! que me abençoou! com a minha irmã! Ela trabalha na casa de um casal de médicos e preocupada comigo falou que os seus patrões e eles conseguiram uma vaga para o meu tratamento. Fiz os exames e deu que era uma hérnia umbilical que estava causando tudo isso. Eu perdi meu serviço! Eu não tinha condições de trabalhar, continuar trabalhando! Não tive mais força, nem ânimo pra trabalhar. A minha patroa não tinha condições de ficar comigo doente eu estava tão desesperada que eu pedi minha demissão (as contas) sem ter noção do que estava fazendo e fiquei de novo desempregada e doente. Então, peguei minha casa e dividi para fazer tipo uma kitnetzinho, para gerar uma renda. Foi quando veio esse auxílio emergencial que me abençoou muito também!

Seguindo essa linha de raciocínio, Foucault (2019, p.59) recorda que “a história ensina também a rir das solenidades da origem. [...] a origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo [...] e para narrá-la se canta [...]”. Assim, nesse ínterim, Foucault destaca que “cada periodização recorta na história certo nível de acontecimentos e, inversamente, cada camada de acontecimentos pede sua periodização, uma vez que, segundo o nível que se escolha, dever-se-á de que se dê, níveis diferentes serão atingidos” (FOUCAULT, 2019, p.249).

Mas o que é mais intrigante nesse pequeno relato da entrevista de D.G. é o seu envolvimento com o seu lar, sua casa, já que a pandemia teria sido muito difícil, alternativas puderam ser elencadas em sua vida, mas a de permanecer em sua casa, na segurança de seu lar com os seus foi imprescindível. Como afirmou Susanne Langor (1958, p.85)³⁴ em seu artigo *Philosophy in a New Key*, “o mundo da física é essencialmente o mundo real interpretado pelas abstrações matemáticas, e o mundo do sentido é o mundo real interpretado pelas abstrações imediatamente fornecidas pelos órgãos dos sentidos. Assim, Tuan (2013, p.18) recorda que “experimentar é vencer perigos”, pois o termo *experiência* tem a mesma origem latina da palavra *experimento*; *esperto*; *esperteza*; é por isso que Tuan (*Op. Cit.*) salienta: “a experiência é constituída

³⁴ LANGOR, Susanne K. *Philosophy in a New Key*. New York: Mentor Book, 1958.

de sentimento e pensamento”. O sentimento humano, diz Tuan apoiando-se na Psicologia, não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição que são capazes de produzir impactos sensoriais nos altos e baixos fluxos da experiência humana, de modo que poderíamos falar de uma vida de sentimento como falamos de uma vida do pensamento.

De fato, conforme afirma Alberti (2004, p.117), “toda entrevista oferece ao entrevistador diversos pontos de abordagem e é evidente que não se pode tratar de todos em um texto único”, o que seria impossível, então nas seções das entrevistas se escolhem aqueles pontos de maior significado, os que possuem maior valor significativo e que retratam os mais altos níveis de experiências dos indivíduos, aqueles que têm maior relevância com a sua pesquisa e os níveis diferentes que se quer atingir, corroborando a fala de Foucault acima.

3.4.7 – Análise / comentário: Janet Magre (J.M.)

Ainda em relação a pandemia, a colaboradora J.M. nos revela que o isolamento social a impossibilitou de continuar na realização do trabalho social que executava na comunidade:

J.M.: Esse ano de 2021, a partir da metade do ano estamos retomando as atividades, procurando as pessoas pra ver o que elas precisam, qual ajuda que elas precisam, mas ainda está muito relativo a ajuda a igreja onde eu participo. Então, eu ainda não tenho contato com o mundo exterior.

Tal qual a experiência vivida por D.G., a entrevistada / colaboradora J.M. também merece ser considerada em suas colocações em nível de experimento e experiência diante da grande problemática que assolou o mundo inteiro diante da pandemia. É importante ressaltar o que Tuan (2013, p. 147) apresenta sobre espaço, tempo e experiência. Então, vejamos: “a experiência de espaço e de tempo é principalmente subconsciente”, afirma Tuan (2013). Segundo esse autor, temos um sentido de espaço (físico) porque podemos nos mover, e de tempo, porque somos seres biológicos robotizados pela mecânica da cronologia. Assim passamos fases recorrentes de tensão e calma. Para Tuan (*Op. Cit.*) “o movimento que nos dá o sentido de espaço é, em si mesmo, a solução da tensão”. Nessa mesma direção, em outras palavras, quando

J.M. diz que não deixaria de morar no local, ou seja, naquela comunidade é porque o sentimento de topofilia está muito bem fixado, delineado e impregnado em suas falas; diferentemente a fala de D.G. entrevistada/colaboradora anterior, o sentimento de topofilia é mais forte que o de topofobia, muito embora este apareça, não deixa dúvida que sua impressão é a de que o sentimento de topofilia seja mais forte em sua relação casa/comunidade: espaço e lugar.

Desse modo, a entrevistada se viu entre o que a mantinha no lugar e a fixava a ele e o que é de sua responsabilidade em relação aos outros enquanto promoção humano-social. A tensão provocada pela pandemia lhe trouxe reflexões e ponderações sobre suas atitudes em relação ao coletivo. Embora sua responsabilidade não pudesse fazer com que estivesse presente fisicamente (ocupar o espaço), na sua concepção estar preocupada por não poder estar lá (por força maior promovida pela pandemia) lhe trouxe outros ajustes que produziram calma. Agora, com a possibilidade de um resgate do tempo perdido, vem a preocupação em fazer parte do grupo de membros que auxiliam no projeto da igreja, pois diante da situação financeira e da precarização do trabalho, gerada pela calamidade no período mais agravante da pandemia causada pela Covid-19, “os pobres raramente podem se dar ao luxo de ficarem *desempregados*” (SINGER, 2012, p.31)³⁵ e/ou sem *experiência em carteira*. Os pobres, recorda Singer, ficam “parados” quando a procura por serviços cessa, mas eles não podem permanecer nessa condição/situação por muito tempo. E, esse autor, constata: “se não conseguem ganhar a vida na linha de atividade a que vinham se dedicando, tratam logo de mudar de atividade ou até de região, caso contrário correm o risco de morrer de fome ou ficarem estigmatizados como à toa” (SINGER, *Op. Cit.*). Essa não é só uma preocupação da Igreja, mas de todos os seus membros, da qual J.M. faz parte. Aliás, ela não apenas ocupa um espaço exterior à sua casa, ela também se movimenta, se ocupa nesta movimentação de suporte ao outro, ao indigente, ao infeliz, ao necessitado e que com o atravessar da pandemia, a mesma, primeiramente, se posicionou diante do seu aconchego e de sua família na proteção de seu lar. Depois, se vê, necessariamente articulada em relação ao exterior, embora não o tenha contato no momento, não é impedimento para que não possa dar continuidade as suas ações participativas e colaborativas. Na verdade, o que J.M. expõe nada mais é do que Alberti (2004, p.93) coloca: “o conceito de narrativa tem um sentido amplo, e não apenas como relato de

³⁵ SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

uma ação no tempo”. Concomitantemente, a entrevista como um todo é uma grande narrativa de história de vida: através dela J.M. procura construir, para sua entrevistadora, o significado de sua trajetória profissional e/ou de ocupação e, em certa medida, de sua trajetória pessoal. E isso soube muito bem repassar com suas palavras, expressões e gestos corporais.

3.5 – A RELAÇÃO DAS COLABORADORAS COM MARCÍLIO DIAS À LUZ DOS CONCEITOS DE TOPOFILIA E TOPOFOBIA

Para a análise e subsequente compreensão das relações estabelecidas entre as colaboradoras e a região de Marcílio Dias, apoiamos-nos nas contribuições de Tuan (2012). Para tal, recorreremos aos conceitos discutidos pelo autor que se referem a percepção das pessoas sobre os lugares nos quais vivenciam suas experiências. Assim, tratamos de pontuar estes dois importantes conceitos de Topofilia e Topofobia.

A comunidade Marcílio Dias foi tema fortemente recorrente nas narrativas das colaboradoras. Elas descrevem sua chegada na localidade, como e porque suas famílias se estabeleceram na região e por quanto tempo lá residiam.

A narrativa a seguir refere-se à experiência de M.A em que, apesar de gostar da comunidade, manifestava preocupações, um sentimento de medo em relação aos seus filhos, no que se refere ao círculo de amizades e comportamento “agressivo” manifestado pelo filho mais velho. Ainda em seu relato verificamos em sua fala o que Tuan conceitua como Topofobia; “aversão aos lugares, da ideia de paisagem do medo e aversão ao lugar”. (TUAN, 2012, p. 14) Em seu caso, ela estava com medo de perder seu filho, já que seus amigos já haviam morrido devido a violência neste local.

M.A.: A minha relação com a comunidade de Marcílio Dias sempre foi boa porque eu nunca me envolvi com coisas ilícitas. Havia dias na comunidade em que não podíamos comprar um pão, tinha dia que você queria levar na praça, não podia. Não podia deixar na rua. Eu sempre fui uma mãe muito cuidadosa com eles. Quando o meu filho mais velho completou 11 anos eu comecei a ter problemas por conta das amizades que ele tinha. Ele já estava ficando agressivo, ele já falava que queria fazer alguma coisa com o pai, porque ele queria ir para o baile, ficar na rua, todo mundo ia para o campo jogar e eu não deixava. Da primeira turma dele, de 30 alunos hoje restam 5 alunos (semblante triste). O restante, todos se envolveram e perderam a vida (...). Foi quando eu comecei a perceber que eu tinha que tirar meus filhos dali (estalou os dedos seguido de sinal de sair fora). Foi quando

eu vi, “é agora ou nunca”. Pensei “Ou eu tiro os meus filhos daqui agora, ou vou perder eles”. E aí foi quando eu decidi me mudar. Aí mudei por eles. Deus estava lá na hora! Deus abriu uma porta, para o meu esposo, ele viajou para Juiz de fora e se empregou.

A realidade de M.G. não é a mesma para boa parte das mulheres que permanecem em Marcílio Dias pela ausência de oportunidades em poder se mudar para um outro espaço:

M.G.: Eu quero vender a minha casa para sair daqui. Eu tenho vontade de sair para ficar perto do meu filho. Eu não tenho o que falar daqui, porque em vista de outras comunidades, aqui é até calmo. Meu filho mais novo também tem vontade de sair da comunidade porque ele pensa em estudar, fazer faculdade.

Das três mulheres entrevistadas, duas ainda se mantêm na localidade até o momento das entrevistas, embora apresentem o claro desejo de sair da comunidade:

R.M.: Se tivesse condição mesmo eu sairia daqui. Mesmo sendo uma favela meio calma, eu sairia se tivesse condição. Quem não queria?

Pode-se perceber que a entrevistada R.M expressa-se com muita afetividade e em contrapartida aversão ao local. Na sua narrativa, fica perceptível que existem laços com o território no qual vive, mas ela também apresenta um sentimento de medo quando esclarece que gostaria de morar em uma localidade mais tranquila e com segurança. Isso demonstra uma aversão ao local por conta da violência e da falta de recursos. Assim, pode se constatar que, em sua narrativa, sua percepção corrobora a ratificação dos termos apresentados. É notório que no caso da entrevistada R.M, verificamos que tanto a topofilia quanto a topofobia, conceitos discutidos por (TUAN, 2012, p. 14), estão presentes em seus relatos.

Uma das mulheres entrevistadas, M.A, mudou-se da comunidade e retornou em razão de não se adaptar em Juiz de Fora, cidade para qual se mudou em razão do trabalho do então marido e como uma oportunidade para afastar seus filhos de possíveis más companhias. Em sua narrativa, evidencia ter sentido falta da dinâmica da comunidade, do conglomerado de pessoas, da casa cheia:

M.A. A gente decidiu ir e ficamos um ano. Quando nós chegamos lá, eu fui morar na Cidade Universitária, você desce do apartamento e está dentro da faculdade. Foi o apartamento que eles conseguiram alugar para gente. Então não era nem um apartamento que tinha praça,

que tinha uma piscina. Colocava meu filho na escola às 7h da manhã e às 12h buscava. Lá a gente ficava trancado no apartamento. Nós entrávamos e nos trancávamos. Os meninos não se adaptaram porque estavam acostumados com os amigos e com a muvuca da comunidade (gestos com as mãos sinalizando a relação entre quantidade de pessoas e espaço). Eu senti muito quando eu os tirei, porque nasceram lá (Comunidade Marcílio Dias), conheceram todo mundo lá. Começaram os primeiros anos escolares deles lá. Quando a gente saiu de lá foi uma mudança da água para o vinho. Quando a gente saiu de lá, de um lugar em que eles eram livres, soltos, para ir morar dentro de um apartamento no quarto andar em Juiz de Fora, lugar em que você não conhece ninguém... Eu pensava muito neles porque eu era acostumada com a minha casa cheia, falar com todo mundo, brincar com todo mundo. Tinha dia que eu queria dar uma palavra com alguém, não tinha ninguém. Foi um ano de luta! Então eu tinha que escolher entre ficar ou ter que voltar para o Rio de Janeiro. Ele falou: “você vão ter que escolher se vão ficar aqui comigo ou vão embora para o Rio”. Permaneci por um ano em Juiz de Fora porque também não me adaptei ao frio. Meu marido não teve como vir porque era o trabalho dele. Com dezessete anos de casada, nesse mesmo ano eu me separei.

A narradora, atualmente, reside fora da comunidade. Ela viveu episódios de saídas e retornos à comunidade. Considerando que conseguiu ampliar sua renda via construção e aluguel de casas, mudou-se novamente de Marcílio Dias, retornando ao lugar apenas para trabalhar:

M.A.: Eu retornei com os meus filhos. (...) Graças a Deus, Ele me abençoou de uma forma tremenda que eu consegui sair da comunidade há três anos com os meus filhos (...) e conseguimos alugar aqui (moradia atual), porque Deus nos deu a oportunidade de construirmos cinco casas na comunidade. Estão todas bem alugadas. (...) Quando eu reencontro alguém em Marcílio Dias, todo mundo fala: “vai lá em casa, quero te ver”, “quero te dar um abraço”, “ah! como você está?” “Ah! Voltou?” (mãos unidas sinalizando graças a Deus), “Graças a Deus ela voltou”. Eu digo: “gente, eu não voltei. Eu só estou trabalhando.

O fato de ter se mudado, não altera a relação construída com o lugar e com as pessoas com as quais conviveu e construiu laços de afetividade, mesmo tendo mudado alguns hábitos e interesses decorrentes da sua experiência em Juiz de Fora:

M.A.: Hoje morando fora da comunidade eu me acho mais lá de dentro do que daqui. Eu me acho mais de lá da comunidade.

A entrevistada M.A apresenta empatia em relação ao local. Podemos perceber que a topofilia se faz presente no discurso da entrevistada, quando ela revela gostar da localidade, demonstrando laços de afetividade entre o sujeito e o ambiente.

As duas últimas entrevistadas, moradoras do complexo da Maré, residentes à comunidade do Morro do Timbau revelam um afeto pelo lugar. Como podemos constatar em suas falas:

D.G.: Eu moro aqui no Morro do Timbau, no complexo da Maré há quase 40 anos meus filhos eram pequenos quando eu vim pra cá. Eu gosto muito de morar aqui, eu gosto muito!

J.M.: sou nascida em três de fevereiro de mil novecentos e sessenta e três, criada aqui na maré, no morro do timbau especificamente, tenho 58 anos. Moro sozinha! Faz dois anos em que eu moro sozinha. Há vinte e três anos eu morava com a minha filha, mas ela casou tem uns dois anos. Ela agora mora com o marido e eu moro sozinha. Minha infância foi sempre aqui, nessa casa dos meus pais.

Nas falas das colaboradoras DG e J.M., percebemos que a relação com o seu lugar demonstra uma afetividade. Como bem sabemos, o lugar pode ser representado por uma residência, comunidade, bairro, cidade ou até mesmo a pátria no caso de pessoas migrantes. Em suas falas, expressam laços afetivos entre elas e o ambiente, na qual estão inseridas.

Ciente de que as mulheres colaboradoras narram experiências de uma educação formal insuficiente, a educação não formal se apresenta como uma possibilidade para o enfrentamento de alguns limites socialmente impostos.

A seguir, trechos das narrativas das colaboradoras que se referem à sua escolarização, via acesso à educação formal. A primeira fala refere-se à colaboradora M.A que correlaciona a sua educação à experiência de ter sua mãe como sua professora e diretora da unidade em que estudava. Na ocasião, a colaboradora morava no interior da região nordeste:

M.A.: Eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano. A minha professora foi a minha mãe (o olhar se voltou para o teto). Quando a minha mãe completou 30 anos ela se aposentou, bem novinha. Ela começou a trabalhar entre 17 e 18 anos. Ela é apaixonada pela sua profissão. Como era no interior, a minha mãe atuava como professora de todo mundo e diretora. Todos nós fomos educados pela nossa mãe: cinco irmãos. Minha mãe, nossa, era muito rígida! Eu apanhei muito de palmatória (mostrou as mãos e as bateu juntando e sorrindo). Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer, não! E já no segundo grau, não. Eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. No segundo grau, meus pais tiveram que comprar uma casa na

cidade para nós estudarmos. O meu pai levava a gente na cidade na segunda-feira e a gente ficava de segunda a sexta, quando o meu pai vinha, pegava a gente e nos levava para o interior. Foi essa luta toda. Sempre estudamos em escola pública, nenhum dos filhos estudou em escola particular. Concluí o ensino médio só depois que eu fui morar na cidade (...) apenas com um dos meus irmãos. Só depois, no ano 2000, que eu vim para o Rio de Janeiro.

Diferente da experiência supracitada, M.G traz em sua narrativa memórias de uma escolaridade inconclusa, interrompida pelo drama do trabalho infantil, seguida de outra questão que se correlaciona à dinâmica de vida de muitas mulheres que ao se casar, não dão continuidade aos estudos para dedicarem-se exclusivamente aos cuidados da casa, marido e filhos:

M.G.: Eu estudei só até a quinta série, quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tinha que trabalhar na roça. Depois eu estudei ainda por força de vontade. Quando eu estava na quinta série, eu já estava com 22 anos... não 21, por aí. Então, parei de estudar para casar. Deixei a escola e me casei com 22 anos. De vez em quando eu fico me perguntando “Ai meu Deus porque eu parei de estudar pra me casar?” A escola me marcou. Eu gostava de estudar, eu era uma pessoa que aprendia muitas coisas, gostava de escrever, gostava de ler. Mas era aquele processo, eu trabalhava com meu pai até mais ou menos 13 horas da tarde, quando dava 13h e 30min eu tinha que sair pra ir pra escola. Eu estudava de duas às cinco. Quando eu chegava em casa de noite era luz de candeeiro, tinha que fazer os trabalhos. Foi uma coisa sofrida, mas eu gostava. Parei só por esse motivo.

A terceira colaboradora R.M verbaliza que, durante parte da sua infância, acompanhava sua mãe em seu trabalho, restando-lhe poucas oportunidades para a intensificação dos seus estudos. Ela atribui a esse episódio o fato de não ter sido bem-sucedida na escola:

R.M.: Na época da escola eu estudei até a quarta série, eu repeti muitas vezes, eu fui muito ruim, fui muito ruim no colégio! Minha mãe ficava o dia todo no trabalho. Não sei se devido a isso, tirava pouco tempo para estudar porque quando eu chegava da creche tinha que ficar com a minha mãe (no trabalho). Então a gente ficava mais brincando. Sinto muita falta de estudar.

Como apontado, a escolarização de duas entrevistadas refere-se ao ensino fundamental incompleto, uma realidade que afeta diretamente boa parte do gênero feminino no Brasil. A baixa escolarização apresentada por essas mulheres não se desvincula das formas de ocupação e desocupação exercidas por elas. O fenômeno que

aponta o crescente número de mulheres com nível superior ainda não é uma realidade plausível nesses espaços.

Diante da não continuidade na sua escolarização, a colaboradora R.M manifestou o desejo de que seus filhos pudessem ingressar na faculdade, contudo analisa que a dificuldade do acesso e a conseqüente limitação na locomoção traduzem-se como dificultadores para o ensino superior:

R.M.: Meu filho mesmo terminou os estudos. Eu acho bonito! Eu vejo que ele quer que os irmãos também terminem. (...) Ele até falou que queria entrar na faculdade de veterinária, até mandou eu ver, mas só que lá na Unisuam não tinha, aí você (Cida) indicou... mandou eu ver em outras áreas porque fica muito complicado, acho que se a gente tivesse um curso melhor ele teria ficado aqui mesmo, aqui do ladinho.

Na seqüência, M.G também considera que as condições locais limitam o desenvolvimento dos filhos dadas as limitações impostas à população. Tal contexto se apresenta como motivador para a saída da comunidade de Marcílio Dias:

M.G.: “Meu filho mais novo também tem vontade de sair da comunidade porque ele pensa em estudar, fazer faculdade. Ele chega muito tarde aqui pois, está estudando a noite! Ele começou ano passado no Colégio Heitor Lira. Ele não encontrou vaga para estudar durante o dia. Ele vai a pé com um coleguinha dele, mas mesmo tendo companhia, o problema não é tanto a ida, o problema é a volta. Às vezes, nunca se sabe (Gestos e expressões de preocupação). Aqui ainda, tem muita dificuldade em relação à educação. Não tem escola que ofereça ensino médio, na verdade não tem nada. O supermercado que tem não evolui nada. Tem aquela creche do pastor³⁶ na pista. Acho que tem outra, a da Neide também.”

M.G relata ainda sobre a formação do seu outro filho e o desejo de que ele conclua o ensino superior para que possa alcançar maiores oportunidades que as suas:

M.G.: “Meu primeiro filho estava fazendo faculdade de direito, depois parou “Ah! mãe, mas é porque estava muito difícil”. Ele trabalhava na Faculdade C.M. Ficou quatro anos lá. Depois parou também. Você sabe como é que é, a gente fala e tudo, mas eles não querem saber: ‘Olha! Estude porque eu sei como é que é!’. O estudo me faz muita falta. A gente sem estudo hoje não é ninguém. Agora, se eu tivesse estudado...”

A colaboradora D.G. revela um pouco sobre sua trajetória no ensino formal e que, na época, ela não se dava conta de como seria importante sua dedicação e que tinha um potencial o qual até um dado momento desconhecia.

No meu período escolar eu tinha um pouco de dificuldade no aprendizado acho que era por conta da bagunça mesmo que eu fazia, eu era bagunceira. Com 15 anos idade meu pai me colocou (risos) contra parede, pois ainda estava na terceira série. Foi quando o meu pai descobriu o Colégio Padre Anchieta em Parada Angélica, que tinha ginásio e um curso de férias em que precisávamos estudar dois meses (janeiro e fevereiro) e ao final teria uma prova que era denominado como: “um provão”. E se a gente passasse íamos para o primeiro ginásio. Então, meu pai falou: “agora tu vais estudar, vai estudar, eu vou pagar e você vai estudar” Ele me colocou nesse colégio e me prometia todo dia que se eu não o passasse iria me bater (risos). Eu fui e dei conta de que era importante estudar. Levei bem a sério, estudei e passei[...]. Com muito boa pontuação passei para o primeiro ano do ginásio. Nesse momento eu comecei a ver meu pai me elogiar, as pessoas me elogiarem. E foi crescendo dentro de mim uma pessoa que eu não imaginava que existia como que eu era importante, como é importante estudar, fiz o primeiro ginásio o segundo ginásio. Depois baguncei de novo e sai da escola (gargalhadas) só faltava um ano para terminar, sair da escola. Não conclui!

A colaboradora J.M. demonstra também como se deu sua caminhada enquanto aluna, e como seus relacionamentos foram marcantes, tantos com os amigos e professores, mas que não deslumbra voltar a estudar.

A escola sempre me marcou, sempre gostei de estudar! Sempre! No primário, no segundo grau eu tive bons amigos, professores ótimos. “Amigos e professores”, amigos mesmo! de trocar telefone!... Eu gostei muito do meu período escolar. Bom! eu fiz o segundo grau completo, tentei faculdade duas vezes, não passei, então parei. Eu não penso em voltar a estudar. Fora do mundo da escola... Não fiz nem um curso. Não fiz nada!... Não tive nada secundário de curso. Meu período escolar foi aquele e acabou!

3.5.1 – Atuação profissional

Como observado, o acesso a uma formação via ensino superior ainda não é alcançado por todos os segmentos de mulheres, sobretudo pelas mulheres pobres residentes em favelas. Em meio a tal grupo populacional, há diversidades socioculturais

e econômicas que acabam por gerar desigualdades no acesso a uma escolarização, tal como observado no perfil das mulheres sujeitos da pesquisa.

Nesse contexto, algumas não obtiveram uma formação com capacitação profissional via educação formal. Das três entrevistadas, apenas uma encontrava-se empregada com vínculo trabalhista. M.A declarou atuar como controladora de acesso à secretaria da escola, a mesma em que seus filhos estudaram, depois de já ter assumido outras funções no mesmo espaço:

M.A.: “Eu comecei a atuar na Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha convidada para participar como mãe representante, depois eu deixei de ser mãe representante para trabalhar no projeto “Mais educação”. Eu tive que me dedicar ao projeto, que durou dois anos. Eu trabalhei quase todos os dias com uma turma de manhã e com uma turma à tarde. Em seguida fui contratada por uma prestadora de serviço para prefeitura como cozinheira, onde eu trabalhava o dia inteiro de 7h da manhã até às 17h da tarde. No ano de 2020 assumi a função de controladora de acesso, que é um elo principal da secretaria escolar. Eu faço a mediação entre as pessoas que chegam à escola. Desde que aconteceu o incidente na escola de Realengo, no Rio de Janeiro, a prefeitura criou este cargo para evitar o fluxo de pessoas estranhas dentro da escola. Principalmente quando é para falar com a diretora ou tratar assuntos sobre secretaria como, declaração e outros documentos.”

M.A. declara ainda que não depende financeiramente da renda advinda desse trabalho, por ter casas construídas e alugadas na comunidade de Marcílio Dias, patrimônio fruto do trabalho e sacrifício assumidos junto ao seu ex-marido no período em que ainda se encontravam casados:

M.A. Deus nos deu a oportunidade de construirmos cinco casas na comunidade. Estão todas bem alugadas. Eu sempre lutei, eu sempre batalhei, “Vamos, a gente faz, a gente vai conseguir”. Passamos por muitas dificuldades para comprar a nossa primeira casa. Abri mão de tudo para conquistar o que a gente tem hoje. E hoje eu trabalho, mas a minha principal renda e tudo o que eu conquistei está lá. O que eu conquistei lá hoje me mantém aqui. Graças a Deus. (...) Eu trabalho sim, mas se eu optasse por não trabalhar, eu sobreviria aqui tranquila com eles dois.”

M.G. assume, atualmente, trabalhos informais, conciliando-os às tarefas domésticas como passar roupa para fora, fazer picolés para vender e cuidar de crianças em sua própria casa. R.M auxilia o marido em um lava à jato, e não se refere à função que exerce como trabalho, mas como uma ajuda ao marido:

R.M.: Hoje eu não estou trabalhando fora, só ajudo meu esposo com o serviço de lava à jato. Só isso! Ele também não pode ficar lá sozinho, então eu o ajudo. Ele fica ali de frente e para ele é mais arriscado devido a sua situação de saúde, é muito cansativo! Então eu o ajudo. Até porque não dá para colocar outra pessoa, não tem condições de pagar uma pessoa. Não é justo botar outra pessoa e pagar pouco. Então é uma renda que a gente faz que é para dentro de casa mesmo. Enquanto ele entrega os carros lá no final do mercado São Sebastião, eu vou agitando para não deixar o trabalho parado. É um ajudando o outro. A nossa redenção é essa. Só essa! Se separar, acabou. Quando tem sol, Deus abençoa, mas quando chove é aquela prova! Como hoje, hoje nós não fomos porque ele passou mal, sentiu dor forte no peito e eu com essas dorezinhas chatas!

Notamos que, nas narrativas de M.G e R.M, elas apresentam-se como auxiliadoras nas despesas da casa, e não como mantenedoras. Identificamos ainda que não valorizam suas próprias funções dentro da dinâmica familiar, apesar da relevância que essas mulheres têm no cuidado com a casa e educação dos filhos.

D.G. revela que, atualmente, continua confeccionando seus artesanatos, vendas de perfumes e ainda, com a construção de um *kitnet* na garagem de sua casa que está alugada.

D.G: Eu perdi meu serviço! Eu não tinha condições de trabalhar, continuar trabalhando! Não tive mais força, nem ânimo pra trabalhar. A minha patroa não tinha condições de ficar comigo doente eu estava tão desesperada que eu pedi minha demissão (as contas) sem ter noção do que estava fazendo e fiquei de novo desempregada e doente. Então, peguei minha casa e dividi para fazer tipo uma *kitnetzinho*, para gerar uma renda. Foi quando veio esse auxílio emergencial que me abençoou muito também! As coisas melhoraram um pouco pra mim. E eu ali, na minha cabeça, [...]assim, tipo... Deus começou esclarecer muitas coisas, dizendo que eu poderia fazer alguma coisa, foi quando eu voltei a ter ânimo para voltar a trabalhar. Fui voltando devagarzinho e hoje estou trabalhando novamente vendendo meus produtos do boticário. O boticário e meus crochês, eu revendo!

Em relação à narrativa da D.G, ela demonstra que, apesar das dificuldades vivenciadas, consegue se manter, por meio das vendas dos artesanatos, perfumes e do aluguel. E sempre valorizando o seu trabalho e a importância dele para sua família.

3.5.2 – Formação: Relação Educação formal versus Não-formal

A colaboradora M.A. relatou que sua educação formal foi com sua mãe que era professora:

M.A.: Eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano. A minha professora foi a minha mãe (o olhar se voltou para o teto). (...) E já no segundo grau, não, eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. (...) . Sempre estudamos em escola pública, nenhum dos filhos estudou em escola particular.

A colaboradora MG relatou que houve alguns impedimentos na época dos seus estudos, mas revelou que, enquanto estudava, ela gostava de escrever e ler.

M.G.: Eu estudei só até a quinta série, quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tinha que trabalhar na roça. - Quando eu estava na quinta série, eu já estava com 22 anos... Eu gostava de estudar, eu era uma pessoa que aprendia muitas coisas, gostava de escrever, gostava de ler. - Eu estudava de duas às cinco. - Quando eu chegava em casa de noite era luz de candeeiro, tinha que fazer os trabalhos. Foi uma coisa sofrida, mas eu gostava.

A colaboradora M.R. expressou que, durante o seu período escolar, não era uma boa aluna: “Na época da escola eu estudei até a quarta série, eu repeti muitas vezes, eu fui muito ruim, fui muito ruim no colégio!”

Percebemos que todas as colaboradoras tiveram suas experiências com a educação formal, e que foi marcante em suas vidas.

Nas falas das colaboradoras, é possível identificar como elas conheceram o projeto ArtCuli. A colaboradora M.A. relata que tomou conhecimento do projeto por intermédio da escola supracitada, na qual seu filho encontrava-se matriculado:

M.A.: Conheci o projeto ArtCuli por meio da coordenadora da Escola Municipal Cantor e Compositor Gonzaguinha que comunicou a proposta do curso e gostaria que eu participasse porque me achava uma incentivadora por ser mãe representante, na época. Ela achava que eu incentivava muito as outras mães, e ao participar do projeto poderia repassar depois, formar uma turma.

A colaboradora M.G, por sua vez, relata ter conhecido o projeto na igreja, local onde foram realizados os cursos:

M.G.: Eu conheci o curso através da igreja onde a gente participava. Um dia você chegou, me convidou, veio aqui falou “Ah! Graça, vai

ter um curso, vai ter um projeto lá na igreja mesmo, dá para você participar?” Eu participei do projeto ArtCuli e experiência foi ótima para mim, foi muito boa!

M.R, a terceira colaboradora, relata que o canal de informação foi a escola:

M.R.: Eu conheci o projeto ArtCuli devido à escola Gonzaguinha. Eu achei interessante para ocupar um pouquinho a mente e até para eu aprender mesmo, porque naquele momento eu não estava trabalhando. Ficávamos meu filho e eu lá, por isso me interessei!

As colaboradoras registram que no projeto ArtCuli obtiveram experiências maravilhosas, resultando em um aprendizado significativo para suas vidas. A colaboradora M.A expressa que o seu aprendizado foi muito bom. Vejamos:

MA.: Eu participei e foi um aprendizado muito bom e importante para mim. Foi maravilhoso! (Expressão de alegria com sorriso no rosto). O curso de pintura então, eu me apaixonei, me apaixonei pela pintura!

Outra colaboradora, M.G, revela que sua experiência e o seu aprendizado nos cursos foram importantes em suas vidas:

M.G.: Foi uma experiência muito boa que eu tive. É... foi ótimo, foi ótimo! Depois começou aquele curso de bolo, de culinária, lembra? Depois que encerrou o curso de artesanato, iniciamos o de culinária. Eu gostei das duas experiências, que para mim foram ótimas. A gente ficava lá duas vezes por semana, tinha lanche, tinha palestra, era bom demais a bagunça! Aprendemos bastante coisa, foi muito bom. Eu sinto saudade daquele tempo. Eu tenho saudade de você, do que eu aprendi lá, de tudo, das amizades que nós fizemos lá. Foi bom demais!

A colaboradora M.R complementa dizendo que o aprendizado depende do indivíduo. Para além dessa aprendizagem, ela demonstra que houve vínculos de afetividade:

M.R.: A minha experiência em relação ao projeto foi muito boa, aprendemos bastante coisa lá. Ali eu aprendi que com força de vontade a gente consegue várias coisas, a gente aprende, é só a gente ter o querer e a vontade, a gente consegue aprender! Só fica parado quem quer, porque você sabendo fazer as coisas, você ganha o seu próprio dinheirinho. São lembranças muito boas. Ali fiz várias amizades com pessoas que eu nunca imaginei como você e o pastor. A Dora... Como eu sinto saudade da Dora! Criamos uma família. O projeto significou muitas coisas, muitas coisas! Ali, por exemplo, a

gente cria uma união, um querendo ajudar o outro, a ensinar “não faz assim, desse jeito fica mais bonitinho!”.

Ao analisarmos suas falas, percebemos que a educação não formal permeia a todo momento quando elas revelam que houve um aprendizado no decorrer das atividades ministradas e quando compartilham suas experiências de forma coletiva. Deixam claro que, nesses espaços, são respeitadas as diferenças com o principal objetivo de vivenciar a cidadania, aprendendo dia a dia.

No decorrer das entrevistas, foi possível analisar os desdobramentos do projeto, em relação à multiplicação das atividades, por parte das mulheres que participaram do programa anterior, em 2013, intitulado Ponto Zero. No entanto, podemos constatar que por vários motivos a multiplicação não ocorreu. Na percepção da colaboradora M.A, tudo que se propõe para comunidade Marcílio Dias não tem uma estabilidade duradoura. Ela verbaliza que precisaria de um incentivo, isto é, de uma figura representativa em quem as mulheres pudessem se espelhar. Ela revela que há uma necessidade de um direcionamento:

M.A: “Mais lá, por ser um lugar assim que pouca coisa vai pra frente eu acho que a gente ainda fez muito, você (coordenadora) ainda fez muita coisa. Acho que as meninas, depois, ficaram sem o incentivo porque lá a pessoa precisa de incentivo, lá todo mundo funciona na base do incentivo. Se você não tem um incentivo, elas não vão. Sei lá, é preciso ter alguém que diga: “vamos, vamos lá, vamos fazer”. Igual você estava “Olha não tem aula hoje, mas no dia tal tem aula”. A gente estava lá todo mundo, estava lá. Mas se você deixar por livre e espontânea vontade (...) ah!!!(lamentação) “não vou, não!”, “Ah! estou ocupada!”. A pessoa vai deixando passar. Mas quando você dizia: “vai que amanhã terá aula!” Aí a pessoa vai, e se você propor uma coisa legal lá e a pessoa ver, tipo a pintura. No dia da aula de pintura estava todo mundo. Tinha dia que não tinha nem lugar de tanta gente (Risos). Incentivo é você estar lá, chamando, convidando. “Oh! Vamos lá! Isso pode dar certo, pode ser um negócio!”

A colaboradora ainda registra o quanto o projeto ArtCuli contribuiu para sua vida cotidiana, ajudando-a na geração de renda com as vendas dos produtos confeccionados por ela. M.A esclarece que sua saída da comunidade a impediu de contribuir com a multiplicação de outras redes, com a formação de novos grupos de mulheres:

M.A.: Naquele momento o projeto contribuiu para minha vida cotidiana. Na época, eu fiquei bem empolgada. Eu queria fazer. Eu vendi os panos de pratos para as meninas da comunidade. Se eu não

tivesse saído, eu teria dado continuidade. No ano de 2013 quando surgiu o curso ArtCuli eu participei, aprendi, mas não dei continuidade, porque eu precisei mudar para Juiz de Fora. Mesmo depois que o projeto terminou, Ana Baher e eu queríamos dar continuidade com umas mães, até as mães das crianças com necessidades especiais. Ela queria proporcionar um novo sentido para essas mães para elas entenderem que a vida não se resumia em cuidar dos filhos. A experiência de participação no projeto me despertou a vontade de continuar e formar turma, porque como eu estaria dando estabilidade financeira para algumas pessoas da comunidade que não têm nenhum recurso. Se alguém tivesse dado continuidade formando turma e formando curso, nossa! Eu acho que hoje tinha muita gente ganhando alguma coisa, usufruindo muito bem do resultado do projeto.

A colaboradora M.G revela que o curso não teve sequência por falta de tempo e interesse por parte do próprio público, registra, através da sua narrativa, que quando surge algum curso na comunidade de Marcílio Dias algumas mulheres se inscrevem, porém não finalizam.

M.G.: (...) Eu acho que o curso não teve uma sequência porque paramos no tempo, não corremos atrás por falta de interesse também das pessoas que fizeram o curso. Porque eu acho que as pessoas daqui quando começam, correm tudinho para se inscrever “Ah! vai ter um curso ali”. Umam participam, outras não participam e depois não dão andamento. Param. Eu acho que é isso. Eu só participei desse projeto mesmo. Depois desse curso não fiz mais nada.

Ela ainda revelou que surgiu um curso no ano de 2019, e que pretendia realizar, mas por conta da pandemia o curso precisou ser encerrado.

M.G.: Eu ia me inscrever para aprender outras coisas, mas com a pandemia, parou tudo. Se eu tivesse tido condições teria dado continuidade, então acho que o que mais me impediu foi a questão financeira, com certeza!

A colaboradora R.M. revela com tristeza não poder dar continuidade ao projeto, pois para ela a participação nas oficinas configurava-se em uma verdadeira terapia:

R.M.: Pena que não deu para eu continuar fazendo devido a correria do dia a dia, tem a minha família, a minha igreja e tem esse trabalho que tem dia que não tem hora pra chegar, mas aprendemos bastante coisa, sinto falta do curso! Pena que ainda não voltou! Hoje, depois do projeto, eu sinto falta de ocupar a mente. Queria que continuasse, mas Deus sabe todas as coisas. O que faço hoje é uma coisa que, pelo menos, dá para ocupar a mente um pouquinho ainda, mas devido a

tantas coisas que estão acontecendo, o projeto é bom porque é como uma terapia: você ocupa a mente, você vai viajando vai esquecendo algumas coisas. Eu aprendi algumas coisas, mas não deu para eu levar adiante, vender para ganhar um dinheirinho, porque falta mesmo de tempo. É uma correria.”

Durante o desenvolvimento do projeto, percebemos que as mulheres evidenciavam estar motivadas por demonstrarem boa participação, tendo se dedicado de forma intensa às atividades. O comportamento manifestado por elas demonstra que a educação não formal pode se traduzir como uma colaboração significativa a sua formação.

Ainda, a respeito da conceituação sobre identidade, e a formação dessas mulheres, revisitando Bauman (2005), seria de bom tom pontuar o seguinte: “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como algo de um esforço, um objetivo” (BAUMAN, 2005, p.22); como a uma coisa que precisa ser construída a partir do zero ou escolher dentre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la ainda mais. Para esse autor, “mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e inconclusa da identidade deve ser, e tenda a ser suprimida e laboriosamente oculta” (BAUMAN, *Op. Cit.*). Certamente, é mais fácil esconder, atualmente, essa verdade do que no início da era moderna, pontua Bauman (2005).

Considerando também a temática sobre unidades narrativas dentro da História Oral, cabe recordar Verena Alberti (2004) quando diz: “cabe ao pesquisado que trabalha com História Oral atentar para a preciosidade das unidades narrativas como as que foram analisadas aqui”. Logo, dentro do contexto das interações que aqui foram produzidas e expostas, conclui Alberti, “porque elas são capazes de comunicar experiências que vão além da trajetória particular de vida de determinado entrevistado, dando formas de elaborar o mundo a sua volta, camadas próprias de sua geração, a um segmento profissional, a um campo de conhecimento” etc.

Fato é que, para Halbwachs (2003, p.72), “a memória individual não está inteiramente fechada”. Para esse autor, evocar o passado, seu próprio passado, em geral, os indivíduos entrevistados precisam recorrer às suas lembranças, quer sejam positivas ou negativas, seletivamente e se transportar a pontos de referência que existem fora de si mesmo, determinados pela sociedade, pelas circunstâncias vividas, sofridas e sobrevividas no passado, que, na maioria das vezes, está sempre presente, no presente. Desse modo, Tuan (2013, p.31) afirma que “no homem adulto são extremamente

complexos os sentimentos e ideias relacionados com o espaço e ao lugar”. Esses sentimentos originam-se das experiências singulares e comuns: vividas, sofridas ou sobrevividas pelo corpo. E essas experiências são armazenadas e evocadas no presente quando são necessárias ou se precisa delas.

Em suma, com relação à identidade, de acordo com Hall (2019, p.9), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Até que ponto? Há realmente uma crise de identidades? Então, vemos à tona, a chamada crise da identidade sendo extensamente discutida no mundo da teoria social. E sua essência, constata Hall (*Op. Cit.*), “é vista como parte integrante de um processo mais amplo de mudanças que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese com o tema “Narrativas de Mulheres: Experiências Educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (*artculi*) - comunidade Marcílio Dias, Complexo da Maré, Rio de Janeiro” me deu a possibilidade de retornar à comunidade Marcílio Dias para reencontrar as mulheres que participaram desse projeto, desenvolvido em 2013, para compreender se houve multiplicação do projeto inicial a partir dos cursos realizados naquela época para outras mulheres; que destinos (REDES) se estabeleceram a partir das experiências vivenciadas por elas, e se, atualmente, existia algum projeto em funcionamento na comunidade, ou, em outros locais.

Então, começamos a busca pelas mulheres que participaram do projeto inicial e ao chegar na comunidade foi preciso iniciar a entrevista do ponto zero,³⁷ isto é, o ponto inicial com a intenção de orientar a formação das demais redes e dos próximos entrevistados desse mesmo grupo. O ponto zero é a fase em que as colaboradoras falam espontaneamente sobre quem entrevistar na sequência. Sendo assim, conseguimos chegar ao total das cinco participantes e as entrevistas se deram conforme elas eram citadas no decorrer das interlocuções. A primeira entrevistada foi a M.A e na sua fala parecia que não havia ocorrido a multiplicação em redes como desejado o que foi comprovado durante as falas das outras entrevistadas.

Apesar do projeto ArtCuli, implantado no ano de 2013, ter tido como uma das propostas geração de renda entre as colaboradoras, podemos perceber no decorrer da pesquisa que a multiplicação dessas redes com uma perspectiva de criar redes não ocorreu.

As experiências das colaboradoras vivenciadas no projeto ArtCuli foram demonstradas em seus testemunhos quando revelam que o projeto foi de suma importância para suas vidas, mas mediante as dificuldades econômicas não conseguiram dar continuidade. Contudo, o sentimento de continuar é nítido em seus testemunhos, mas suas condições socioeconômicas foi um impeditivo. A realidade das colaboradoras nos mostra que a educação permeia por suas vidas, mas a ausência dela traz dificuldades para o cotidiano como, por exemplo, trabalhar. A ausência de uma formação educacional afeta diretamente a sua vida econômica. É possível identificar progresso e

³⁷ Com base no autor Meihy (2011) entendo que o ponto zero é o ponto de partida para o surgimento da rede e a formação dos próximos entrevistados de uma mesma rede.

retrocesso na vida dessas colaboradoras, pois duas, atualmente, conseguiram sair da comunidade conforme o desejo explicitado nas entrevistas. A colaboradora M.A que comprou o seu apto em um condomínio em Duque de Caxias e a colaboradora M.G, que retornou para Campina Grande neste ano de 2022 e comprou uma casa lá. Ainda identificamos na colaboradora RM o desejo permanecer durante um tempo no Complexo da Maré, mas com o plano de sair da comunidade logo que haja uma oportunidade para galgar um lugar melhor para residir. Ela deixa claro uma mistura de sentimento de topofilia e topofobia.

Ainda, com a pandemia da Covid-19 algumas mulheres ficaram sem realizar nenhuma das atividades, mas podemos dizer que houve mais progresso do que retrocesso. A Colaboradora D.G, nesse período de pandemia, trabalhou e continua confeccionando os artesanatos os quais ajudam na sua renda familiar. Ela conseguiu empreender depois de ficar viúva e construiu um *kitnet* para ampliar sua renda. Segundo ela, o projeto a ajudou muito a superar as dificuldades quando tirávamos um tempo para refletir sobre como produzir e ganhar dinheiro em meio as diversidades que eram contadas pelas colaboradoras naquele local durante as aulas.

Percebemos diversidades culturais manifestadas entre as cinco colaboradoras. São mulheres de outras regiões que, mesmo vivendo durante muitos anos no Rio de Janeiro, sentiam falta da sua terra natal, o que notamos com o retorno da colaboradora M.G.

Abordamos a importância do espaço e do lugar dessas colaboradoras, a questão da topofilia e topofobia, que também permeia em suas falas. Podemos citar as colaboradoras D.G e J.M para exemplificar um sentimento de topofilia pelo lugar em que mora e revela que não pretende se mudar e que estão muito bem e se sentem acolhidas. Quantas memórias narradas por elas, histórias de vidas que atravessaram por meio da educação, do trabalho, das renúncias e por meio do casamento. Algumas testemunhas tinham como certeza que o casamento era a única maneira de ascensão social e de ter uma vida melhor, mas no decorrer das suas trajetórias de vida perceberam que não foi uma decisão sábia e, atualmente, reconhecem que a educação ainda é um dos caminhos para alcançar qualidade de vida e mudança de realidade. Segundo as colaboradoras, seus exemplos de vida servem como experiências para seus filhos, pois elas os incentivam a terem uma formação legitimada.

Portanto, o aprendizado construído durante esse período de estudo, considerando a realização das entrevistas e dos conteúdos trabalhados, é que o desafio apresentado à educação consiste em uma ação educativa dinâmica e dialética visando, assim, desenvolver a consciência da realidade humana e social.

A fim de que contribua para a formação de pessoas capazes de se depararem com os problemas de seu ambiente cultural e natural, , da qual tanto a família, com uma visão coletiva, quanto a vida de cada uma dessas mulheres, considerando a sua visão individual, faz parte dessa dinâmica mediante uma perspectiva globalizadora.

Trabalhamos os conceitos de História e História Oral: fontes e memórias para compreender as histórias das colaboradoras, partindo da história oral de vida delas. No que tange aos teóricos, a fim de fundamentação teórica a respeito das temáticas nesta tese sobre narrativas, a construção do referencial se organizou em torno dos temas comuns aos interesses da pesquisa, como: História e História Oral: Fontes e memórias, memória e narrativa: Veyne (2008); Alberti (2013); Carvalho e Ribeiro (2013). Benjamin (1986); Pollak (1996); Halbwachs (2006); Josso (2007); Bernd (2011). Procedimentos em História Oral: Evangelista (2015); Meihy (2011); Portelli (2016); Borges (2006). Empoderamento: Onu mulheres (2016); Educação Não Formal Gohn (2011); (Vieira (2005). Territorialidade: Abiko e Coelho (2009); (Leeds (1978); Damatta (1997); Siqueira (2013); Silva (2009); Raffestin (1993); Santos (2011). Sobre Espaço e Lugar: Tuan (2013); Holzer (1999). Sobre Identidade: Bauman (2001); Hall (2005); Carvalho e Ribeiro (2013). Sobre Cooperativismo: Sennett (1999).

Existem diversas dimensões relacionadas à mulher como, por exemplo, a dependência psicológica, a misoginia e questões de gênero, que não foram citadas diretamente neste trabalho, mas que merecem um olhar mais profundo e necessitam ser resgatados.

Contudo, espera-se que esta tese forneça fundamentação teórica para futuras discussões sobre a temática citada, o que permitirá uma reflexão mais elucidada sobre como a educação não formal pode desempenhar um papel relevante para a consecução de sistemas educacionais mais flexíveis para lidarem com uma diversidade de demandas sociais, de maneira a promover medidas que combinem adequadamente níveis de educação formal e não formal.

Considerando a importância do processo de formação para o exercício da cidadania, preocupamo-nos com a formação das mulheres, bem como seu acesso ao mercado de trabalho. Precisamos repensar sobre a importância de implantar projetos que

proporcionem uma continuidade mais efetiva e significativa para o desenvolvimento cognitivo e socioeconômico, propiciando a inclusão social associada aos progressos intelectual e profissional das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ABIKO, Alex; COELHO, Leandro de Oliveira. **Urbanização de favelas: procedimentos de gestão.** Porto Alegre: ANTAC, 2009. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Alex_Abiko/publication/228376145_Urbanizao_d_e_favelas_procedimentos_de_gesto/links/02e7e53bdc2d5c7982000000> Acesso em: 10.10.2021.
- ADAMS, Telmo. **Educação e economia popular solidária:** mediações pedagógicas do trabalho associado. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3ª.ed.rev.atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 384p. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/KbccD6ktzhnMxB9BymNZh5b/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 15.01.2022.
- BASTOS, Liliana Cabral. **Narrativa e Vida Cotidiana.** Revista Scripta. Belo Horizonte/MGv.7.n.14.p.118-127.1ºsem.2004. (ISSN: 2358-3428 (OJS) - DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.2358-3428>. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548/9852>> Acesso em: 09/01/2020.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** 35. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução: Plínio Desntzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CARVALHO Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação:** memórias e identidades Centro Paula Souza: São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.cpsctec.com.br/memorias/historiaoral.pdf> Acesso em: 10/09/2020.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro, 1997.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo corporativo: como ser um empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**. 4. ed. – São Paulo: Empreende, 2020.

EVANGELISTA, Marcela Boni. **Padecer no paraíso?: experiências de mães de jovens em conflito com a lei**. 1ª ed. Salvador: Editora Ponto com, 2015.

FERNANDES, Fernanda. **Maré: uma cidade dentro do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro>
Acesso em 15.01.22

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**; Freire, P. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FUNDAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Revisão técnica: Talita da Silva Campos. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação**, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal**, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=en&nrm=iso; <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>. Acesso em: 10/10/2021.

IBGE. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Estudos e pesquisas: informação demográfica e socioeconômico, n. 38, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=publicacoes> Acesso em: 22/02/2019.

- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.
- JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.
- LEEDS Anthony, Leeds Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. Zahar Editores, 1978- p. 327.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8.ed. São Paulo, Cortez,2005.
- LIMA, A. F. C., GUALDA D. M. R. **História Oral de Vida: Buscando o Significado da Hemodiálise para o Paciente Renal Crônico**. Rev Esc Enferm, USP 2001.
- MARSHALL, T. H. **Cidadania e Classe Social**. Ed. atual trad. e rev. Por EaD/CEE/MCT, 2. ed. Brasília: Senado Federal, Centro de Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas: História oral aplicada**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto,2020.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Ribeiro Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história**. Oralidades. São Paulo: Revista do Núcleo em Estudos de história oral da USP,n. 8,p,179-191,jul/dez.2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola;1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **HISTÓRIA ORAL**. Núcleo de Estudo em História Oral – NEHO/FGV. Disponível em:
<https://diversitas.fflch.usp.br/pesquisadores-nucleo-de-estudo-em-historia-oral-neho>
Acesso em: 22.01.2022
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MULTIRIO. MULTI RIO **Maré: uma cidade dentro do Rio de Janeiro**. RJ, Agosto 2015.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, no. 1. 1992, p. 200-215.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução: Dora Rocha Flauman. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3- 13, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

RIO DE JANEIRO (Estado). Decreto nº 6011, de 04 de agosto de 1986. Altera a estrutura da Secretaria Municipal de Governo e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 05 de agosto de 1986. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/1986/601/6011/decreto-n-6011-1986-altera-a-estrutura-da-secretaria-municipal-de-governo-e-da-outras-providencias>> Acesso em 06/10/2021.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 7980, de 12 de agosto de 1988**. Delimita a XXX Região Administrativa - Maré, criada pelo Decreto nº 6.011, de 4 de agosto de 1986, e altera os limites da X Região Administrativa - Ramos e dos bairros de Manguinhos, Ramos, Bonsucesso e Olaria, constantes do Decreto nº 5.280, de 23 de agosto de 1985. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1988. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br> >. Acesso em 06/10/2021.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 2119, de 19 de janeiro de 1994**. Cria o bairro da Maré na XXX Região Administrativa e dá outras providências. Disponível em <https://cm-rio-de-janeiro.jusbrasil.com.br/legislacao/884679/lei-2119-94#art-1> Acesso em: 06/10/2021.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In M. Milton et al. (Orgs.), Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2006.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SENNETT, Richard. **Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**, [tradução de Clóvis Marques] Rio de Janeiro, Record. 2012.

SERRA, F.R.; SANTO, J.C.; FERREIRA, M.P. **SER EMPREENDEDOR**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009. 293p. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502121966/>. Acesso em: 11 Jan 2022.

SILVA, Jailson de Souza e. **O que é favela, afinal?** / organizador: Silva. – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio ambiente**. São Paulo: Difel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248pág.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

ANEXOS:**ANEXO 1 – Termo de Autorização de uso de imagens e depoimentos*****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS***

Eu _____

_____, CPF _____,

RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Maria Aparecida dos Santos Siqueira, Joaquim Humberto Coelho da Silva e Jurema Rosa Lopes Soares** do projeto de pesquisa intitulado **“NARRATIVAS DE MULHERES: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS VIVENCIADAS NO PROJETO ARTESANATO E CULINÁRIA (ARTCULI) -COMUNIDADE MARCÍLIO DIAS, MARÉ, RIO DE JANEIRO”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Duque de Caxias, __ de _____ de ____

Pesquisador responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa

ANEXO 2 – Termo de Proteção de Risco e Confidencialidade**Comitê de Ética em Pesquisa****TERMO DE PROTEÇÃO DE RISCO E CONFIDENCIALIDADE**

Declaro que, ao ser facultado o acesso às informações sobre exames, observações de dados pessoais de indivíduo oriundos de documentos relativos a prontuários, resultados de exames clínicos e laboratoriais e demais instrumentos de natureza documental, pertencentes aos arquivos da Igreja Evangélica Batista em Marcílio Dias, com a finalidade específica de coleta de informações para o desenvolvimento do protocolo de pesquisa intitulado “Narrativas de Mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (*ArtCuli*) – comunidade Marcílio Dias, Maré, Rio de Janeiro, de autoria de Joaquim Humberto Coelho de Oliveira e Jurema Rosa Lopes Soares e Maria Aparecida Dos Santos Siqueira, do curso de Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes, será preservada a privacidade e a confidencialidade de tais documentos e dos seus sujeitos.

Declaro, também, que o procedimento proposto, na pesquisa assegura ao sujeito da pesquisa, proteção da sua imagem, impedindo o estigma e a utilização das informações em prejuízo de terceiros e da comunidade. Outrossim, todo o material será utilizado para os fins propostos no protocolo de pesquisa, preservando, ainda, a autoestima e o prestígio dos sujeitos da pesquisa.

Todo o referido é verdade.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

(Assinatura do responsável pela pesquisa)

ANEXO 3 – Orçamento

Comitê de Ética em Pesquisa



Data: / / 2019

ORÇAMENTO DE PROJETO DE PESQUISA

Nome do Projeto: Narrativas de Mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (*ArtCuli*) – comunidade Marçílio Dias, Maré, Rio de Janeiro.

Pesquisador Responsável: Maria Aparecida dos Santos Siqueira.

Instituição/Unidade/Departamento: UNIGRANRIO

Fonte (Instituição): UNIGRANRIO

	VALOR US\$	VALOR R\$
MATERIAL PERMANENTE	-----	R\$0,00
MATERIAL DE CONSUMO	-----	R\$500,00
SERVIÇOS DE TERCEIROS	-----	R\$0,00
HONORÁRIOS DO PESQUISADOR	-----	R\$0,00
DESPESAS COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	-----	R\$0,00
OUTROS	-----	R\$0,00
TOTAL	-----	R\$500,00

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:

Este orçamento de projeto de pesquisa é apenas indicativo e visa a atender exigências da CONEP/Plataforma Brasil. A aprovação do protocolo pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UNIGRANRIO limita-se aos aspectos éticos da pesquisa e não implicando em nenhuma hipótese, compromissos financeiros da parte da Universidade com o desenvolvimento das atividades do projeto ou com o pesquisador. A aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética pode ser uma exigência para posterior obtenção de recursos financeiros na UNIGRANRIO ou em agências de fomento.

Outros comentários: O valor refere-se ao custo mínimo com cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cópias do instrumento de coleta de dados e outros itens que impliquem em despesas com a pesquisa.

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: Narrativas de Mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (*ArtCuli*) –comunidade em Marcílio Dias, Maré, Rio de Janeiro. Antes de concordar em participar de forma totalmente **voluntária** desta pesquisa, é muito importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos desta pesquisa são:

- Compreender a influência desse projeto nas trajetórias de vida daquelas mulheres e nas de outras futuras participantes.
- Investigar possíveis desdobramentos do projeto via multiplicação das atividades por parte das mulheres que participaram do projeto anterior em 2013 intitulado por ponto zero
- Apresentar por meio de narrativas das mulheres envolvidas no projeto ArtCuli os seus progressos e retrocessos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um roteiro de entrevista relacionado ao tema em questão, não havendo quaisquer riscos com sua participação.

Não serão publicados, portanto seus dados e informações pessoais que permitam sua identificação. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação caso o participante opte pelo sigilo.

As entrevistas terão informações analisadas qualitativamente, sendo o nome do entrevistado substituído por pseudônimos, se assim desejar.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a),

podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com os pesquisadores responsáveis. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira, Jurema Rosa Lopes Soares e Maria Aparecida dos Santos Siqueira no e-mail educadora1610@hotmail.com - telefone: (021) 998209225

Pesquisador Responsável
Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

Pesquisador Responsável
Jurema Rosa Lopes Soares

Pesquisador Responsável:
Maria Aparecida dos Santos Siqueira

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Participante da pesquisa

ANEXO 5 - Carta de Anuência

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA EM MARCÍLIO DIAS
Rua Dalva de Oliveira, 24 – Penha Circular – Rio de Janeiro –
RJ.

CEP: 21.011-804 / E-mail: ariltonbetel@yahoo.com.br

Tel.: (21) 3868-1735/ 98557-1648

Pr. Arilton Siqueira Junior (Presidente).

Pr. Simeão Castilho de Abreu (Emérito)

Organizada em 29 de Maio de 2004.

CARTA DE ANUÊNCIA da INSTITUIÇÃO SEDIADORA

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor(es) da Igreja Evangélica Batista em Marcílio Dias desta Instituição, para o desenvolvimento das atividades referentes ao Projeto de Pesquisa, intitulado: Narrativas de Mulheres: experiências educacionais vivenciadas no projeto artesanato e culinária (ArtCuli) – comunidade Marcílio Dias, Maré, Rio de Janeiro, da doutoranda Maria Aparecida Dos Santos Siqueira sob a responsabilidade dos Professores Joaquim Humberto Coelho de Oliveira e Jurema Rosa Lopes Soares do curso de Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes, da Universidade do Grande Rio, pelo período de execução previsto no referido Projeto

Duque de Caxias, ____ de ____ de ____

 Arilton Siqueira Junior
 Presidente

 Assinatura e Carimbo
 855.413.467-20
 CPF
 Ariltonbetel@gmail.com
 E-mail

ANEXO 6 – Cronograma da Pesquisa

CRONOGRAMA

ANO	ATIVIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
2019	Revisão de literatura								X	X	X	X	
	Produção escrita						X	X	X	X	X	X	X
	Revisão e readequação do projeto de tese										X	X	
	Levantamento das redes de colaboração								X	X			
	Coleta de autorizações para a realização da pesquisa										X		
	Submissão do projeto ao Comitê de Ética									X			
	Pesquisa de campo										X	X	
	Análise dos dados											X	X
	Produção escrita		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2020	Levantamento de categorias	X											
	Produção escrita	X											
	Encaminhamento da pesquisa em andamento à banca de qualificação		X										
	Qualificação			X									
	Apresentação dos resultados preliminares da pesquisa em congressos, jornadas, seminários e outros eventos de caráter acadêmico articulados ao tema*	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
	Revisão da pesquisa conforme apontamentos da banca de qualificação				X	X	X						
	Retorno ao campo							X	X	X	X		
2021	Análise dos novos dados coletados	X	X	X									
	Produção escrita final				X	X	X						
	Encaminhamento da							X					

pesquisa à banca de defesa																			
Defesa										X									
Correções conforme intervenção da banca											X								
Encaminhamento do relatório final ao comitê de ética												X							
Apresentação da tese aos sujeitos da pesquisa e instituição													X						
Apresentação da pesquisa em congressos, jornadas, seminários e outros eventos de caráter acadêmico articulados ao tema*																			

*Conforme agenda dos eventos

Marina Aparecida dos S. Siqueira

Pesquisador Responsável

ANEXO 7- Roteiro de entrevista com profissional de educação

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO-PROF. JOSÉ DE
SOUZA HERDY DOUTORADO EM HUMANIDADES, CULTURAS
E ARTES

**ROTEIRO DE ENTREVISTA
(Mulheres do projeto ArtCuli)**

Data:	Local: _____
Identificação do participante	Nome do participante: _____ Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____ Escolaridade: _____ Autoriza a divulgação do nome? _____
Experiência profissional e formação educacional	Função: _____ Tempo de profissão: _____ Áreas de atuação: _____ Setor atual: _____
Experiência em relação ao projeto ArtCuli	1. Você tem conhecimento do projeto? 2. Qual o seu interesse em participar? 3. Como foi a sua infância? 4. Quais as suas brincadeiras preferidas? 5. Como a escola marcou a sua vida? 6. Como foi a sua educação além da escola? 7. Como você conheceu o projeto ArtCuli? 8. Por que você o procurou? 9. Que lembranças te trazem este projeto? 10. Como foi a sua vida antes e depois do projeto?

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Transcrição da entrevista da Marcia Andreia em 17/09/2020

Marcia Andreia da Silva de Almada

Data de nascimento:01/12/1976

Escolaridade: Ensino médio completo

Autorização do nome? Sim

Função: controladora de acesso (elo principal à secretaria) mediadora entre as pessoas que chegam na escola. Desde que aconteceu o incidente na escola de Realengo a prefeitura criou este cargo para evitar o fluxo dentro da escola. Principalmente quando é para falar com a diretora ou assuntos sobre secretaria como, declaração, entre outros documentos. Só entra para falar com a diretora casos extremos. Eu sou a mediadora.

Como eu fui para nessa função? Eu comecei na escola como mãe representante em 2013. Em 2009 fui contratada por uma prestadora de serviço para prefeitura como cozinheira. Em 2020 me chamaram para ser controladora de acesso.

Maria Aparecida: Hoje a gente está aqui com a Marcia, e hoje vamos está começando a nossa entrevista no dia 17.09.2020 e a Marcia vai estar se apresentando e falando um pouquinho da infância dela das brincadeiras preferidas e a gente vai dando continuidade. Vamos lá?

Marcia: Vamos! Eu sou Marcia Andreia, tenho 43 anos (quarenta e três anos), nascida no maranhão, (é..) tenho cinco quatro irmãos. Então a minha infância foi (Pausa) maravilhosa né, (com sorriso no rosto) porque eu, eu fui criada como praticamente um menino, porque eu tinha quatro irmão e então eu gostava muito de brincar das brincadeira dos meus irmãos, entendeu? Porque do que os meus irmãos brincavam eu brincava. Sou filha única né? Da família toda nós somos duas mulheres sou eu e uma sobrinha (eee) morei no interior conclui o meu ensino médio interior só depois que eu fui morar na cidade 9Pausa) sozinha com um dos meus irmãos e quando eu conclui o meu estudo segundo grau foi que eu vim para o Rio de Janeiro, em 2000 no ano 2000.

Maria Aparecida: Muito legal, você pode ficar bem à vontade o que você lembrar pode falar.

Marcia: Aí eu chegando aqui(pausa) consegui um trabalho, trabalhei por sete anos, casei, tive dois filhos (eee), morei na comunidade sempre morei na comunidade, passamos por muitas dificuldade para comprar a nossa primeira casa e depois surgiu o

curso com a pastora Cida e eu fiz e participei, aprendi, mas não dei continuidade, porque eu tive que mudar de cidade. Me mudei para Juiz de Fora fiquei um ano em Juiz de Fora, não me adaptei, aí depois retornei. Graças a Deus, Deus me deu, me abençoou de uma forma tremenda. E eu consegui sair da comunidade e hoje eu morro fora da comunidade com os meus filhos, eu trabalho e tenho sido muito abençoada em toda a minha vida. (deu uma pausa com um olhar meio perdido). (apertou os lábios).

Maria Aparecida: Muito legal! Tem quanto tempo que você saiu da comunidade Marcia?

Marcia: vai fazer três anos.

Maria Aparecida: já vai fazer três anos?

Marcia: três anos, três anos.

Maria Aparecida: Fala um pouquinho como era sua relação com a comunidade, o que você achava de Marcílio Dias

Marcia: Assim, a minha relação sempre foi boa porque eu nunca me envolvi, mas eu no início quando o meu filho completou 10 anos o mais velho 10 , 11 anos eu comecei a ter problemas porque era as amizades era a mistura, tinha que se misturar, porque eram as amizades que eles tinham e quando eu comecei a perceber que todos os , as crianças que começaram(aaa) o ensino com ele , começaram estudar no primeiro ano dele. No primeiro ano dele eu já comecei a ficar meio pé atrás ,porque quase todos faleceram. Quase todos se envolveram. Da primeira turma dele de 30 alunos hoje restam 5 alunos. (semblante triste). O restante todos perderam a vida... Entendeu, quando eu comecei a perceber que eu tinha que tirar meus filhos dali, foi quando eu (estalou os dedos com sinal de sair fora) vi ou eu vou tirar os meus filho daqui agora ou, ou eu tiro agora, ou eu vou perder o meus filho. Devido a correia, devido ah, você queria um pão, você não pode comprar um pão, tinha dia que você queria levar na praça não podia. Não podia deixar na rua. Entendeu? Porque eu sempre fui uma mãe muito cuidadosa com eles. E aí foi quando eu decidi me mudar. Aí mudei por eles. Ele já estava ficando agressivo, ele já falava que queria fazer alguma coisa com o pai. Porque ele queria ir para baile, porque queria ficar na rua, porque todo mundo ia para o campo jogar. E eu não deixava. E aí foi quando eu vi, é agora ou nunca, e aí Deus estava lá na hora, Deus abriu uma porta, para o meu esposo, o meu esposo viajou para Juiz de fora e se empregou ele ficou e conseguiu ficar um ano só, aí quando foi no ano seguinte ele disse: eu vou levar vocês, vou levar vocês (Gesticulando com as mãos) ou a gente vai sair daqui ou a gente vai perder o nosso filho. Aí a gente saiu, aí quando nós chegamos lá, eles não se adaptaram,

muito frio, e eles não se adaptaram. Acostumados né na muvuca (fazendo gestos com as mãos para dá entender quantidade espaço e pessoas) da comunidade, os amigos todos e lá a gente ficava no apartamento trancado. Então, aquilo foi, foi um ano assim de luta. E aí nesse ano foi o mesmo ano que eu separei, no mesmo ano dezessete anos de casada, aí eu separei por que? o primeiro ano foi fácil, porque ele tava lá, ele vinha todo, todo, a cada quinze dias ele vinha ficava com a gente. Tá bom! beleza! Quando ele não deu mais pra ele e tava complicado pra mim também e os dois meninos. A gente decidiu ir, aí fomos ficamos um ano. Os meninos não se adaptaram, então eu tinha que escolher ou ficar lá, ele falou vocês vão ter que escolher , vocês vão ficar aqui comigo ou então vão ter que ir embora para o Rio eu não tenho como ir porque era o trabalho dele. E assim Cida foi muito dolorido eu tive um ano assim (rosto com uma expressão de sentimento) de sofrimento, sofrimento, sofrimento, foi quando eu aceitei a Jesus, foi quando eu me batizei e aí a minha vida começou a mudar, Entendeu? Iii assim, mesmo isso tudo acontecendo Deus continua abençoando ele, ele sempre foi muito abençoado e eu vim conseguimos alugar aqui, ficamos aqui (Local atual onde ela mora) alugamos todas as casas porque Deus deu essa oportunidade pra gente construir cinco casas na comunidade, estão todas alugadas, bem alugadas, entendeu

Maria Aparecida: empreendedora

Marcia: Entendeu? Eu sempre lutei, eu sempre batalhei, assim eu sempre fui de tá ali na luta, vamos agente faz, a gente vai fazer a gente vai conseguir, Cida abri mão de tudo pra conquistar o que a gente tem hoje. E hoje eu trabalho, mas a minha principal renda e tudo do que eu conquistei lá. O que eu conquistei lá hoje me matem aqui. Eu trabalho sim, mas se eu optasse por não trabalhar eu sobreviria aqui tranquila com eles dois sem trabalhar. Assim é muita benção! benção, é só benção, benção, benção e eu agradeço muito a Deus sou muito grata a tudo que Deus tem feito por mim. Então aqui os meus filhos são filhos maravilhosos, são super inteligentes, são umas pessoas que respeitam todo mundo que trata todo mundo igual, é com amor, e eu e, eu crio os meus filhos assim, eu sou muito orgulhosa, não é porque eu sou mãe não, mas eu tenho muito orgulho dos meus filhos, eu sou muito parabenizada pelos meus filhos pela criação deles, Entendeu?

Maria Aparecida muito bom! Como a escola marcou sua vida Marcia? você lembra? Você pode falar um pouquinho. Como foi sua educação escolar?

Marcia: Olha minha educação, eu fui educada pela minha mãe do 1º ao 5º ano a minha professora foi a minha mãe. Minha mãe, (O olha se voltou para o teto) quando a minha

mãe quando completou eu acho que 30 a minha se aposentou bem novinha. Minha mãe começou trabalhar acho com 18 ou 17 anos a minha mãe sempre foi professora, minha mãe é apaixonada e minha mãe era professora e diretora, então, como era no interior a minha mãe era professora e diretora e professora de todo mundo. Então eu fui educada pela minha mãe, todos nós fomos educados pela nossa mãe cinco irmãos e assim, era muito rígida. Minha mãe nossa! Eu apanhei muito (mostrou as mãos e bateu as mesmas juntando e sorrindo) de palmatória. Você tinha que fazer, não tinha essa de não fazer não! E já o segundo grau não eu era muito inteligente, sempre fui muito inteligente na escola. O segundo grau já tive que ir morar, ele tiveram que comprar uma casa na cidade, então a gente ía, o meu pai levava a gente na cidade na segunda feira e a gente ficava de segunda a sexta e o meu pai vinha do interior pegava a gente e levava agente para o interior. Foi assim essa luta toda. Mas sempre em escola pública nenhum da gente estudou em escola particular, nenhum dos filhos. Todo mundo escola pública.

Maria Aparecida: Muito legal! E como você conheceu o projeto na comunidade o ArtCuli? Como chegou ao seu conhecimento que iria ter este projeto?

Marcia O projeto foi através da coordenadora Ana Baher que chegou e comunicou e falou que você tinha ido lá e tinha feito a proposta pra ela e ela gostaria muito que eu fosse porque, ela me acha uma incentivadora. Ela acha que eu incentivava muito, então ela falou que eu tinha que ir, participar do projeto para depois repassar, forma uma turma. E aí eu participei, né tive uma participação aprendi, como já falei lá no início não deu para dá continuidade, né devido eu ter que ir embora, não ter ficado na comunidade. Mas, foi um aprendizado muito bom e importante para mim.

Maria Aparecida: O que você achou dos cursos? O artesanato? Os chinelos?

Marcia Maravilhoso!

Maria Aparecida: As pinturas?

Marcia: (relatando com alegria sorriso no rosto) Maravilhoso! A pintura então eu me apaixonei, me apaixonei pela pintura! O chinelo eu lembro que foi o que eu menos peguei. O crochê e a pintura, foi muito bommm!

Maria Aparecida: A culinária também

Marcia: A culinária também, é a culinária também foi muito boa. Mais lá por ser um lugar assim que pouca coisa vai pra frente eu acho que a gente ainda fez muito, você ainda fez muita coisa né, acho que as meninas, depois fica sem o incentivo porque lá a pessoa precisa de incentivo, lá todo mundo funciona na base do incentivo. Se você não tem um incentivo, elas não vão.

Maria Aparecida: o que você entende por incentivo? O que você acharia ser incentivo?

Marcia: Sei lá ter alguém lá pra vamos, vamos lá, vamos fazer. Igual você tava, olha não tem aula hoje, mas no dia tal tem aula. Agente tava lá todo mundo, tava lá, mas se você disser, deixar por livre espontânea vontade assim, Ah! vai amanhã tem! Ai a pessoa vai, não vou não, ah estou ocupada, vai deixando passar né e se você botar uma coisa legal lá e a pessoa vê tipo era igual a pintura no dia da pintura tava todo mundo. Tinha dia que não tinha nem lugar de tanta gente, tanta pessoa por causa da pintura né. (Rimos) Incentivo é você tá lá chamando convidando. Oh vamos lá isso pode dar certo, pode ser um negócio. Eu acredito que hoje Cida se fosse hoje! Eu acho que teria muita gente ganhando dinheiro com isso. Se fosse numa época dessa, se aquela época fosse numa época hoje onde as pessoas estão se virando com qualquer coisa, você quer ver. Você tem ido na comunidade?

Maria Aparecida: Eu não tenho ido.

Marcia: Então, você não tem noção por mais que você pensa, você não tem noção de como tá aquilo. A escola te barraca daqui (demonstrou com as mãos na mesa para demonstrar o espaço ocupado) na entrada do portão da garagem tem barraca, barraca, barraca, barraca até a frente da igreja assim virando. É só barraca.

Maria Aparecida: Gente! Não tinha barracas!

Marcia: Não tem lugar para carros, não tem lugar para você botar um carro. Em todo o lugar tem barracas. Tudo que você imaginar e quiser comprar tem. Hoje fecha em frente à igreja, ali na frente da igreja, naquela padaria do ponto da Kombis fecha vai até lá no final lá a Dalva de Oliveira fecha no seu Joaquim. Então, hoje tem uma feira lá que aquilo ali tudo fica fechado. Uma feirinha que antigamente era em frente o Beto, aquela feira hoje funciona ali.

Maria Aparecida: Porque ali, praticamente é o Centro de Marcilio Dias

Marcia: isto funciona ali, então eu acredito muito que se esse curso fosse num período desse, muita gente ia fazer, porque tá todo mundo querendo alguma coisa para fazer né.

Maria Aparecida: ganhar dinheiro

Marcia todo mundo tá querendo ganhar dinheiro, arrumar alguma coisa. Você tem quer ver

Maria Aparecida: Por conta da Pandemia?

Marcia Por conta da pandemia, entendeu? Então eu acredito muito que o incentivo ele, sei lá faz a pessoa ficar mais (pausa) disposta eu acredito assim.

Maria Aparecida: Qual a lembrança que você tem do curso? Alguma coisa que traz a sua memória do curso?

Marcia: Ahh (sorrindo ela diz) As risadas né da meninas? As conversas quando uma errava a outra pintava botava uma cor era outra isso eu lembro bastante era muito bom muito bom mesmo! Muito bom recordar

Maria Aparecida: depois do projeto você acha que poderia ter desenvolvido?

Marcia (pausa) Sim, com certeza, com certeza

Maria Aparecida: O projeto contribui para sua vida cotidiana?

Marcia: No momento sim, no momento eu fiquei bem empolgada, no momento eu queria, eu queria fazer, tanto que lembra que eu vendi as meninas compravam o pano de prato as vezes na minha mão eu queria fazer, se eu não tivesse saído eu teria dado continuidade. Que o projeto era teu, mas depois que terminou, que foi o término do curso eu a Ana Baher queria fazer isto com umas mães até as mães das crianças mais especiais que tinha que ela tomava conta né que assim, ela queria dá um novo sentido pra essas mães e pra essas mães vê que não era só aquilo. Tipo tinha uma mãe, a mãe dooo queria tanto lembrar o nome dele cara agora, Tinha a Priscila uma magrinha, ela tinha vontade de colocar, a mãe do Samuel, tinha a mãe doo, aí esqueci o nome carão esqueci o nome agora era uma baixinha. Ela queria mostrar para essas mães que tinha coisa além de tá ali só cuidando da saúde do filho, cuidando do filho, do filho especial. O filho que tinha, que tem hiperatividade essas crianças que tem e tinha algum problema. A Paulinha a mãe do Gabriel com Autismo também tinha várias pessoas que a gente queria incluir nisso. Entendeu? O que que aconteceu o que me fez parar o projeto mais educação foi quando o projeto mais educação entrou porque aí quando a gente foi entrar, aí entrou o projeto mais educação. Foi quando eu deixei de ser mãe representante pra mim trabalhar no projeto. Foi isso.

Maria Aparecida: Você teve que se dedicar ao projeto

Marcia aí eu tive que me dedicar ao projeto tinha que trabalhar quase todos os dias no projeto com a turma de manhã e com a turma a tarde aí o projeto durou dois anos. Quando terminou o projeto eu já entrei pra cozinha em uma firma contratada, então eu já trabalhava o dia inteiro de 7h da manhã até às 17h da tarde. E quando eu sai deste trabalho foi quando eu viajei, então foi assim uma coisa vindo atrás da outra as coisas foram acontecendo, uma coisa atrás da outra.

Maria Aparecida: Você ficou quanto tempo em Marcilio Dias?

Marcia: 20 anos

Maria Aparecida: Esse tempo em que você morou em Marcilio dias você se achava pertencente a comunidade?

Marcia: Achava, acho eu não achava não eu acho (bem sorridente) eu ainda acho eu acho que sou de lá que assim eu fui uma pessoa, por eu ser uma pessoa muito dada assim muito comunicativa e por eu trabalhar na escola o tempo todo por eu tá ali na escola, então eu cheguei eu conheço todo mundo quem eu não conheço me conhece. Então se você chegar lá pra qualquer pessoa que você perguntar. Conhece a Marcia? Ah uma magrinha. Conheço. Conhece a Marcia? Ah conheço, aquela da escola, ah conheço. Todo mundo sabe. Não sabe exatamente o endereço, mas sabe a casa, mas todo mundo sabe. Então ainda hoje, hoje Cida morando aqui eu me acho mais lá de dentro do que aqui, Achoo. Eu me acho mais de lá da comunidade todo mundo vai quero te ver, quero te dar um abraço ah! como você tá? Ah voltou (juntou as mãos dando a entender sinal de graças a Deus) Graças a Deus ela voltou, graças a Deus ela voltou. Eu digo gente eu não voltei, eu só estou trabalhando tá, Ah mais não adianta o importante é que tu vem todos os dias. Todo dia você tá aqui. Isso é que importa, então eu me acho, tipo eu senti muito quando eu tirei eles, porque nasceram lá conheceram todo mundo lá. Começaram os primeiros anos escolares deles lá. Quando a gente saiu de lá foi uma mudança da água pro vinho. Quando a gente saiu de lá do lugar livre que tu é solto. Pra ir morar dentro de um apartamento quarto andar em Juiz de Fora, lugar que tu não conhece ninguém. E quando nós chegamos lá eu fui mora na Cidade Universitária nosso apartamento era dentro da Cidade Universitária, tu desce do apartamento está dentro da faculdade, então todos os apartamentos e da universidade nós foi morar no Universtis uma coisa assim, dentro da faculdade mesmo em Juiz de Fora. Foi o apartamento que eles conseguiram alugar para gente. Então não era nem um apartamento que tinha praça que tinha uma piscina, não era não. Era um apartamento dentro da comunidade, então ali era tua vida. Pegava eles de manhã 7h colocava na escola 12h pegava e entrava e se trancava, acabou, então aquilo ali foi assim uma mudança de tudo eles não conseguiram ali, não consegui não tinha como conseguir. Entende? Aí foi a coisa mais difícil. Eu pensei, pensava muito neles porque eu era acostumada na minha casa cheia, falar com todo mundo, brincar com todo mundo. Tinha dia que eu queria dar uma palavra com alguém não tinha ninguém. Então aquilo foi uma, foi assim parece que Deus fez assim eu vou tirar vocês daqui e fazer uma experiência bem pesada com você e vou botar vocês num lugar certo. Tipo tirou nós da muvuca colocou a gente lá dentro pra quando a gente vir pra cá ser isso aqui, essa paz, pouca gente sabe que eu moro aqui. As pessoas

sabem que eu moro aqui fora, mas não sabe que eu moro exatamente aqui. Ah mora aonde? Eu moro na Costa Rica, mora aonde? Moro no IAPI, pronto aqui não vem as pessoas, as pessoas não vêm aqui em casa são uma ou duas pessoa que eu já trouxe aqui. Entendeu? Eu não digo onde eu estou e hoje eu vivo assim. Lá eu reclamava da solidão e aqui eu amo eu já acho ruim quando tem alguém, (risos) Quando tem três quatro pessoas eu já fico agoniada ai meu Deus! A casa já tá cheia já fico, assim sabe?

Maria Aparecida: Como pode dependendo do lugar a reação é diferente. Você está falando que tem hora que sente algo e em outro momento sente de forma diferente

Marcia: Pra você ver como é que é muitooo (Olhou fixo) Mas eu sou grata a Deus por tudo.

Maria Aparecida: Então percebe-se que a experiência em relação ao projeto foi boa, mas não pode multiplicar por conta da sua saída da comunidade e toda a vivência que teve durante este período relatado. Você sentia vontade de multiplicar?

Marcia Com certeza, vontade de continuar de formar turma, porque como eu te falei hoje isso estaria dando estabilidade para algumas pessoas da comunidade que não tem de jeito nenhum. Se alguém tivesse pego ali usado aquilo pra começar pra construir, pra fazer mesmo, formar turma. Entendeu? Formar turma e formando turma e formando turma, formando curso nossa! Eu acho que hoje tinha muita gente ganhando alguma coisa, usufruindo muito bem do resultado do projeto.

Maria Aparecida: Você tem vistos as meninas do curso?

Marcia: eu vi a baixinha eu esqueço o nome, a Renata eu vejo de vez em quando, mas eu vejo mais nas redes sociais, eu vejo ela passando no mercadinho e só. E a Graça eu tenho contato quase que diariamente.

Maria Aparecida: Eu também tenho o contato da Graça e na rede também a gente se fala.

Maria Aparecida: Então Marcia eu quero te agradecer pelo seu tempo precioso que você disponibilizou. Foram muitas idas e vindas, mas a gente conseguiu

Marcia; MUITAS MARCAÇÕES E DESMARCAÇÕES

Maria Aparecida: mas conseguimos e seu eu precisar de alguma coisa eu entro em contato com você para a gente rever eu vou transcrever, depois se você quiser ler eu passo para você

Marcia por mim tudo bem

Maria Aparecida: fiquei feliz em saber do seu crescimento, hoje trabalhando na escola, essa relação que você tem com a mesma.

APÊNDICE 2 - Transcrição da entrevista da Maria das Graças em 28.05.21.

Maria das Graças Alves Cavalcante

Data de nascimento:06/08/1962

Escolaridade: Quinta série (Ensino fundamental incompleto)

Função: do lar

Autorização do nome? Sim

Maria Aparecida: Oi, hoje eu estou aqui na casa da Graça pra fazer uma entrevista, a Graça ela foi uma das nossas colaboradoras no projeto Articule e ela vai falar um pouquinho sobre ela, quem ela é, o nome dela, escolaridade... Fica à vontade tá, Graça? Pode falar.

Graça: Boa tarde, Cida meu nome é Maria das Graças eu participei do curso. Eu moro aqui na comunidade Marcílio Dias. Eu sou nascida em 6 de agosto de 62.

Maria Aparecida: Qual a sua escolaridade graça?

Graça: Quinta série quinta série.

Maria Aparecida: Quinta série?

Graça: Quinta série só.

Maria Aparecida: Você veio de onde?

Graça: Campina Grande.

Maria Aparecida: Mas você veio direto pra cá pra comunidade aqui?

Graça: Não, quando eu casei e fui morar em Campo Grande. Morei em Campo Grande um tempão. Depois voltei pra Campina Grande depois voltei pra aqui de novo. aí quando eu vim de lá vim morar aqui na Kelson.

Maria Aparecida: E quanto tempo você mora aqui?

Graça: Tem uns 22 anos

Maria Aparecida: 22?

Graça: ou mais. Quando eu vim pra aqui meu filho tinha uns 6 anos, o mais velho.

Maria Aparecida: Ele está com 30?

Graça: Fez 30 Em fevereiro 26.

Maria Aparecida: Então tem 24 já.

Graça: Já faz 24 então já né muito tempo?

Maria Aparecida: E me diz uma coisa hoje você tem quantos anos?

Graça: tenho 57 anos

Maria Aparecida: 57! Então... você trabalha fora graça?

Graça: Não, eu tomo conta de criança em casa. Trabalhar fora não trabalho não.

Maria Aparecida: E com essa pandemia como é que está sendo pra você tomar conta dessas crianças?

Graça: Não, por enquanto eu só estou com uma eu tinha três, mas aí as mães foram embora ou saíram do trabalho e eu estou até com um, está lá no quarto -vem cá Enzo pra tia conhecer você-.

Maria Aparecida: Que legal! Então me diz uma coisa, como é que foi, Graça, sua experiência em relação ao projeto ArtCuli? -Hm que menino bonito. Esse é o Enzo? Tudo bem, Enzo?

Graça: - tia está fazendo uma entrevista aqui. - Esse aqui que eu tomo conta. O que você perguntou?

Maria Aparecida: Como é que foi sua experiência em relação ao projeto?

Graça: Ah foi ótima pra mim, foi muito bom. Eu só parei porque não tem condições de dar andamento né não estava com dinheiro pra comprar os tecidos pra fazer os panos de prato pra pintar, tudo isso. Foi mesmo naquela crise, depois começou aquela crise como é que eu ia? Nesse tempo não estava nem tomando conta de criança, estava fazendo nada... só o marido trabalhando aí não deu. Mas bem que eu gostaria de [...] Foi uma experiência muito boa que eu tive, muito bom.

Maria Aparecida: Lá com as meninas né?

Graça: É... foi ótimo, foi ótimo! Depois começou aquele curso que a gente... lembra? Da... Bolo...

Maria Aparecida: Da culinária. Depois foi o artesanato?

Graça: É depois parou artesanato e foi a culinária, aí também parou, não deu mais andamento. Mas eu gostei as duas experiências pra mim foi ótima.

Maria Aparecida: Então você acha que o curso, quando finalizou ele não deu sequência porquê?

Graça: Não sei se é porque a gente paramos no tempo não andamos mais atrás... Acho que foi isso... falta de interesse também né... das pessoas que fizeram né? Porque eu acho que é assim as pessoas daqui quando começa "ah vai ter um curso ali". As pessoas corre tudinho se escreve. Umam participam, outras não participam e depois não dão mandamento, param... eu acho que é isso.

Maria Aparecida: Então, Graça, além da experiência que você já apresentou, como foi a sua infância?

Graça: Minha filha da minha infância tenho pouca lembrança porque eu morava em sítio né quando eu morava lá na... Campina Grande é cidade, mas aí eu morava num sítio chamado massapê. Então eu trabalhava na roça meu pai também trabalhava na roça e experiência que eu já não me lembro muito, não foi muito boa não

Maria Aparecida: Não foi muito boa?

Graça: mas aí crescemos lá... Quer dizer, pouco estudo, meu pai não deixava a gente estudar porque tem que trabalhar na roça né... depois eu estudei ainda por força de vontade né, aí quando eu estava na quinta série eu já estava com 22 anos... não 21 por aí... aí parei pra casar, aí deixei a escolhe casei com 22 anos.

Maria Aparecida: Só tinha você de filha?

Graça: filha não, minha mãe teve 16, aí morreu seis, criou 10 né.

Maria Aparecida: Quantas meninas?

Graça: deixa eu ver... Cinco mulher. Seis que tem uma em Recife. tem duas falecidas tem uma Recife e tem quatro aqui. Duas falecidas não, tem três porque eu perdi uma irmã tem sete anos que morava aqui no rio e foi morar em João pessoa né aqui eu tenho quatro mulher só que irmão homem só tenho em João Pessoa também. Porque o que morava aqui também faleceu. Aqui mesmo é... eu moro aqui tem uma em Jacarepaguá e duas na ilha. São quatro, entendeu?

Maria Aparecida: A escola marcou a sua vida? Em algum momento?

Graça: Marcou. Eu gostava de estudar eu tinha... eu era assim... de vez em quando eu fico me perguntando “aí meu Deus porque eu parei de estudar pra casar?” porque eu era uma pessoa que pegava muitas coisas, assim, gostava de escrever gostava de ler entendeu? mas era aquele processo, você trabalhava... trabalhava com meu pai até mais ou menos 1 hora, quando dava 1h30 eu tinha que sair pra ir pra escola aí eu estudava de duas às cinco, por aí, aí quando chegava em casa de noite era luz de candeeiro, aí tinha que fazer os trabalhos foi uma coisa sofrida mas eu gostava entendeu? Parei só por isso mesmo por esse motivo de... não levei a sério os estudos e parei pra casar né... só... aí depois com 22 anos vim pra morar aqui no Rio e não continuei mais na escola, parei. Mas aí pra mim foi bom. Estudar uma coisa que... eu falo muito com os meus filhos tanto com o primeiro quanto com o segundo... meu primeiro filho estava fazendo, começou a fazer faculdade de direito aí depois parou “ah mãe, mas é porque estava muito difícil não sei o que” ele trabalhava na Cândido Mendes antes dele... Ficou quatro anos lá. Aí quer dizer, depois parou também... você sabe como é que é né a gente fala e tudo, mas eles não querem saber “olha estude porque eu sei como é que é”. O estudo me

faz muita falta, Cida. Agora, se eu tivesse estudado né (...), mas a gente tem estudo hoje não é ninguém.

Maria Aparecida: Como foi que você conheceu o projeto ArtCuli, como que você conheceu, ficou sabendo?

Graça: Ué foi através de você né? Da igreja (...) tu lembra que a gente participava lá na igreja e você... Aí um dia você chegou, me convidou, veio aqui falou “ah graça vai ter um curso vai ter um projeto lá na igreja mesmo dá pra você participar” aí a gente foi, lembra?

Maria Aparecida: Lembro.

Graça: Não lembro mais os dias que era duas vezes na semana né?

Maria Aparecida: Era duas vezes na semana.

Graça: A gente ficava lá, tinha lanche, tinha palestra, era bom demais a bagunça né?! Aprendemos bastante coisa, foi muito bom. Eu sinto saudade daquele tempo.

Maria Aparecida: Sente saudade?

Graça: Eu sinto.

Maria Aparecida: O que que você sente? Saudade de que?

Graça: Eu tenho saudade de você, do que eu aprendi lá, de tudo, das amizades que a gente fizemos lá, foi bom demais.

Maria Aparecida: Como é que está sua vida depois do projeto?

Graça: Parada né?! Porque depois desse... Eu só fiz esse mesmo, esse curso depois não fiz mais nada. Aí primeiro, também, tinha um curso aqui naquele postinho da associação, só que eu estava com problema muito sério na vista, não sabia o que que era, aí não tinha como, não estava enxergando. Aí eu fiz um exame, fiz exame de vista, fiz o óculos. Quando eu botava o óculos no rosto, óculos embaçado, aí eu voltei no oftalmologista, eu fiz essa consulta lá em Madureira. Aí o rapaz falou: “não, mas essa consulta está certa, não tem nada de errado aqui” mas aí eu boto óculos e me sinto mal em vez de me sentir bem. Aí ele falou assim: “vem na minha ótica que eu vou mandar o rapaz aqui, fazer, repetir o exame. Quando o rapaz olhou, o rapaz de mais ou menos 25 anos, quando ele fez, quando ele examinou minha vista, ele falou “olha só dona Maria, a senhora está com problema no olho esquerdo, a senhora levou alguma pancada?” eu falei assim: “Não, não me lembro que eu levei uma pancada nenhuma”. “Mas aí eu não tenho aquele aparelho de fazer o fundo de olho, você vai ter que procurar um hospital pra fazer o exame. É por isso que você não está... seus óculos não está adaptado com o seu grau” Entrei em pânico. Fui lá pra Santa casa, clínica Santa casa, cheguei lá

quando... fui cedo... paguei porque a consulta é paga lá... cheguei lá o médico olhou pra minha vista, o médico falou: “você está com catarata nas duas vistas” aí eu “ah não dr... esqueci o nome do médico... não estou acreditando doutor” “está... o seu olho esquerdo está muito sério e o direito também já está nele também” Cida, era uma bola branca no meu olho desse tamanho... eu olhava assim não enxergava nada só vulto, com esse aqui enxergava um pouquinho mais que o outro, mas com esse eu não enxergava nada.

Maria Aparecida: Por isso, que está clarinho o seu olho agora!

Graça: Aí entrei em parafuso né... cheguei aqui falei pro meu marido, ele falou “se está com catarata vamos...” Aí médico falou assim “na semana que vem eu venho aqui porque a gente faz os exames e pra marcar pra fazer a cirurgia, que isso aí só cirurgia. Remédio não adianta nada. Aí eu falei assim: “pra mim voltar pra fazer os exames tem que pagar a volta?” ele disse que “não, até 30 dias você tem direito pra voltar aqui pra gente pedir os exames e você fazer os exames -pagos também-” aí eu pensei... na época eu acho que era 1700 cada vista. Eu não tinha condição de fazer né. Cheguei aqui falei pro meu marido aí ele disse “mas será que esse médico está falando sério mesmo?” eu disse: “poxa, eu estou sentindo porque eu olho pro mundo vejo tudo embaçado” e o médico fez exame de fundo de olho, é claro que é catarata. Aí ele disse: “eu vou te levar lá na ilha no médico que é Diretor do hospital do servidores que era amigo dele né, do meu marido que abastece lá onde ele trabalha. Vou te levar lá no Dr. Gilberto pra tu passa lá na consulta, aí fui. Quando cheguei lá ele olhou e disse: “não tem outra alternativa, você vai operar. Primeiro você faz uma vista, a primeira é esquerda e depois com tempo você faz a segunda” né... aí eu falei pra ele: “é Dr. Gilberto, eu operar tudo bem...” “a senhora tem medo de ser operada?” eu disse que não, que eu não tenho condições de pagar. Aí ele “isso aí a gente dá um jeito.” Né... Aí falou com meu marido, aí passou outro dia ele falou com meu marido olha o senhor me procura lá nos servidores, que ele é diretor de lá, ele é professor né lá dos outros médicos. “você me procura lá numa sexta-feira de manhã, 10h00 você vai ficar no quarto andar que eu vou atender vocês. Sua esposa não vai... vai operar você não vai pagar nada” olha como Deus é bom né?! Aí eu fui, saímos daqui cedinho chegamos lá quando deu umas nove e quarenta, por aí ele subindo com os alunos né? E já foi vendo a gente, ele já chamou a gente “vem cá” aí já tinha outra moça querendo falar com ele, ele só foi... chamou o médico lá “olha Dr. Carlos, essa paciente aqui é pra você, o estado dela é muito sério e você cuida dela pra mim... tem cuidado, bem cuidado mesmo” ele “está bom” sei que eu fiquei lá, fiz um monte de exames do olho e ai ele falou “vamos ter que operar, vai ser

rápido, faça os exames para o risco cirúrgico. Aqui vai demorar porque o sus demora muito mas se você tiver condições de pagar aí vai ser pago” paguei alguns, descolamento de retina pra ver a pressão do olho, tudo foi lá ultrassonografia, tudo foi lá mesmo, aí eu sei que se passou mais ou menos... nisso tudo foi quase um ano mas aí eu operei, operei a primeira aí quando foi depois fiz exames de novo o meu primeiro operei em fevereiro de um ano... isso foi em 2017 parece... não, 2016. Operei em outubro de 2016. Quando foi fevereiro de 2017 operei o outro.

Maria Aparecida: Mas, está limpinha sua vista.

Graça: Mas aí óó, o óculos tem um ano que eu fiz. Mas, no meio dessa pandemia já era pra ter ido um ano fez um ano mostra a médica ela disse que está ótimo troquei o grau que eu fiz antes não valia mais aí ela falou assim “olha só a sua vista, o seu óculos está ótimo... se você sentir alguma coisa você volta aqui” eu tinha que ter voltado lá em junho desse ano, só que com essa pandemia ninguém está atendendo, aí quando foi quinta-feira agora, aí eu liguei pra lá “olha eu sou paciente daí eu fiz uma cirurgia e já tem um ano que eu estou usando óculos meu médico falou que em um ano era pra mim voltar pra repetir a consulta” ela falou assim “olha dona Maria, Quando se opera catarata não fica não se dá dois anos tem pessoa que fica dois anos 2, 3 anos sem usar óculos sem trocar a lente, um perigo.

Maria Aparecida: Tem que ser de ano em ano.

Graça: Em um ano você volta. Falei “tá bom.” Aí é uma chatinha é que trabalha na recepção falou “ah dona Maria agora gente não... a gente está muito cheio não tem como marcar pra senhora não, mas me passa seus dados e seu prontuário que eu vou falar com a sua... Qual nome da sua médica que atendeu a senhor e passou seu óculos?” aí eu falei né... aí ela “ela vai ligar pra sua casa” eu estava esperando isso... não me ligou. Quando foi quinta-feira agora eu tive... eu me trato lá com endócrino né... quando foi quinta-feira, cheguei lá estava marcada pra uma hora cheguei lá era mais ou menos 11h30 tirei o cartão peguei o número tinha cinco pessoas, quatro pessoas na minha frente. Falei “vou lá no quarto andar falar” e chegar no guichê eu vou falar... cheguei lá... Tinha 3 pessoas trabalhando, aí eu esperei aí a moça me chamou e eu falei “olha só eu sou paciente daqui, fiz cirurgia catarata já tem um ano que eu estou usando óculos estou precisando trocar, liguei pra aqui e disseram que iam me ligar, até agora não me ligaram. Eu quero saber qual resposta de vocês.” aí ela disse “me dá seu cartão” aí eu falei “ih... meu cartão está na clínica médica.” Que o cartão fica na clínica médica, e ela

falou “não tem problema não, então me dá a sua receita” né?! dos óculos... aí eu fui dei a ela e já marcou para segunda-feira.

Maria Aparecida: Ah! que bom!

Graça: 8h00 da manhã se Deus quiser vai ter que estar lá pra fazer outro exame pra ver como é que está, mas eu tô achando que já tá um pouco... Já tá ruim de enxergar sem ele.

Maria Aparecida: Então único projeto que você participou foi o ArtCuli?

Graça? É.

Maria Aparecida: Depois não participou de mais nenhum?

Graça: Não, de nenhuma.

Maria Aparecida: E ele contribuiu na sua vida cotidiana alguma coisa?

Graça: O que?

Maria Aparecida: O projeto. Você acha que contribuiu?

Graça: Contribuiu sim, Só que eu parei né, porque, como eu te falei não tinha condições de comprar material pra fazer. Sim, o crochê... eu comecei a fazer aquelas trancinhas, mas como é que eu ia fazer também, sem vista? Aí eu falei “depois que eu voltar, que eu me recuperar...” quando fui ali no... disse “ah não tem, não tem... tudo completo... só final de ano” que era final de ano agora... eu ia me inscrever para aprender outras coisas, né?! mas aí com a pandemia parou tudo.

Maria Aparecida: E por que você quer vender aqui, Graça?

Graça: Porque eu quero sair daqui. Eu tenho vontade de sair... perto do meu filho, vontade sair daqui... não que eu tenho o que falar daqui não... porque em vista de outras comunidades, aqui é até calmo né..., mas eu tenho vontade, meu filho também tem vontade de sair porque ele pensa em estudar, fazer faculdade... Chega aqui ele já... está estudando de noite né?! começou ano passado de noite lá no Heitor Lira porque não encontrou vaga durante o dia.

Maria Aparecida: Pertinho lá de casa, o Colégio Heitor Lira.

Graça: É o Heitor Lira pertinho, mas é um pouco perigosinho né...

Maria Aparecida: Ele vai a pé?

Graça: Ele vai a pé com um coleguinha dele, mas mesmo assim né... o problema não é tanto a ida, o problema é a volta. As vezes nunca se sabe...

Maria Aparecida: É aqui ainda tem essa dificuldade de educação?

Graça: É tem dificuldade de educação. Não tem... aqui na verdade não tem nada né supermercado aquele que você sabe que tem não evolui nada... creche tem aquela da...

Maria Aparecida: A creche do pastor?

Graça: É do pastor Andrade... é aquela mesma e só. Acho que tem outra... tem a da Neide também. Tu lembra da Neide né?

Maria Aparecida: Sim. Ela ainda fala comigo.

Graça: O marido da Neide teve COVID -19.

Maria Aparecida: Ele teve, a gente orou por ele também.

Graça: Ele ficou bom?

Maria Aparecida: Ficou, graças a Deus, teve alta...

Graça: Eu soube que ele teve também...

Maria Aparecida: Muita gente teve Covid...

Graça: Meu sobrinho também teve, que mora na... Jacarepaguá.

Maria Aparecida: E aqui está tendo muito Covid?

Graça: Tem, mas só que, assim, tem e as pessoas não falam né Cida?! E também, você vê... a maioria das pessoas aqui não se previne não, não usa máscara não. A van sai daqui pra fora e ninguém entra no supermercado, farmácia sem máscara, mas que que adianta chegar, descer do ônibus, tirar a máscara e anda esse pedaço todo... a gente não sabe quem tem não, é muito perigoso né?! Eu tava vendo hoje de manhã, acho que no Estados Unidos, tem uma nova onda dessa doença né... em nome de Jesus eu creio que não vai vim não..., mas a gente tem que ter medo né... porque é uma coisa que é muito séria leva muita gente né?! Muito difícil, muito difícil... Só Jesus para nos dar livramento porque não adianta você dizer assim “ah mas eu não tenho medo não” não vou dizer pra você que eu não tenho, porque eu tenho né?! Nem condição da gente se cuidar a gente não tem, no momento. Porque você vê os hospitais... Tem hospital só quem tem um bom plano de saúde..., mas quem não tem, minha filha, fica sofrendo aí já viu...

Maria Aparecida: É isso... Quem falou que te vê de vez em quando no mercado foi a Renata, e que às vezes te encontra?

Graça: É a Renata...

Maria Aparecida: mas ela falou: “Cida é muito corrido porque eu também quase não fico pra lá e pra cá, mas eu já vi a Graça umas vezes” e agora você me deu a notícia que a Dione não estar mais aqui? Nem Adriane?

Graça: É não tá mais aqui não nenhuma das duas. Quem mora aqui é a filha dela, da Diana, não sei se você conhece na filha dela.

Maria Aparecida: eu conheci uma que levava, uma mocinha?

Graça: era um menino que ela levava. Era o João.

Maria Aparecida: Tinha um menino e tem uma menina, uma Moreninha.

Graça: Uma moreninha, era Grazi.

Maria Aparecida: isso, Grazi que ela levava para o curso. É essa que mora aqui?

Graça: Não! a que mora aqui é Gabriela. Acho que a Grazi mora aqui na favelinha ela...

Maria Aparecida: Ela tem quantos anos, sabe me dizer? A Grazi?

Graça: A Grazi sei não...

Maria Aparecida: Eu lembro dela e do João, eu lembro deles dois.

Graça: A Grazi teve um filho.

Maria Aparecida: Também?

Graça: Quem cria filho dela é Dione. Eu acho que o menino está com os quatro anos já o filho dela, filho da Grazi.

Maria Aparecida: Sempre trabalhando a Dione...

Graça: Não sei se ela está trabalhando agora, ela tava no mercado, agora não sei

Maria Aparecida: Então assim... a gente pode entender que o projeto foi bom?! só não teve...

Graça: Só não teve continuidade né... parou...

Maria Aparecida: É, mas se você tivesse condições você teria dado continuidade?!

Graça: Com certeza.

Maria Aparecida: eu tenho ouvido muito isso “se eu tivesse tido condições eu tinha dado continuidade” então acho que o que mais impediu aí foi a questão...

Graça: Financeira né...

Maria Aparecida: Financeira, é verdade! Então, Graça, foi bom, poder te entrevistar, saber um pouquinho da sua história, que você veio lá da Paraíba.

Graça: É... já estou com quantos anos aqui?

Maria Aparecida: 24, que a gente falou?

Graça: Não, aqui, mas que eu saí da Paraíba tem mais 30, agora esqueci... 35 já... é, porque eu fiz 35 anos de casada, 36. Em setembro dia, 6. Sai de lá com 22 anos estou com 57 né... É um bom tempo aqui no Rio.

Maria Aparecida: Mas você vê... na época que você estava no curso, você não trabalhava e agora você já criou um meio de ganhar ...

Graça: Eu... Aparecendo roupa pra mim, passar eu passo, passo roupa da menina da escola, da Jussara, da diretora. Você conhece ela também né? Aí vendo meus picolés em

casa, meu sorvete... aí eu ajudo um pouquinho né? não ajuda tanto você sabe que as coisa está demais né, o custo de vida não tá fácil não..., mas dá pra ir levando...

Maria Aparecida: Então, obrigada pela sua fala? E se eu precisar de alguma coisa eu vou te ligar. ok? Graça: Tá legal!

APÊNDICE 3 - Transcrição da entrevista da Renata Muniz em 28.05.21.

Renata Muniz da Silva Almeida

Data de nascimento:06/12/1980

Escolaridade Ensino fundamental incompleto

Autorização do nome? Sim

Função: do lar

Maria Aparecida: Oi hoje eu estou aqui na casa da Renata, né, ela foi uma das colaboradoras do nosso projeto e ela vai falar um pouquinho sobre ela, vai se apresentar... Fique à vontade, Renata?

Renata: Boa noite! meu nome é Renata Muniz da Silva Almeida, minha data de nascimento é seis do dez de mil novecentos e oitenta, né, e como que eu vou começar a falar? Até que minha infância foi bastante tranquila né? Eu não nasci aqui, nasci ali no Morro do Cruzeiro. Viemos pra cá, eu vim pra cá com oito anos... que minha mãe trabalhava aqui no Barracão, onde é a Gonzaguinha, era um barracão azul, né, Grandão... sede da prefeitura. Então a gente acordava, né... muito cedo pra vir pra cá, tanto que eu não aproveitei muito. Eu ficava muito mais na creche, chegava da escola e ficava mais na creche, ali quando chegava, já a noite pra dormir, pra retornar no dia seguinte... era muito, muito... aí do nada minha mãe, devido a violência lá que era muito coisa né... ai minha mãe resolveu morar aqui e nisso aqui também foi bem tranquila a minha infância fiz várias amizades né?! umas a gente fica triste que não se encontra mais aqui entre a gente né?! tomaram uns caminhos diferentes e tudo... Mas foi bem tranquilo, foi bem tranquilo.

Maria Aparecida: Como é que foi sua escolaridade? Assim, como é que foi sua questão na escola, sua relação com a escola?

Renata: Eu repeti muito né.

Maria Aparecida: sério?

Renata: eu repetir muito, assim, só fui só até a quarta série e tudo..., mas foi bem, não sei devido isso, tirava pouco tempo pra estudar porque minha mãe chegava da creche, tinha que ficar com ela até o período. Minha mãe ficava o dia todo. Então a gente ficava mais brincando lá e tudo, mas foi bem... Eu fui muito ruim, fui muito ruim no colégio.

Maria Aparecida: Você sente falta de estudar?

Renata: sinto! sinto! Sinto né?! Porque é igual meu filho. Meu filho mesmo terminou os estudo tudo, acho bonito, ele coisa, ele quer que os irmãos, também termine, eu vejo

que ele “não mãe, não sei o que...Tem que botar eles pra estudar” ele mesmo me chama atenção. E eu digo: “Opa! quem é a mãe?” Não, mas ele não quer ver né, ruim né, ele quer vem o bem pros irmãos também. Como ele terminou, ele quer que os irmãos, também termine.

Maria Aparecida: Ah! legal e me diz uma coisa: você está trabalhando hoje Renata fora ou com alguma coisa?

Renata: Não. Só ajudo meu esposo, no lava à jato só, só isso. Aí quando chove, aquela prova... entendeu? Aí quando tem sol Deus abençoa. Igual hoje, hoje a gente não fomos porque ele passou mal, sentir dor forte no peito e eu com essas dorezinhas chatas, né?! até que hoje a gente trabalho um pouquinho. Porque aproveitamos que apareceu alguns clientes. Até hoje mesmo apareceu, mas não deu pra gente ir. Por que é eu ajudando ele, enquanto ele entrega carro lá no final do seu mercado São Sebastião, eu vou agitando pra não deixar parado... é um ajudando... porque a nossa redenção é essa. Só essa. Se separar acabou, entendeu?

Maria Aparecida: Entendi.

Renata: é isso aí, até porque não dá pra botar outra pessoa por que não [...] pra botar outra pessoa e pagar pouco? Não é justo. Então, é uma renda que é pra ser pra dentro de casa mesmo, que a gente faz, pra... em... dentro de casa mesmo.

Maria Aparecida: então fala pra mim um pouquinho da sua experiência em relação ao projeto ArtCuli. Fala um pouquinho da experiência que você obteve?

Renata: Foi muito boa! aprendemos... Aprendemos bastante coisa lá! e tudo... pena que não deu pra mim continuar fazendo devido a correria do dia a dia, essas coisas..., mas, aprendemos bastante coisas, sinto falta, assim, do curso né?! Queria que continuasse mais, mas Deus sabe todas as coisas.

Maria Aparecida: Como é que você ficou conhecendo o projeto, Renata?

Renata: Foi devido ao Gonzaguinha, se não me engano.

Maria Aparecida: A escola né?

Renata: é a escola, escola Gonzaguinha.

Maria Aparecida: por que que você procurou o projeto?

Renata: não, eu achei, tipo, interessante, né?! Pra ocupar um pouquinho a mente também, né?! Que até que no momento eu não estava trabalhando. A gente fazia... Ficava eu e meu filho lá... então pra ocupar a mente até pra aprender mesmo. Aí eu me interessei.

Maria Aparecida: Fala um pouquinho das lembranças que o projeto traz para você. Quais são as lembranças que ele traz e que lembranças são essas?

Renata: São lembranças, muito boa! né? Porque ali eu fiz várias amizades, pessoas que eu nunca imaginei, né? Como você e o pastor, né?! A Dora... Como eu sinto saudade da Dora também... Então foi lembrança boa, muito boa mesmo... fiz muita amizade, né?! Criamos uma família.

Maria Aparecida: Fala como foi a sua vida antes do projeto e depois do projeto.

Renata: Ali eu aprendi que com força de vontade a gente consegue várias coisas, a gente aprende. É só a gente ter o querer e a vontade, a gente consegue aprender, assim, as coisas que a gente, tipo assim, só fica parado quem quer né? Só fica parado quem quer, porque tem, você sabendo fazer as coisas, você ganha o seu próprio dinheirinho, entendeu? É isso que eu acho.

Maria Aparecida: Então hoje depois do projeto você se sente como?

Renata: Não, eu sinto, assim, falta, né?! De ocupar a mente. Até que também é correria do dia a dia, tem a minha família, e a minha igreja e tudo e tem esse trabalho que tem dia que não tem hora pra chegar... então é uma coisa que pelo menos dá pra ocupar a mente um pouquinho ainda mais devido a tantas coisas que está acontecendo, já que, tipo assim, o projeto é bom que você ocupar a mente... que aquilo ali você vai viajando vai, vai esquecendo algumas coisas... Uma terapia, né?! alguma coisa assim.

Maria Aparecida: O projeto contribuiu para você em alguma coisa?

Renata: Assim, eu aprendi algumas coisas, né? mas não deu pra mim levar a mais, tipo assim, pra vender, pra ganhar um dinheirinho, porque falta mesmo de tempo, correria, essas coisas... Eu tive que já passar pra outra parte pra estar ajudando ele, porque ele também não pode ficar lá sozinho, né? Ficar lá sozinho, então eu ajudo. Porque também não tem condições de pagar uma pessoa, né? E também, ainda mais ele que ele fica ali na frente que é mais arriscado devido à situação de saúde dele, ele não pode, é muito cansativo, então, tipo, ajudo ele.

Maria Aparecida: E o que projeto significou para você?

Renata: Muitas coisas, muitas coisas... Ali a gente, por exemplo, a gente cria uma união querendo um ajudar o outro, a ensinar, a botar... “não assim... assim fica mais bonitinho, assim não sei o que...” uma ajudando a outra. Eu gostei muito. Pena que ainda não voltou.

Maria Aparecida: Agora me diz uma coisa Renata... É... Quando que você chegou aqui em Marcílio Dias, em que ano? Você se lembra, mais ou menos?

Renata: Poxa! Cida!, olha só, eu vim morar aqui mesmo eu tinha oito anos, hoje eu estou com 40.

Maria Aparecida: Então, tem 32 anos.

Renata: Sim, mas antes disso eu já cheguei a morar mais lá na frente porquê? Porque devido alguns problemas, negócio lá era muito violento, então a gente veio morar um pouquinho tempo aqui, aí voltamos pra lá, porque a gente tinha uma casa lá e voltamos. Mas morar mesmo aqui eu tinha, o que? Uns 7, 8 anos. É, por aí, uns 7, 8 anos, por aí. Eu me lembro que a festa de oito anos foi aqui, por aí. Mas sempre a gente ficava e vinha...

Maria Aparecida: Você gosta de morar aqui, Renata?

Renata: Gosto porque, tipo assim, aqui é uma favela, uma comunidade, pra quem já mora aqui, tranquila pra viver em outros lugares, mas se eu tivesse condição eu sairia daqui, entendeu? Quem não queria? Eu sairia. Às vezes eu fico até brincando com a minha vó “ah queria voltar pra cá” porque lá no morro do Cruzeiro. “Ah! vó eu gosto daqui, eu gosto daqui”! mas se tivesse condição mesmo eu sairia daqui, até porque, até por ser uma favela meio calma, eu sairia se tivesse condição. Quem não queria?

Maria Aparecida: Você tem quantos irmãos, no total?

Renata: Tipo de parte de pai e de mãe? Ou só...

Maria Aparecida: Aí eu não sei como é que essa constituição familiar... me explica isso.

Renata: Por parte de mãe era duas, parte de mãe era três, mas uma faleceu tem uns cinco anos e pouco... e parte de pai tem um irmão. É... parte de mãe duas irmãs e um irmão e uma faleceu né? Parte de pai um irmão.

Maria Aparecida: Entendi. Você tem quantos filhos, Renata?

Renata: três.

Maria Aparecida: três? E eles não trabalham ainda?

Renata: Ele estava como jovem aprendiz aqui no princesa, mas aí o contrato acabou. Aí ele tá em casa. Esperando Deus abrir uma porta. Ele estava até falando, ontem mesmo, ele estava falando do negócio do... que a gente tava conversando... aquela palestra que teve lá com aquela turma... Eu falei que achava, que eu tava achando bonito as meninas, são jovens querendo futuro e tudo, aí ele até falou que ele queria entrar no de veterinário, mas só que lá na Unisuam não tinha, até mandou eu ver, aí você indicou, mandou eu ver em outras áreas. Ele estava falando. Eu falei assim “Agora? Deus já ia abençoar, você não quis, que não sei o que...” ele: “não, vou ver outra coisa”. Por quê? Porque fica muito complicado, acho que se a gente tivesse um, tipo, um curso melhor

ele teria ficado ali no... Aqui mesmo, aqui do ladinho. Só que o contrato acabou e mandou embora os jovens.

Maria Aparecida: Entendi. Então, minha amiga. é isso, viu? Não doeu... Viu? Você fica nervosa...?

Renata: - (ela falou em um tom de brincadeira com seu esposo): “Faz um cafezinho aí Aloísio”. E perguntou a um dos filhos: Ele está fazendo?

Maria Aparecida: na entrevista vou registrar o que está no vídeo. Sua fala: “faz um cafezinho aí Aloísio” (risos). Então, Renata, obrigada pelo seu tempo! Muito bom rever você depois de sete anos do projeto. Já que o projeto foi em 2013. E voltando agora revendo vocês, isto é, algumas e ao mesmo tempo sabendo que outras não moram mais aqui.

Renata: É, a Edione...

Maria Aparecida: É... E a Adriana também não mora mais aqui.

Renata: A Edione eu vi ela, lá na escola Souza Carneiro, até eu dei zap e tudo, conversei com ela.

Maria Aparecida: A Edione eu estava conseguindo falar com ela no WhatsApp. Agora tem que marcar com ela um dia porque ela trabalha com comércio. Certo? Até aos domingos..., mas eu vou conseguir falar com ela. Se eu precisar de alguma coisa vou falar com você pelo WhatsApp. ok?

Renata: Tá.

APÊNDICE 4 - Transcrição da entrevista da Doraci Gonçalves em 19/12/2021

Doraci Gonçalves da Silva.

Data de nascimento: 22/12/1956

Escolaridade Segundo ginásio

Autorização do nome? Sim

Função do lar/ artesã

A entrevista com a colaboradora Dora foi realizada no dia 19/12/2021.

Maria Aparecida: Boa tarde!

Dora: Boa tarde!

Maria Aparecida: Hoje, dia 19 de dezembro às 15h50, estou na casa da Dora para fazer uma entrevista, e ela vai estar se apresentando nesse momento. Falando seu nome, sua data de nascimento, idade... Vamos lá... Dora você está com a palavra. Boa tarde! é um prazer, assim participar dessa entrevista, eu me sinto muito honrada, assim, pelo privilégio de estar aqui falando com vocês e também estar compartilhando esse sobre a minha vida, assim, algumas coisas, assim, da minha vida dos meus dia-a-dia, dos meus trabalhos que eu amo fazer e é isso.

Maria Aparecida: Qual o seu nome?

Dora: Doraci Gonçalves da Silva.

Maria Aparecida: Qual a data do seu nascimento?

Dora: 22 do 12 de 1956. (o celular tocou nesse momento)

Maria Aparecida: Então você já está com [...] (Ela de imediato me interrompeu e respondeu)

Dora: Vou fazer 65.

Maria Aparecida: 65?

Dora: Vou fazer essa semana.

Maria Aparecida: Que legal! 65! E sua escolaridade? Você estudou até que ano, Dora?

Dora: Eu fiz, naquela época que era ginásio né, eu fiz o segundo ginásio.

Maria Aparecida: Muito bem! [...] Você autoriza a divulgação do seu nome no trabalho?

Dora: Autorizo! (risos)

Maria Aparecida: podemos colocar seu nome divulgado na pesquisa?

Dora: Sim será um prazer...

Maria Aparecida: Então eu queria que você falasse de onde você veio, onde você foi criada, aonde você nasceu... falar um pouquinho...

Dora: Bom eu nasci em São Cristóvão porque eu morava na Tijuca, mas fui criada em Paraíso - Magé e mudamos pra lá eu tinha uns 7 anos.eu, eu sou de uma família grande, assim, de 10 irmãos comigo e vivemos uma vida, um período muito difícil... 10 filhos e tal... e quando eu cheguei na minha adolescência e eu comecei a brincar de boneca, mas de boneca trabalhando pra boneca... fazendo roupinha de boneca pra vender pras minhas amigas.(risos) Desde criança eu tinha esse dom (risos)de inventar as coisas e ir fazer e com isso eu fui criando, assim, essa afinidade por trabalhos manuais e eu nunca falei que era impossível, que eu não conseguia... nem que eu desmanchasse fizesse tudo novamente... e foi assim que eu fui, comecei a minha trajetória da minha vida com os meus trabalhos manuais.

Maria Aparecida: Você trabalha fora?

Dora: Não! Não trabalho fora. Eu sou do lar, mas trabalho em casa com os meus artesanatos, vendendo.

Maria Aparecida: O que que você faz hoje, Dora?

Dora: Bom, eu estou fazendo crochê, confeccionando pra peças de crochê e sandálias bordo sandálias essas coisas.

Maria Aparecida: Quanto tempo já você atua nessa área de artesanato?

Dora: Bom, comecei com [...], na verdade, devia ter uns 10 anos, fazendo algumas coisas, como eu falei né... antes sobre o trabalho, assim né, de confeccionar roupinha de boneca e depois optei por crochê. Eu queria muito aprender a fazer crochê e naquela época meu pai não tinha condições, eu não tinha nem como comprar uma agulha e um rolo de linha e naquela época eles não tinham visão que tem hoje né, do artesanato né, meu pai não tinha essa visão como é hoje artesanato. Eu queria muito uma agulha de fazer crochê e eu peguei uma vareta de bambu escondido do meu irmão, que ele fazer pipa, eu peguei uma vareta de bambu, (risos) olhei as agulhas das minhas amigas e fiz um ganchinho e foi minha agulha de crochê.

Maria Aparecida: Sua primeira agulha?

Dora: Minha primeira agulha! Agora, a minha linha foi, naquela época tudo que se comprava se embrulhava com papel e amarrava com barbante. Quando meu pai comprava pão que vinha aquele embrulhão de pão que era pão pra 10 né, vem aquele embrulhão de pão, eu pegava aquele barbante e ia juntando, ia emendando um no outro, fiz um rolo e daquele rolo com aquela agulha de bambu eu vendo as minhas amigas fazer eu ficava perto delas, elas não queriam me ensinar, aí eu ficava olhando, aí eu fui por ali que fui dando os meus primeiros passos, fazendo meus primeiros Pontos... errava e desmanchava, até hoje não me importo... se estiver lá na frente tiver errado, eu

voltar atrás e refaço pra fazer perfeito né... aí foi assim que eu comecei. Aí um dia meu pai me deu um dinheirinho, eu corri comprei uma agulha, não dava pra comprar a linha, aí minha irmã trabalhava no serviço que ela ganhou um rolo de linha, ela falou “ah vou jogar isso fora, não serve pra nada” aí eu falei “ah me dá pra mim” aí ela me deu e daí eu juntei de novo com as minhas amigas, fiquei olhando elas fazer e fui aprendendo os pontos... ali com elas depois foi, consegui ir montando alguma coisa nos pontos que eu aprendi, e dali pra frente nunca esqueci de fazer o crochê.

Maria Aparecida: E me fala um pouquinho, da sua família. Você tem filhos?

Dora: tenho, tenho um casal de filhos. Estão casados... tenho minha filha, tenho meu filho e sou viúva né... infelizmente Deus levou meu companheiro... Eu, praticamente depois que ele se foi eu sobrevivo mais do que eu faço, meus crochês, meus artesanatos, pintura de tecido que eu até esqueci de falar né... tudo que se fala de artesanato eu amo, eu gosto.

Maria Aparecida: eu percebo que quando fala sobre artesanato você fica emocionada, muito emocionada?

Dora: eu fico, eu fico emocionada, assim, por tudo que eu já passei, minhas situações, assim, que eu passei, mas eu nunca desisti, assim, de acreditar né?! que era pra insistir, vai vim dias melhores vai vir dias melhores sempre, pensar assim... não pensar negativo, assim, que eu não consigo, que eu não posso... isso aí eu não aceito, e assim, se a gente tiver força de vontade e fé em Deus tudo prospera né?!

Maria Aparecida: Se você chorar eu vou chorar também... (ela ficou com os olhos cheio de lágrimas)

Dora: É, porque eu vivi um momento, assim, muito difícil de uns seis anos pra cá, foi quando meu esposo faleceu, infelizmente eu não tive direito a pensão, eu tive que ficar vivendo, me deu uma depressão eu tive que parar de trabalhar, não tive mais força nem ânimo pra trabalhar, aí eu tive que optar em trabalhar em casa de família. Eu não tinha noção de como que era trabalhar fora assim, trabalhar na casa de uma pessoa, (passava as mãos nos olhos e seu olhar estava distante) não sabe o costume das pessoas eu estava acostumada com meus costumes, da minha casa, mas das pessoas eu não estava. Então não me adaptei muito bem, mas eu fui fazendo por onde, continuando porque eu precisava muito eu não tinha de onde tirar. (Ela ficou gesticulando com as mãos e bem acelerada). A minha filha não tinha condições de me ajudar, meu filho não tem condições de me ajudar eu não tinha pensão, não tinha nada. E eu naquela depressão não conseguia sentar pra fazer nada, então optei a trabalhar, trabalhar em casa de família. Foi quando eu fiquei doente, eu tive um problema, que eu tinha uma dor muito forte abdominal e aquela dor vinha tão forte que eu passava mal, eu desmaiava podia ser na rua, em qualquer lugar que eu estivesse eu desmaiava, quantas vezes eu desmaiei sozinha dentro de casa! Eu ia no banheiro quando eu voltava deitava na cama, quando ia ver já tinha passado um tempo e eu estava era desmaiada, sozinha dentro de casa. Então eu trabalhei nessa casa e lá eu passei mal aí eu liguei pra minha filha me buscar minha filha foi me pegar aí chegou lá eu tava muito mal aí eu peguei um ônibus com a minha filha pra vim pra casa a minha intenção era ir no Upa, mas não consegui chegar lá porque chegou lá passei muito mal dentro do ônibus e desmaiei aí quem socorreu foi uma viatura da polícia eles tentaram me reanimar e eu o tempo todo desmaiada. Depois

eles me pegaram e levaram pro hospital Souza Aguiar chegou lá eles fizeram os procedimentos e eu voltei melhorei mas aí eles falaram que eu tinha que fazer um tratamento pra ver o que que estava se passando aí quando Consegui atendimento fiz os exames e deu que era uma hérnia umbilical que estava causando tudo isso aí eu perdi meu serviço eu tive que pedir as contas porque eu não tinha condições continuar trabalhando e aí minha patroa falou que não tinha condições de ficar comigo doente eu estava tão desesperada que eu pedi as conta sem ter noção do que estava fazendo e fiquei de novo desempregada e doente foi quando a minha filha me apoiou muito me ajudou muito, os irmãos da igreja oraram muito por mim me dar o maior suporte um maior apoio e logo veio a pandemia e eu ali minha cabeça , assim, tipo Deus começou esclarecer muitas coisas, dizendo que eu poderia fazer alguma coisa foi quando eu voltei a ter animo pra voltar a trabalhar aí fui voltando devagarzinho e hoje eu estou aqui trabalhando de novo graças a Deus faço meus artesanatos vendo. E arrumei um companheiro que é uma benção na minha vida me ajuda muito e agora eu estou trabalhando novamente vendendo meus produtos minhas boticários. O boticário que eu revendo meus crochês as pinturas em de tecido não estou fazendo não porque eu tomo conta da minha netinha E ela não deixa eu fazer nada se não ela vai tomar um banho de tinta aí eu estou fazendo, mas o crochê.

Maria Aparecida: Como que você conheceu o projeto ArtCuli? você lembra?

Ah! Aí a minha amiga, Cida, Aparecida, ela é fã dos meus trabalhos e ela me fez a proposta se eu queria trabalhar lá na igreja né naquela congregava ela e o pastor esposo dela e me apoiaram no projeto fiz muitas amizades boas lá e até hoje não esqueço do que eu fiz lá eu poderia, eu queria ter continuado, mas as condições não permitiram teve que parar mas eu estou aqui, se precisar só chamar.

Maria Aparecida: Com certeza... E o seu interesse em participar do projeto como que se deu?

Dora: Essa semana eu até estava conversando com uma pessoa que eu tenho tantos dons tanta coisa que eu sei e tanta coisa gente precisando do jeito que eu precisei e preciso que hoje eu faço, eu consigo ganhar alguma rendazinha né muita gente precisa né e não tem oportunidade então eu fico pensando eu poderia ser uma dessas pessoas que poderia dar essas oportunidades as outras pessoas né porque não adianta eu ter as coisas só pra mim eu tenho que compartilhar com outras pessoas pra essas pessoas terem também a oportunidade da mesma forma que eu tenho.

Maria Aparecida: você mora aqui na Maré há quanto tempo?

Dora: eu moro aqui há quase 40 anos meus filhos eram pequenos quando eu vim pra cá quase 40 anos que eu moro aqui

Maria Aparecida: você gosta de morar aqui?

Dora: Eu gosto muito de morar aqui eu gosto muito

Maria Aparecida: você já falou da sua infância um pouquinho, mas você tinha alguma brincadeira preferida quando você era criança?

Dora: na verdade a brincadeira era essa que já falei, minha brincadeira era que eu gostava muito de brincar com as minhas amigas brincar de casinha de boneca e a gente arrumar as bonecas pra fazer a festinha das bonecas uma era cozinheira fazer a comida da festinha das bonecas e eu tinha que fazer roupa pra as bonecas se apresentarem na festa eu que era costureira das bonecas das minhas amigas eu tinha que fazer a roupa delas. (risos)

Maria Aparecida: E a escola você lembra de alguma coisa que te marcou? Como que foi seu período escolar?

Dora: É meu período escolar eu tinha um pouco de dificuldade no aprendizado acho que era por conta da bagunça mesmo que eu fazia

Maria Aparecida: você fazia bagunça?

Dora: eu era bagunceira aí depois que eu peguei mais idade meu pai me colocou (risos) contra parede falou eu tinha de via ter uns 15 anos eu estava na terceira série ainda. (fez gestos com os olhos, dando ênfase)

Maria Aparecida: com 15 anos?

Dora: com 15 anos aí meu pai descobriu que tinha um colégio lá em parada Angélica Padre Anchieta, que lá tinha ginásio também aí meu pai se informou que tinha curso de férias lá, que quem tivesse e passasse da terceira série que lá tinha esse curso de férias que a gente teria que estudar entre esses dois meses janeiro fevereiro depois teria uma prova um provão que se a gente passasse a gente já ia pro primeiro ginásio aí meu pai falou: “agora tu vai estudar, vai estudar eu vou pagar e você vai estudar”. Me colocou nesse colégio e me prometia todo dia que eu não passasse ele ia me bater (risos) aí sim eu fui dei conta do que era importante estudar né, aí levei bem a sério, estudei e passei... Com muito boa pontuação passei pro primeiro ano do ginásio aí comecei a ver assim né meu pai me elogiar as pessoas me elogiar E foi crescendo dentro de mim uma pessoa que eu não imaginava que existia como que eu era importante como é importante estudar aí fiz o primeiro ginásio o segundo ginásio. Depois baguncei de novo e saí da escola (gargalhadas) só faltava um ano pra terminar, sair da escola.

Maria Aparecida: Você não concluiu?

Dora: Não concluir. O ginásio todo pensar que é o segundo do ginásio e também era brincadeira lá na escola que eu não gostava dos meninos porque eu era evangélica aí a gente era tudo evangélicos e os menino que ficava fazendo bullying né porque a gente era evangélico. Quando eu tinha educação física que a gente colocava bermuda maior eles chegavam mexendo puxava mesmo da gente, puxava a saia da gente e aquilo tudo aí me traumatizou é por isso que eu não quis estudar

Maria Aparecida: Meu Deus!

Dora: aí eu não sei meu pai não sabia porque eu não queria estudar era por causa disso aí eu preferia apanhar, por isso eu saí da escola, mas não fui mais pra escola naquela época meu pai não tinha coitado tanta sabedoria pra sentar e conversar e eu me abrir eu

tinha medo até de falar com medo com ele o que que eu não queria estudar, aí eu sair da escola

Maria Aparecida: fala um pouquinho sobre quais são as lembranças que você trás do projeto, e fala como foi a sua vida antes e depois do projeto

Dora: bom minha vida antes do projeto era sempre assim trabalhando eu trabalho em outro projeto também na IBCB (Igreja Batista Central em Bonsucesso) que eu dava aula de pintura de tecido também e aquilo ali me animou muito aí quando eu receber esse convite pra ir pra Marcílio Dias né eu fiquei super animada porque é que o projeto tinha parado e eu fui muito feliz pra trabalhar nesse projeto então eu me sentia muito feliz em ver a felicidade das pessoas ali que está mais junto comigo aquilo ali me incentivava mais e mais e me dava muita alegria muita felicidade. Eram dias que eu falava que era um dia de paz felizes, que eu ia pra lá pra dar aula em ver as felicidades daquelas mulheres ali que estavam junto comigo foram muitas amizades boas que eu conquistei, e que eu não esqueço. O que eu vou guardar pra sempre no meu coração é a Aparecida me apoiando lá também e enfim foi muito bom!

Maria Aparecida: quem não esquece de você é Renata

Dora: também não esqueço da Renata. Não esqueço de ninguém lembro de todas elas então, foi uma coisa assim que ficou marcada pra sempre pra mim

Maria Aparecida: quando eu vou a Marcilio Dias elas perguntam: cadê a tia Dora?

Dora: às vezes, eu vejo ela (Renata) no face, às vezes ela comenta alguma coisa que eu coloco de artesanato ela sempre comenta eu sinto saudade delas.

Maria Aparecida: Então projeto contribuiu de alguma forma pra sua vida?

Dora ah sim, sim me incentivou mais ali eu imaginei eu ainda sei pouco eu ainda tenho que aprender mais ainda pra mim dar mais ainda de mim pra elas fazer por elas também a então eu comecei a assistir mais vídeos coisas assim interessantes assim sempre guardo isso na minha mente depois eu posso utilizar isso para abençoar outras pessoas também tem gente que tem dificuldade né? de ver o vídeo aprender pelo vídeo presencialmente até mais fácil pra algumas pessoas que têm dificuldade como eu tenho facilidade eu vejo muito vídeo pra aprender pra quando eu precisar eu já tenho a minha bagagem pronta pra ensinar

Maria Aparecida: o projeto significou muito para você

Dora: muito muito mesmo

Maria Aparecida: realmente dar para perceber, quando você vai relatando do que viveu no projeto fica até emocionada

Dora: Sim, sim, o projeto foi muito bom! muito bom mesmo! porque eu não tive incentivo como eu falei antes assim de família de ninguém e foi por minha conta própria mesmo que eu quis [...] fazer essas coisas assim de artesanato.

Maria Aparecida: o projeto na época tinha uma proposta de geração de renda, você hoje desenvolve esse trabalho e consegue através do seu trabalho desenvolver a questão da geração de renda?

Dora: sim graças a Deus é o que tem me sustentado às vezes está em queda mais melhor um pouquinho uma coisa aqui e outra ali, mas não desisto não.

Maria Aparecida: em relação a pandemia foi muito difícil para você?

Dora: Foi muito difícil! foi muito difícil! Foi a época mais difícil que eu passei já tinha saído do serviço né, eu estava doente e foi graças a Deus que me abençoou com a minha irmã trabalha na casa de um casal de médicos e minha irmã preocupada comigo falou que os patrões dela e eles conseguiram uma vaga pra mim me tratar e graças a Deus hoje eu estou... Eu fiz a cirurgia e estou recuperada.

Maria Aparecida: E você falou que precisou dividir a sua casa para poder gerar renda?

Dora: sim, sim, eu não tinha renda não tinha nada doente né eu não tinha ânimo nem pra trabalhar aí peguei minha casa tive que dividir pra fazer tipo uma kitnetzinho, pra gerar uma renda né aí foi quando veio esse auxílio emergencial que me abençoou muito também aí as coisas melhoraram um pouco pra mim.

Maria Aparecida você tem quantos netos?

Dora: Ah! acho que uns 13

Maria Aparecida: 13netos

Dora: 13 netos. Tem três da minha filha e o restante do meu filho e eu quando eu posso ajudar eu ajudo né! apoiando só não posso financeiramente porque não tem condições, mas apoiar conversar e ajudar em alguma coisa eu ajudo né

Maria Aparecida: você divide o espaço com a sua filha?

Dora: Ela faz unha, aí eu peguei o espaço que era garagem da minha casa eu dei pra minha filha construir um espaço pra ela trabalhar porque ela é manicure aí pra ela trabalhar. Aí aqui ela fez um salãozinho e uma lojinha que eu boto as coisas que eu vendo e tem o espacinho que ela trabalha, ela trabalha com depilação trabalhar com fazendo manicure e eu ajudo ela a olhar a menina menininho dela pra ela poder trabalhar

Maria Aparecida: ficou um espaço muito legal, foi muito bom poder ver como você depois de oito anos ainda continua trabalhando com artesanato e gerando renda a partir dos seus trabalhos manuais, enquanto artesã. Estou também feliz em saber que você está dando continuidade no trabalho realizado no projeto ArtCuli que iniciamos em 2013. E que gerou fruto. De acordo com as entrevistas anteriores eu achei que ninguém tinha dado continuidade, mas eu percebo que você está sempre pronta para levar aos outros o seu conhecimento. Eu quero te agradecer por me receber no seu espaço lindo maravilhoso muito fresquinho com ar-condicionado, televisão muito bem estruturado.

Quero lhe desejar boa sorte que Deus te abençoe muito. Agradeço por você ter feito parte do projeto comigo no ano de 2013. A próxima entrevistada será com a Janet

Dora: A Janete também vai participar?

Maria Aparecida: Sim. Vocês foram peças fundamentais para a execução do projeto. Mais uma vez quero lhe agradecer. E estou feliz em saber que você agora está numa nova etapa e com um novo amor. Como você disse: “ele é uma ótima pessoa, uma pessoa maravilhosa, e sempre pronto para te ajudar”.

Dora: é verdade!

Maria Aparecida: obrigada por me receber!

Dora: de nada precisar estou ao dispor.

APÊNDICE 5 - Transcrição da entrevista da Janet Magre em 20/12/2021

Janet Magre da Silva

Data de nascimento: 03/02/1963

Escolaridade: Ensino médio completo

Autorização do nome? Sim

Função: do lar

A entrevista com a colaboradora Janet foi realizada no dia 20/12/2021.

Maria Aparecida: Bom! Nós estamos aqui na casa da Janete, uma das artesãs que realizou trabalho conosco em 2013 e voltando depois de oito anos pra saber como é que estar a Janete. Sendo assim, ela vai falar um pouquinho dela neste momento.

Janete: Boa tarde, meu nome é Janete, sou nascida e criada aqui na maré, no Morro do Timbau né, especificamente, tenho 58 anos e por enquanto estou parada não estou fazendo nenhuma atividade e estou esperando alguma coisa né.

Maria Aparecida: Janete, como é que foi a sua escolaridade?

Janete: Bom, eu fiz o segundo grau completo, tentei faculdade duas vezes não passei aí parei.

Maria Aparecida: Não pensa em voltar a estudar?

Janete: Não.

Maria Aparecida: Então vamos lá... Como que você conheceu o projeto ArtCuli?

Janete: Conheci pela Aparecida que colocou esse projeto, aí nos incentivou, eu e as meninas a participar, foi através dela da iniciativa dela de querer levar pra uma comunidade um empreendimento.

Maria Aparecida: E como foi o seu interesse em participar?

Janete: O meu interesse em participar foi porque eu gosto de fazer, de trabalhar, culinária eu gosto muito, gosto de ensinar, gosto de conhecer pessoas... Foi mais pra conhecer pessoas que eu aceitei esse desafio. Não porque eu sou professora, porque eu nunca dei aula de nada.

Maria Aparecida: Fala um pouquinho da sua infância.

Janete: Minha infância foi sempre aqui, nessa casa dos meus pais, meu pai era militar e minha mãe era do lar, dois irmãos um já faleceu e outro está vivo. Foi muito bom, não tive um problema assim, de família, não tive nenhum problema, assim, de convivência com parente, com amigos, foi uma infância muito divertida e, graças a Deus, tranquila.

Maria Aparecida: E a escola na sua vida te marcou em algum momento?

Janete: A escola sempre marcou, sempre gostei de estudar, sempre, o primário, no segundo grau e tive bons amigos, professores ótimos, tive amigos e professores amigos mesmo, de trocar telefone... Eu gostei muito do meu período escolar.

Maria Aparecida: Você lembra de alguma brincadeira, preferida...

Janete: Ah... A minha brincadeira preferida(risos) era queimado. Eu jogava muito queimado no colégio, inclusive quebrei o braço do menino por causa da bola. Ele quis tomar a minha bola, (risos) eu tomei a bola dele e quebrei o braço dele... na brincadeira, mas quebrei. (risos)

Maria Aparecida: Você era forte! ... (risos) Ai meu Deus!... E como foi a sua educação além, da escola, fora dos muros da escola?

Janete: Fora do mundo da escola... Não tive nenhum curso, não fiz nada de... Não teve nada secundário de curso, assim não, de curso nenhum... Meu período escolar foi aquele acabou. Eu trabalhei, comecei a trabalhar com 17 anos e nunca parei

Maria Aparecida: Então, você falou que conheceu o curso, o projeto, você procurou o projeto mais pra conhecer pessoas?

Janete: Isso, correto.

Maria Aparecida: E que lembranças você traz do projeto?

Janete: Ah, lembranças boas... As meninas sempre com vontade de aprender, a gente viu uma comunidade muito carente, então o que viesse pra somar pra elas, pra ela ter uma renda, a gente via o brilho nos olhos delas, de querer aprender. E como eu já falei, não sou professora, eu me entusiasmava porque elas viam em mim a esperança de aprender alguma coisa e tudo o que eu soube e que eu sabia era que eu passei pra elas... Todos os detalhes, isso me deixa muito contente. Dá prazer de participar desse projeto!

Maria Aparecida: E como foi sua vida antes do projeto e depois do projeto?

Janete: Bem, a minha vida antes do projeto foi comum, nunca fiz nada parecido... Sou da comunidade também, trabalhava em projeto também, de assistência à comunidade, mas nunca tive oportunidade de ensinar nada nesse projeto, até que veio esse convite da Aparecida e lá me entusiasmei. Se tivesse outra oportunidade, voltaria fazer ou então continuaria fazendo, porque só foi essa oportunidade e parou. Mas se tivesse outras oportunidades com certeza eu abraçaria, porque é muito prazeroso.

Na época do projeto eu trabalhava com culinária fazia bolos para fora, pão de mel, trabalhava com salgados, então, o que eu aprendia eu passava para o próximo eu dividia esse conhecimento, mas apesar de que hoje em dia, eu não trabalho mais por causa da pandemia deu uma parada e surgiu muitos profissionais no mercado, dividiu muito essa área da culinária, então eu dei uma parada, mas na época foi bom pra mim passar o que eu aprendi no meu dia-dia para outras mulheres.

Eu trabalho numa comunidade que tem um no local de assistência a comunidade nesse local e tem curso de culinária e artesanatos, mas só que eles têm que ter um certificado. As pessoas que dão aulas lá, tem eu ter uma profissionalização eu no meu caso eu não sou profissional da área culinária. No projeto que eu participei da Cida, o projeto ArtCuli não necessariamente as pessoas que iam lá ajudar ao próximo tinha que ter um certificado. Eu entrei lá passando os meus conhecimentos não que eu estudei pra isso, não formei em culinária, mas todos os meus conhecimentos eu passei para aquelas mulheres que precisam de uma renda lá naquela época lá. Então, a diferença entre os dois cursos, dos dois projetos, era esse, porque eu trabalho em um projeto que precisa ter profissionais e eu não sou profissional. O projeto foi uma abertura para eu ensinar as mulheres, mas do meu jeito, não uma coisa obrigatória.

Maria Aparecida: Então o projeto teve um significado pra você?

Janete: Sim, sim. Foi um aprendizado pra mim.

Maria Aparecida: E hoje depois do projeto?

Janete: Depois do projeto nunca mais fiz nada parecido. Nunca mais ensinei nada, não participei de nada. Eu participo da igreja, mas não ensinando a fazer alguma coisa, só, assim ajudando na assistência social no que eu posso e de ensinamento nenhum, não passei a frente o que eu fui fazendo projeto.

Maria Aparecida: E nesse período de pandemia como que você viu?

Janet: Foi triste porque é paralisou praticamente todo projeto que a gente trabalhava aqui na comunidade, não tive mais oportunidade de fazer visitas, de ajudar o próximo por causa do contato, né, então foi um ano muito triste, muito parado na minha vida, totalmente parado, estacionado mesmo, sem sair de casa. Então, esse ano de 2021 é que da metade do ano estamos retornando as atividades, procurando as pessoas pra ver o que elas precisam qual ajuda que elas precisam, mas ainda está muito relativo à ajuda da igreja onde eu participo, então eu ainda não tenho contato com o mundo exterior.

Maria Aparecida: E hoje você mora sozinha?

Janete: Moro, moro sozinha. Tem dois anos que eu moro sozinha. Há 23 anos, 23/22 anos eu morava com a minha filha, mas ela casou tem uns dois anos, agora mora com o marido e eu moro sozinha.

Maria Aparecida: Muito bem. Muito obrigada, Janete, pela sua apresentação, falando do projeto, da sua experiência, das suas brincadeiras, como a escola, marcou você e que atualmente você não está fazendo nenhuma atividade em relação ao projeto? Mas que eu gostaria de realizar algo referente ao mesmo...

Janete: Sim, se tivesse oportunidade, com certeza abraçaria.

Maria Aparecida: Então, eu quero te agradecer, pela sua participação e se eu precisar de você com certeza eu vou te acionar.

Janete: Com certeza!

Maria Aparecida: Está bom! Muito obrigada!

Janete: Obrigada você.